

CEIERs – 40 ANOS

MEMÓRIAS AFETIVAS

Rainei Rodrigues Jadejiski
Aléssio Coco de Andrade
Erineu Foerste
(Organizadores)


EDITORA
SCHREIBEN

RAINEI RODRIGUES JADEJISKI
ALÉSSIO COCO DE ANDRADE
ERINEU FOERSTE
(ORGANIZADORES)

CEIERS – 40 ANOS:
MEMÓRIAS AFETIVAS



EDITORA
SCHREIBEN

2023

© Dos Organizadores - 2023
Editoração e capa: Schreiber
Imagem da capa: Yanadjana - Freepik.com
Revisão: os autores
Livro publicado em: 16/09/2023

Conselho Editorial (Editora Schreiber):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (UFPel)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Valdenildo dos Santos (UFMS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiber
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiber@gmail.com
www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C391 CEIERS – 40 anos : memórias afetivas. / Organizadores : Rainei Rodrigues Jadejiski, Aléssio Coco de Andrade, Erineu Foerste. – Itapiranga : Schreiber, 2023.
150 p. ; e-book + 16 x 23cm.
E-book no formato PDF e impresso.

EISBN [versão digital]: 978-65-5440-170-8
ISBN [impresso]: 978-65-5440-171-5
DOI: 10.29327/5313355

1. Educação rural. 2. Escolas rurais. 3. Centros Estaduais Integrados de Educação Rural - memória. I. Título. II. Jadejiski, Rainei Rodrigues. III. Andrade, Aléssio Coco de. IV. Foerste, Erineu.

CDU 37.018.51

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
EDUCAÇÃO DO CAMPO: 40 ANOS DOS CEIER's.....7	
<i>José Pacheco de Jesus</i>	
APRESENTAÇÃO	
UNIVERSO CEIERIANO: MEMÓRIAS QUE ETERNIZAM A HISTÓRIA.....12	
<i>Rainei Rodrigues Jadejiski</i>	
<i>Aléssio Coco de Andrade</i>	
<i>Erineu Foerste</i>	
SOBRE O ATO DE NARRAR: HISTÓRIAS NOSSAS HISTÓRIAS.....14	
<i>Aléssio Coco de Andrade</i>	
<i>Virgínia Miranda Pereira</i>	
UMA DÉCADA DE MEMÓRIA PARA QUATRO DE HISTÓRIA.....20	
<i>Ilka Carla Cars</i>	
UMA PORÇÃO DE PACIÊNCIA EM MEIO AO MAR AGITADO.....24	
<i>Gleidiane dos Santos Ferreira</i>	
VIVÊNCIAS QUE MARCAM HISTÓRIAS.....27	
<i>Aulira Lemke Alves Rossini</i>	
ELOS DA HISTÓRIA ENTRE O CEIER ÁGUIA BRANCA E O ASSENTAMENTO TREZE DE MAIO.....29	
<i>Ana Miranda Costa</i>	
CEIER – ESCOLA DA VIDA.....32	
<i>Arlete Rosa Gobbi de Almeida</i>	
AINDA ESTOU POR CÁ.....35	
<i>Gilvanete Lisboa dos Santos</i>	
UM OLHAR ESTUDANTIL SOBRE O CEIER DE ÁGUIA BRANCA NOS ANOS DE 1996 A 2000.....37	
<i>Camila Diirr Febroni de Oliveira</i>	
UMA ESCOLA APAIXONANTE.....41	
<i>Carmem Helena Gobbi de Lasari</i>	

RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TEMPO DE PANDEMIA.....	45
<i>Jaiany Pereira</i>	
MEMÓRIAS DE 7 ANOS DE EMANCIPAÇÃO VIVENCIADOS NO CENTRO ESTADUAL INTEGRADO DE EDUCAÇÃO RURAL DE ÁGUA BRANCA.....	48
<i>Edimar Almeida da Cruz</i>	
A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR: UM RELATO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO CEIER DE VILA PAVÃO	52
<i>Guilherme Alves Pereira</i>	
CEIER: UMA ESCOLA QUE TRANSFORMA VIDAS.....	56
<i>Francielly Vieira de Brito</i>	
RENASCENDO EM VERDE: MEMÓRIAS DO REFLORESTAMENTO DE UMA NASCENTE COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO CAMPO.....	59
<i>Janacélia Andrade Lacerda Destefani</i>	
VILA PAVÃO: A CIDADE QUE NASCE EM UMA ESCOLA DO CAMPO.....	62
<i>Jorge Kuster Jacob</i>	
CIER DE ÁGUA BRANCA: EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS.....	65
<i>João Carlos Juliatti</i>	
UMA VOLTA AO TEMPO ESCOLAR CEIER!.....	68
<i>Lorrâna Miranda Wolfgran</i>	
CEIER: ESPAÇO DE CRIATIVIDADE E INSPIRAÇÃO.....	71
<i>Sidnei Vinturino</i>	
VÍNCULOS QUE TRANSFORMAM.....	75
<i>Mateus Armani</i>	
UMA LÍDER DE EXCELÊNCIA.....	78
<i>Gleidiane dos Santos Ferreira</i>	
PASSOS MARCADOS NO TEMPO: MEMÓRIAS DE UMA CRIANÇA.....	81
<i>Renan Elvis Crivellaro</i>	
CEIER: PLANTANDO E COLHENDO MEMÓRIAS.....	85
<i>Taysnara Rodrigues Hastenreiter Souza</i>	

EQUIPE CEIER DE ÁGUIA BRANCA: DOAÇÃO SEM LIMITE.....	87
<i>Maria Aparecida Quiuqui de Abreu</i>	
CEIER VILA PAVÃO: UMA TRAJETÓRIA, DE LUTAS, CONQUISTAS E APRENDIZADO.....	90
<i>Carla Lidiane Oliveira de Souza</i>	
CEIER: MAIS QUE UMA ESCOLA UMA FAMÍLIA.....	93
<i>Angélica Fornazier</i>	
ASSIM COMEÇOU O CEIER.....	95
<i>Dulcino Bento Zucateli</i>	
CEIER ÁGUIA BRANCA: UM ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E AMOR NUM ESPAÇO AGROECOLÓGICO.....	98
<i>Aldivania Alves Salvador Wernz</i>	
MINHAS MEMÓRIAS, MINHAS HISTÓRIAS.....	102
<i>Claudiney Helmer</i>	
A CASA DOS PROFESSORES.....	106
<i>Natália de Souza Furtado</i>	
NO TEMPO DO CIER: MEMÓRIAS DE UMA ALUNA QUE SE TORNOU PROFESSORA.....	108
<i>Jorcy Foerste Jacob</i>	
CEIER BOA ESPERANÇA: AFETIVIDADES E MEMÓRIAS DE QUEM SOU.....	112
<i>Ronald da Silva Alves</i>	
CEIER! CEIER! CEIER!.....	116
<i>Maria Aparecida da Silva</i>	
MEMORIA AFETIVA EM COMEMORAÇÃO AOS 40 ANOS DOS CEIERs.....	118
<i>Hudson Guimarães Rodrigues</i>	
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA AULA COLETIVA NO CEEIR DE VILA PAVÃO.....	120
<i>Jorge Kuster Jacob</i>	
ENTRE ÁRVORES E SOMBRAS.....	123
<i>Ana Maria Ptak</i>	

CENTROS DIGITAIS – UMA PARCERIA REAL ENTRE O CEIER E A SEAG.....	127
<i>Vinicius Soares da Costa</i>	
OFICINA DE CAPOEIRA DO CEIER: UMA HISTÓRIA PARA A VIDA.....	130
<i>Fernando Alexandre Furtado dos Reis</i>	
POSFÁCIO	134
<i>Roberto Telau</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	137
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	147
ÍNDICE REMISSIVO.....	148

PREFÁCIO

EDUCAÇÃO DO CAMPO: 40 ANOS DOS CEIER'S

José Pacheco de Jesus

A ideia desse livro nasceu na “Carta de Nova Venécia - ES” proveniente do “Seminário Estadual do CEIER: 35 anos fazendo história de Educação de Campo” (2016). Quando os sujeitos dessa história se alvoraçaram, logo dispostos a registrar os fatos, elaboraram o livro anterior: *Educação do Campo – 35 anos dos CEIER's: Culturas, Saberes e Pesquisas* (Foerste; Pacheco de Jesus, 2020).

Aquele livro de 2020 fez com que este buscasse registrar mais do que uma história. É a biografia viva construída, por educadores e seus educandos, em 40 anos de ensino na Educação Campo nos Centros Estaduais Integrados de Educação Rural (CEIER's). Ele traz o propósito de publicizar vários relatos, experiências e pesquisas educacionais realizadas no/do cotidiano dessas instituições de ensino nos contextos camponeses do noroeste do Estado do Espírito Santo, Brasil.

Este compêndio sinaliza novas oportunidades de refletir sobre a *práxis* pedagógica realizada nos contextos do campesinato brasileiro. Nele, o leitor se sentirá verdadeiramente dentro do espaço/tempo¹ da realidade de vida da comunidade rural e do seu processo educativo. Isto transcende esse contexto, pois, na verdade, para além da educação agrega outros conhecimentos e ensinamentos em suas histórias de vida. Sim. É incrível ler e perceber como os autores/atores aqui apresentam com tanta emoção, dignidade e intensidade suas perspectivas de vida e de pertencimento dentro/fora da escola/comunidade camponesa.

Mais do que pensar em escolas, como afirmam carinhosamente os autores e seus personagens do local, os “Centros” representam, nesses 40 anos de história, significativas marcas vividas, vivenciadas e experimentadas no processo educacional junto as suas comunidades camponesas do noroeste capixaba. É nessa perspectiva, de viver de fato esse processo em comunidades rurais, que, neste livro, os leitores encontrarão oportunidades de refletir e abrir novas percepções da teoria/prática para elaborar outras concepções e pesquisas diante dos vários olhares pedagógicos, apontados aqui, sobre a Educação do Campo.

¹ Usamos essa terminologia, com a “barra” (/) ao preterir o hífen (-), a fim de evitar a dicotomia e não dissociar as suas concepções etimológicas.

Nisso, o livro se apresenta como excelente oportunidade para todos os leitores sentirem que, de um modo ou de outro, podem se identificarem nele em algum momento de suas vidas. Pois, a vida é contínua. Feita de persistências e resistências. Mas, como subsistir e persistir nesse processo ao longo dos anos?

Continua. A história segue. Os 40 anos dos CEIER's persistem e resistem na Educação do Campo. Os "Centros" continuam no movimento educacional dos seus idealizadores desde os anos 80. Eles se constituem como marco exclusivo da educação capixaba diante dos desafios de promover o "aprender/ensinar" (Freire, 2009) dentro da realidade camponesa. Ela é cultivada, refeita e reorganizada pelo coletivo dessa comunidade. Grande parte dessa história se faz registrada neste livro. Construída "a várias mãos" (Brandão, 2003). Ela é incessantemente, ao longo desses 40 anos, construída como um projeto político pedagógico diferenciado por meio das suas reflexões problematizadoras. Onde o Tema Gerador provoca o contexto camponês nas suas práticas agroecológicas a encontrar caminhos alternativos ao currículo oficial. Outros caminhos para que? É possível trazer outras práticas educativas evidenciadas a partir do sentimento de pertença, dos movimentos de parcerias e dos enfrentamentos ao processo de exclusão socioeducacional? Mais que 40 anos de *práxis* pedagógica, os CEIER's trazem marcas históricas de vidas no/do campo capixaba.

Nos "Centros Educacionais" a vida é latente e socializada na *práxis* pedagógica desde quando eles nasceram: primeiro no município de Boa Esperança (CEIER/BE-ES) em 1982; no ano seguinte, em 1983, surge o segundo em Vila Pavão (CEIER/VP-ES) e o terceiro "Centro" em Águia Branca (CEIER/AB-ES). Nasceram. Sim. E daí? A interação dialógica no espaço/tempo de cada um deles ocorre? Parece que os fazeres e saberes dos seus estudantes são formas dinâmicas do próprio exercício didático da epistemologia da prática docente que, por meio de atividades agroecológicas, buscam os saberes no seu "fazer/saber" (Tardif, 2010). Ali, sempre se fez presente a premissa de que o processo educativo interdisciplinar, permeado pela agroecologia e a agricultura familiar, é primordial para intensificar as parcerias colaborativas e aprimorar a "relação homem/natureza" (Foerste, 2005) como princípio da formação humana.

Essa concepção de vida, de homem do campo e de natureza parece estar arraigada nos CEIER's desde as suas origens. As famílias dos trabalhadores rurais, as comunidades camponesas, os movimentos sociais local e regional, assim como as parcerias institucionais e religiosas daqueles três municípios capixabas dos anos 80 já tinham algo a ver com esses princípios de humanização. Onde, quase todos esses agentes buscavam um objetivo similar: manter os seus filhos perto da família e repassar seus laços socioculturais de geração em geração. Organizaram os movimentos e as lutas para criarem os "Centros" no ensino de

“aprender a reescrever a História através da sua história” (Brandão, 2003). E isso pode ser percebido com uma riqueza de detalhes em praticamente todos os relatos trazidos pelos autores/atores que tiveram suas experiências e vivências dentro e fora do espaço/tempo dos CEIER’s e as relatam neste compêndio.

A atividade de aprender, de fazer e de reconstruir saberes apropriados no decorrer da história de vida de cada trabalhador rural/urbano, profissional/educacional e/ou empírico/científico pode ser um processo que bem exige mais do que as palavras e ensino. Pois, faz-se necessário entender que no exercício do trabalho humano, desde o mais elementar, incluindo até mesmo aquilo que é de rotina, de certo modo também previsível, certamente vai exigir do trabalhador um “saber e um saber/fazer” (Tardif, 2010). Para além das palavras, há de se ter em mente de que não existe o trabalho, assim apropriado por ele, sem que exista um trabalhador que verdadeiramente o saiba executá-lo.

E aí, é preciso que “se saiba pensar, produzir e reproduzir as condições concretas de seu próprio trabalho” (Tardif, 2010). Assim, o trabalho e a palavra se encontram intimamente ligadas, fundem-se como uma espécie de amálgama para expandir a ideia do sujeito que pensa e cria as palavras e do trabalhador que a põe em prática. Parece que isso já ocorria no pensamento da comunidade camponesa do noroeste capixaba quando, nos anos 80, pensaram em criar uma escola com a identidade da cultura social e familiar do homem do campo. Isso é, de certo modo, imaginaram construir um espaço/tempo escolar onde seus filhos pudessem se tornar mais do que um trabalhador/pensador. E nesses 40 anos de história os CEIER’s se colocam diante desse desafio de persistir nessa identidade de formar seus educandos como trabalhador rural/urbano, como ser humano/cidadão e, também, como “um ator que utiliza, mobiliza e produz os saberes de seu trabalho” (Tardif, 2010). Quais palavras poderiam fomentar essa identidade?

Por mais que as palavras, nos relatos de cada autor desse livro, possam esclarecer os seus momentos e os seus sentimentos vividos nesses “Centros Educacionais”, para o leitor, torna-se um pouco difícil de vislumbrar o que eles significam para região noroeste do Estado do Espírito Santo. Diria, até mesmo, de descortinar uma ideia do que é um cenário de imagens homem/natureza e sensações do homem do campo ao conviver num lugar com a paisagem de paz e harmonia com ambiente em que se vive. Embora, na vida “o homem é vivente com a palavra” (Larrosa, 2004), por outro lado, há que se cuidar de cada uma dessas palavras para que elas não se impliquem como tradução de “atividades ocas ou vazias”. E que se transformem num “mero palavrório”.

Nessas perspectivas de construir conhecimento, compartilhar saberes/fa-
zeres e dar sentido de vida às palavras que acredito nas mensagens dos autores dos textos deste compêndio. Esse é, sem dúvida, um dos desafios dos relatos

e experiências publicizada aqui pelos atores/autores das histórias vividas nos CEIER's. Pois, é muito comum encontrar nos textos apresentados as expressões como: transformação, acolhimento, humanização, alegria, divertimento, compartilhamento, família, interação, envolvimento, empatia, pertencimento e parcerias que são algumas das palavras sempre presentes nos relatos de professores, alunos, diretores, coordenadores e pedagogos, além de mães e parceiros que conviveram, (vários ainda convivem) e/ou trocaram experiências educacionais e socioculturais nas comunidades dos três CEIER's.

Nesse ambiente acolhedor socioeducacional, de convivência de prazer, na inter-relação professor e estudantes dos “Centros” com a participação no trabalho em grupo, na troca de experiências, no exercício de atividades saudáveis e delegação de responsabilidades, com companheirismo no fortalecimento institucional e na formação profissional, que se pode pensar, trabalhar para fazer da teoria/prática e enfatizar que palavras, nesse sentido, podem produzir a *práxis*. Onde o ambiente pode propiciar o desejo das palavras em busca do “fazer do sujeito da práxis um sujeito real, isto é, passar do plano do Absoluto a um plano humano” (Sánchez Vásquez, 2011). Será isto factível dentro da rede pública de ensino?

Essa busca do crescimento coletivo, construído através do compartilhamento de experiências, sem abandonar os costumes e as tradições familiares e culturais, é que os atores/autores deste livro se propuseram a escrever para ilustrar os 40 anos de história dos CEIER's. São experiências de fatos vivenciados por cada um deles nos seus respectivos tempos nessas instituições de ensino.

Experiências adquiridas nessa trajetória educacional que já despertaram o Grupo de Pesquisa (CNPq) “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” em dissertações e tese de pesquisas acadêmicas na UFES. Pois, há inquietações permeadas pela sua metodologia *sui generis* no intuito de valorização do homem do campo. Uma metodologia própria em que os CEIER's provocam a “epistemologia da prática docente” (Tardif, 2010) no sentido de buscar a transformação da “curiosidade ingênua” em “curiosidade epistemológica” (Freire, 2009). Onde esse processo freiriano usa o Tema Gerador como forma de “aprender/ensinar/aprender” para se efetivar a prática/teórica como se buscasse construir uma nova pedagogia. A “Pedagogia Ceieriana” (Pacheco de Jesus, 2020). Quem sabe, nessa busca, pode persistir no surgimento de uma *práxis* mais enraizada com as origens dos CEIER's? Uma alternativa de “aprender/ensinar” mais próxima da realidade dos seus estudantes, dos trabalhadores rurais e das suas comunidades camponesas. Oxalá, isso seja factível e viável para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador.** São Paulo: Cortez, 2003.
- FOERSTE, Erineu. **Parceria na formação de professores.** S. Paulo: Cortez, 2005.
- FOERSTE, Erineu. Discussões acerca do projeto político da Educação do Campo. In FOERSTE, Erineu; SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Margit; DUARTE, Laura Maria Schneider (Orgs). **Por uma Educação do Campo: Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo.** Vitória: PPGE-UFES, 2008, p. 75-126.
- FOERSTE, Erineu; PACHECO DE JESUS, José (Orgs). **Educação do Campo: 35 anos dos CEIER's – Culturas, Saberes e Pesquisas.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 39. ed. (1. ed. 1996). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 16. ed. (1. ed. 1992). São Paulo: Paz e Terra, 2009b.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PACHECO DE JESUS, José. **A práxis pedagógica no CEIER: Um estudo em Educação do Campo e agricultura familiar em Vila Pavão – ES.** 2012. 246f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2012.
- PACHECO DE JESUS, José. Educação do Campo: as potencialidades e os desafios dos CEIER's. In: FOERSTE, Erineu; PACHECO DE JESUS, José (Orgs). **Educação do Campo: 35 anos dos CEIER's – Culturas, Saberes e Pesquisas.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2020, p. 147-169.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis.** Trad. Maria Encarnación Moya. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

APRESENTAÇÃO

UNIVERSO CEIERIANO: MEMÓRIAS QUE ETERNIZAM A HISTÓRIA

Rainei Rodrigues Jadejiski

Aléssio Coco de Andrade

Erineu Foerste

Em meio ao tempo transcorrido, há as vivências experienciadas. As memórias que ficam são frutos desse tempo que é acelerado e não abre espaço para o retorno do que um dia foi vivido. O tempo nos joga para o futuro com a perspectiva de experienciar o novo. A curiosidade que nos inquieta nos coloca sempre à frente do que podemos viver no hoje... O futuro torna-se mais interessante. E o que fazer com o passado? E a trajetória? E as memórias? Perdem-se no tempo desenfreado?

O que fora vivido ocupa posição em nossa existência, mesmo que algumas vivências insistam em aflorar quando a intenção é mantê-las adormecidas ou distantes dos pensamentos do presente. Há memórias que são revisitadas a todo instante, pois a doçura da lembrança traz alento e calma, além de visitar pessoas amadas, lugares incríveis, sentimentos pacificadores, emoções intensas...

Apresentamos aos leitores a obra *CEIERS – 40 Anos: Memórias Afetivas* com o intuito de rememorar as mais singelas lembranças de pessoas que ajudaram e ajudam a construir cotidianamente a história dos Centros Estaduais Integrados de Educação Rural (CEIERS). O tempo apontou para a demarcação de momentos históricos, ao passo que permitiu que intensas vivências pudessem ser registradas e interiorizadas em cada ser que edificou a história não-cronológica de um espaço que foi ponto de encontro de muitos olhares, passos, gerações, encontros tenros, encontros tensos, mas, encontros.

As memórias deste livro são fruto da experiência de pessoas que possuem vínculo afetivo com essas instituições escolares, de sujeitos foram tocados pela Educação do Campo feita pelos CEIERS. Desfrutemos deste universo narrativo com a percepção de que as memórias afetivas são parte da essência dos que se dispuseram a relatar suas lembranças para que nós, leitores, aproximássemos de pensamentos que viajaram no tempo. Cabe-nos aproximarmos dessas

lembranças com o devido cuidado de que a história do outro é para além do *eu leitor*, de nossos julgamentos de olhares e sentimentos. O que o outro nos traz é a arte do encontro (Larrosa, 2002).

REFERÊNCIA:

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

SOBRE O ATO DE NARRAR: HISTÓRIAS NOSSAS HISTÓRIAS

Aléssio Coco de Andrade¹

Virgínia Miranda Pereira²

*Contar é tão dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balance, de se remexerem dos lugares...
(Guimarães Rosa, 1985)*

Buscamos em Guimarães Rosa a inspiração para iniciar esse diálogo. Contar a vida é dela se (re)apropriar, reorganizando os caminhos percorridos, o que significa ser mais do que revivê-los. Trata-se, por conseguinte, de expandir as possibilidades de (re)inventar diferentes modos de ser e estar no mundo. É por intermédio “das coisas passadas” que podemos compreender como mobilizamos os conhecimentos, construímos valores e modelamos nossa identidade no diálogo que estabelecemos com os diversos tempos e contextos que, diariamente, experimentamos.

Ao assumir as narrativas das histórias de vida como pano de fundo, compreendemos que é necessário desenvolver uma leitura ativa, atenta, sensível, delicada, aberta para aprender com o outro. Posto isso, entendemos que o maior desafio é saber como interpretar a interpretação, compreender a compreensão que as pessoas se constroem de suas próprias experiências. Nos termos de Delory-Momberger (2012, p. 528), “O que se faz com essa palavra do outro?”.

Tal reflexão nos leva a perceber a complexidade e o desafio que é “falar de si, refletir sobre si mesmo, de ‘fabricar uma história de si’” (Passeggi, 2016, p. 71), uma vez que a nossa travessia na contemporaneidade tem se constituído por um emaranhado de experiências vivenciadas durante toda a existência.

Partimos do pressuposto que narrar remete a relembrar experiências cotidianas significativas que, ao serem narradas mais uma vez, reconstroem-se, apresentando novas possibilidades a histórias já conhecidas, na medida em que traz à tona memórias, afetos, desafetos, alegrias, tristezas, diversas e diferentes emoções.

Dessa maneira, buscamos sustentação nas ideias de Larrosa (2002) para quem o ato de narrar significa dar forma às palavras, quando afirma que “[...]”

1 Mestrando em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFES.

2 Mestranda em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFES.

as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (Larrosa, 2002, p. 20-21). Isso nos faz refletir no poder e na força das palavras, “[...] somos viventes com palavras, elas nos fazem, nós a fazemos e, nesse movimento, (re)construímos o mundo” (Bragança, 2018, p. 66)

Reiteramos, portanto, a potência e a força das palavras, sejam elas escritas ou narradas, na construção do sentido que vamos dando às experiências de nossa travessia, dado que

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (Larrosa, 2002, p. 21).

Narrando a vida em palavras, reconstruímos nossas experiências suscitando a criação de novos elementos que auxiliarão na compreensão das ações e das tomadas de decisão. São as narrativas que constroem o tempo, dão vida às palavras e sentido às vozes dos narradores, que por sua vez organizam e recriam experiências, tornando possível o viver e o compartilhar a vida.

A narrativa evidencia novas reflexões. O narrar permite trazer à memória o que fora vivido outrora, bem como “nos coloca virados para o futuro e não para o passado, pois, a partir do que fora visto é que surgem novas utopias e possibilidades de olhares” (Nóvoa, 1992, p. 24). Sendo assim, a narrativa vai além do que se vê, o que implica dizer que a narrativa é fruto do que se sente, do que comove, arrebatava. Há na percepção do narrador algo que é único e imutável. Ficando a cargo das lembranças o reviver das experiências vividas.

O ato de narrar vem se consolidando ao longo da história da humanidade como uma forma de compartilhar saberes e cosmovisões de mundo, colaborando para a continuidade da vida em sociedade, pois é a partir das realidades vividas que o mundo é construído pelos sujeitos (Freire, 1992). Quando alguém compartilha suas experiências de vida, cria-se uma atmosfera de empatia, ao passo que o que é narrado deixa de ser íntimo e passa a constituir uma rede coletiva de conhecimentos, permitindo o compartilhamento de saberes e fazeres entre as pessoas e seu entorno. Desse modo, as narrativas contribuem para a perpetuação das tradições, dos costumes e da cultura, conectando diferentes gerações em tempos e espaços distintos.

Numa aproximação com as ideias larrosianas, percebemos que as experiências que vivemos e com as quais vamos acumulando histórias, relações, memórias e atravessamentos ao longo da trajetória de vida vão tomando corpo em nós, forjando-nos.

A vida, como a experiência, é a relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fizemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. (Larrosa, 2019, p. 74).

São as experiências, entretecidas ao longo da vida, forjadas na força do que nos passam, marcam, atravessam e transformam (Larrosa, 2002) inscritas na memória, que retornam pela narrativa, não como mero relato, mas como (re) criação, (re)construção. Desse modo, “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamin, 1987, p. 198). A experiência é, portanto, a fonte da narração e dos narradores. O narrador retira da experiência o que conta e, por outro lado, incorpora sua narração à experiência dos ouvintes, como “a mão do oleiro na argila” (Benjamin, 1987, p. 205)

Se a experiência, tomada pela reflexão de Larrosa (2002), em diálogo com Benjamin (1987), é algo que atinge e fica no sujeito, efetuando-se em uma dimensão sensível e que se transmuta em desejos, práticas, reflexões e outros estados de ser, pensar e fazer, mobilizando forças vitais do corpo, mente e espírito. Podemos perceber que narrar as experiências é uma forma poderosa de compartilhar momentos únicos com outras pessoas, pois permite ao narrador uma conexão emocional, dialógica e empática com o outro tornando o diálogo mais envolvente e cativante.

Esse processo de narrar histórias é objeto das reflexões de Benjamin (1987), quando nos alerta para a riqueza da arte da narração como produtora de sensibilidades capaz de tocar e levar o outro a um estado de mergulho na história. Seus escritos corroboram no alargamento do tempo da experiência pela narrativa e o campo da crítica à modernidade avançada que, em alguma medida, invisibiliza as potentes histórias narrativas dos sujeitos, com as quais, em muito contribui nas transformações de si e na tessitura da sociedade.

Dimensões essas que se tornam importantes, em tempos cada vez mais engolidos pela força hegemônica do capital, pelo aligeiramento das vidas humanas e pelo tempo que impõe aos sujeitos um ritmo frenético, que prejudica e muitas vezes leva à inibição da experiência, do diálogo, da partilha, do encontro e da possibilidade de refletir sobre si mesmo. Sob tal ótica, recorreremos novamente a Larrosa (2002), para quem a experiência está na possibilidade de que, para que algo nos aconteça, é necessário parar. Parar para pensar, olhar, escutar,

pensar mais devagar, cultivando a fruição do encontro do com os outros, dando-se tempo e espaço.

Essas reflexões sugerem a necessidade de sairmos do piloto automático e nos abriremos para que as coisas aconteçam, pois acreditamos que a experiência é o que nos acontece, é o que nos forma e, em alguma medida nos (trans)forma, constitui nossa maneira de ser e estar no mundo, ou seja, configura nossa pessoa e nossa personalidade (Larrosa, 2019) e assim, pode ampliar a nossa capacidade de reflexão e aprendizado.

As narrativas, para além das palavras, são vividas por meio das expressões artísticas, dos gestos corporais, dos símbolos e do entrecruzar de olhares. Narra-se o que é sentido. Narra-se o que sufoca. Narra-se o que vibra no peito. Narra-se o oculto. Assim como em uma narrativa literária, a vida de alguém pode ser cheia de reviravoltas, surpresas e escolhas que moldam o destino. Algumas experiências podem parecer emocionantes como clímax, enquanto outras podem ser momentos de reflexão e crescimento.

Desfrutemos, portanto, desse universo narrativo com a percepção de que as narrativas aqui trazidas são parte da essência de muitos outros que se dispuseram a narrar suas lembranças para que nós, leitores, aproximemos-nos de seus pensamentos, pois é voltando para si por meio das lembranças e narrando as experiências que mais se tornaram significativas que as histórias de vida ganham centralidade, enredo, sentidos e emoção, proporcionando, em alguma medida, inspiração para que novas aprendizagens sejam construídas.

Por assim entender, lançamos mão ao que diz o escritor José Saramago quando, em seu livro “Viagem a Portugal”, leva-nos a refletir sobre a importância que outros olhares podem dar a um lugar já visitado, mas que podem ser transformados quando são observados a partir de outros recortes, de outras narrativas, uma vez que

É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite [...]. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomençar a viagem. Sempre. (Saramago, 2007, p. 476)

Essa é, portanto, uma travessia despretenhiosa, que busca falar de experiências vivenciadas ao longo da trajetória da vida, de outros modos de olhar, pensar, refletir, sobre a Educação do Campo para, assim conforme salientam Larrosa e Kohan (2019, p. 6), buscarmos, quem sabe, “ampliar nossa liberdade de pensar a educação e de nos pensarmos a nós próprios, como educadores”, dado que aos nossos olhos, uma coisa que nos impulsiona a pesquisar e escrever “[...] é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras,

nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo” (p. 6).

Realizar um trabalho com as perspectivas apresentadas neste livro reflete-se no poder de (trans)formação e ressignificação das experiências do passado que vão se desdobrando em projetos de futuro. Essas experiências ganham diferentes e diversas significações, refletindo na maneira como os sujeitos tecem a trajetória de vida e que, certamente, não se trata de uma panaceia, nem de uma única trilha, mas de um percurso possível, que nos aventuramos a percorrer aqui.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. 1987.

BOLÍVAR, Antonio Boíta. “¿De nobis ipsis silemus?”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>. Acesso em 09 ago. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Acesso em: 09 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

GALZERANI, M. C. B. **Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA, 3., Campinas, 1999. Anais... Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação da UNICAMP, 1999. p. 99-108.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico.** Roteiro, v. 41, n. 1, p. 67, 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 09 ago 2023.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª ed. 4. reimp. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge & KOHAN, Walter. Apresentação. In: LARROSA, Jorge.

Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UMA DÉCADA DE MEMÓRIA PARA QUATRO DE HISTÓRIA

Ilka Carla Cars¹

Memória. Palavra provinda do latim, substantivo feminino; bem pequena e de fácil pronúncia, porém, com copiosos significados. Seria incrível poder me lembrar de tudo que ocorreu no passado, cotidiano e de cada amanhecer, mesmo isso não sendo possível segundo a ciência. Recentemente, em uma tarde estava lendo uma revista que minhas filhas gostam muito, a Superinteressante, e vi em um dos artigos que, em sua maior parte, nosso cérebro costuma escolher o que e como será guardada nossa lembrança no subconsciente, desde detalhes positivos e negativos da rotina do ser humano na sociedade atual.

Pesquisando mais a fundo, que mais me pareceu curioso, foi o fato de traços afetivos estarem ligados a recordações e momentos especiais, sons e objetos sensoriais; logo me veio à mente diversas lembranças vividas no Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca, CEIER, lugar de risos, choros, lutas e vitórias que fazem parte da minha história e ficará sempre na minha memória.

Tudo começou no ano de dois mil e onze por um descuido ou pelo acaso errei minha inscrição para o processo seletivo de designação temporária para a escola Águia Branca. Não sou muito boa em tecnologia, eu admito, e, ao solicitar a instituição de ensino, uma troca ocorreu e o cadastro foi à escola do São Pedro, nome assim que chamávamos o CEIER em minha cidade. Estava apreensiva e com medo de como faria parte daquela instituição que busca por uma educação do campo com qualidade, já que não havia trabalhado com a maior parte dos profissionais que ali estavam, ou teria realizado aulas com tantas faixas etárias antes.

Logo, no ano de dois mil e doze, precisamente no mês de fevereiro comeci a fazer parte do corpo docente daquela escola e tive o maior privilégio de ser acolhida pelo querido e amável diretor Paulo Pillon, por quem já tinha uma admiração. Por várias vezes presenciei e ouvi contar histórias, juntamente com seus “causos” que me fascinavam, com sua simplicidade e espontaneidade que eram tamanhas. Paulo ao longo dos anos tornou-se um grande amigo e foi um dos meus maiores exemplos como gestor, não apenas por acreditar que era possível fazer transformações que pudessem fortalecer a educação do campo, mas

¹ Ex-professora de história (2012 a 2019) e ex-diretora (2020 a 2022) do CEIER de Águia Branca.

também por não mudar seu jeito de pensar, mesmo não sendo por muitas vezes compreendido por alguns. Mostrou-me que o companheirismo e a humildade deveriam caminhar sempre juntos em prol dos estudantes e da comunidade, que todos ali éramos uma família.

Assim se iniciou um amor à primeira vista por aquela escola. Muitos rostos, cheiros e cores me vêm à mente daquela época. Com relação a nomes, lembro-me dos Armani, Silva, Oliveira, Ferreira, Souza, Pereira, Destefani, Forza, Canal, Breda, Faltz, Telek, Bolsoni, Pilon, Puppini, Gobbi, Scaldaferrro, Miranda, Calezani, Amici, Maria, Borges, Coutinho, Pinheiro, Schieltz; ainda faltariam letras no alfabeto para todos descrevê-los, são pessoas que não perdi da mente enquanto viver. Conheci ali também o verdadeiro Severino, que se chama Nicomedes e sua história está ligada a memória como uma das raízes firmes do CEIER, pois desde o começo está presente naquele lugar. Nico, como carinhosamente todos o chamam é um senhor de respeito, é querido por todos que o conhece, às vezes meio turrão, mas que está sempre pronto a ajudar, seja dia ou noite, sem se preocupar com hora extra ou fora do horário. Tem também a dona Maria, para muitos tia Maria, que sempre ouvia a todos e com muito carinho procurava ajudar.

Percebi logo ali que teria que passar por uma transformação, pois vi que aquela escola era diferente de todas que havia trabalhado. Não apenas por seu espaço, pela beleza do verde em volta, mas justamente por logo de cara ouvir as palavras como tema gerador, mística, auto-organização, visita de estudos, pesquisa da realidade, dia de campo, colocação em comum e mutirão... tudo me dava ânimo para melhorar como profissional.

As pessoas em minha volta e os estudantes curiosos me fizeram repensar como fazer e o que fazer para entender e ensinar de forma mais clara. Passei então todo aquele ano aprendendo em como compreender aquela organização e em de formas mais variadas destacar sobre o passado, transmitir informações do presente e, de quebra, os tentar fazer refletir o futuro com as minhas aulas de História, entendendo que eles são os protagonistas desta história.

Ao longo dos anos em que estive presente naquela escola procurei me adaptar e planejar minhas aulas com muita responsabilidade e esmero e tive a oportunidade de me tornar Professor Coordenador da Área de Ciências Humanas e Sociais (PCA), que me possibilitou um trabalho de diálogo mais profundo com os professores que fazem parte desta área e para além das outras, buscando fortalecer a dinâmica da educação do campo, que priva pela construção da aprendizagem a partir da realidade do educando. Também fiz parte da equipe mediadora do Tema Gerador, propiciando assim um maior envolvimento nas atividades propostas pelos estudantes e toda equipe escolar, fortalecendo

assim, o desenvolvimento das aulas através da teoria e da prática. Em janeiro de dois mil e vinte, após processo seletivo de diretor, tornei-me gestora do CEIER, muito feliz com essa conquista, onde não imaginava que seriam os momentos mais difíceis e angustiantes de nossas vidas e da escola, pois em março tudo se fechou, foram dois anos de pandemia. Durante esse tempo percebi como era importante os anos que havia trabalhado na escola, pois já conhecia as famílias e suas realidades. Foi necessário manter o vínculo através das APNPs e das cestas básicas, que se tornaram momentos de encontros com as famílias.

Durante os dez anos em que permaneci na escola aprendi mais do que ensinei. Por exemplo, aprendi que a colheita do café é o momento em que muitos estudantes faltam aula para ajudar suas famílias; e que, durante as chuvas, os professores são necessários para precaver e ativar o plano B, pois nem sempre todos estarão presentes. Aprendi também que, nos mutirões, que era uma das dinâmicas da escola que mais gostava de participar ou organizar, uma vez que todos se envolviam em atividades que faziam parte do cotidiano dos estudantes e de suas famílias, realizam-se ações para o cuidado com a escola seja na capina, limpeza da pocilga, do aviário, da cunicultura ou ainda na colheita do café, dependendo do período a ser realizado e que fazem parte daquela região e que são muito importantes para despertar em todos a empatia e a sensibilidade. Era fortalecida assim a interdisciplinaridade, pois nos permite dialogar sobre vários temas ao mesmo tempo, ou seja, a teoria com a prática. Sempre após essa dinâmica, havia o momento da confraternização em que se fazia uma reflexão sobre a importância da mesma na comunidade, da realidade em que viviam, entendendo que eram nesses momentos que despertamos em nossos estudantes o sentido de pertencimento.

É indubitável também destacar, que aconteciam também os mutirões nas áreas de Linguagem e Matemática, em que professores de todas as áreas e estudantes se juntavam para melhorar o aprendizado daqueles que tinham uma certa dificuldade em dominar a leitura, a escrita e interpretação de textos e os cálculos matemáticos, confirmando a ideia de que todos deveriam fazer parte do processo ensino-aprendizagem.

Descobri que era comum os animais das aulas práticas de Zootecnia, que estudavam sobre os mesmos, terem nomes de pessoas que fazem parte da escola ou de seu entorno, escolhidos pelos discentes. Lembro-me que os porcos e os coelhos eram os mais “batizados”, e pasmem... havia a porca Ilka, que fora escolhida por ser uma das mais velhas e bravas, o que considero mera coincidência, por incrível que pareça! Fiquei muito feliz por ter tido essa tão estranha homenagem, pois percebi que era uma maneira carinhosa de dizer que havia criado laços com todos ali presentes. Mas a homenagem não parou por aí. Em

dois mil e dezenove, também fui surpreendida pela turma da terceira série na formatura, usando um dos meus métodos de prestar atenção em sala, que era contar um, dois e três, onde todos ficavam em silêncio durante as aulas. A felicidade naquele segundo observando que os jovens com quem trabalhei guardaram com carinho até os pequenos gestos do dia a dia, juntamente com esses pequenos detalhes que tem tamanho significado, me fizeram confirmar o quanto a missão do professor vai para além da sala de aula.

Sinto-me em êxtase em saber que minha filha Daniela, a mais nova das três, mesmo morando próxima de duas escolas na cidade, optou em estudar a aproximadamente treze quilômetros distante de casa, no CEIER, comprovando assim o vínculo da nossa família à aquela escola. Segundo ela, por gostar muito da simplicidade e das pessoas que são sempre tão acolhedoras e da dinâmica da mesma, não existiria um lugar melhor em Águia Branca para aprender e estudar até o final do ensino médio.

Ao lembrar que todos os dias naquele lugar especial me ajudaram na percepção do mundo à minha volta, ver que todas as experiências e toda a evolução que ali consegui, dou-me conta hoje que não foi por erro a escolha desse lugar, mas sim, por sorte e destino. Estou distante e trabalhando em outra escola, porém muito contente por ter feito parte da história de muita gente que pude um dia estar presente. Sei que nada é eterno, mas, para mim, a ideia e o pensamento de que nada poderá apagar os momentos que com tão intensidade foram vividos. Nada, jamais, me fará esquecer de CEIER, com seus sorrisos encantadores, com a energia transformadora daquele lugar, e suas características essenciais para minha área profissional, onde tive minhas maiores e melhores memórias em vida, onde para sempre irei recordar.

UMA PORÇÃO DE PACIÊNCIA EM MEIO AO MAR AGITADO

Gleidiane dos Santos Ferreira¹

Rememorar fatos é um excelente exercício para nos aproximar da dura realidade de que tudo terá um fim, apesar de muitas vezes insistirmos em fingir que desconhecemos tal informação, numa tentativa de justificar ou credibilizar nossas atitudes.

O CEIER de Boa Esperança viveu momentos de profunda tristeza e desolação ficando frente a frente com algo que é inevitável, e que por mais forte que sejamos, ninguém está preparado para enfrentar. A morte é a única certeza que todo ser humano tem, pode até haver inúmeras linhas de pensamento sobre a pós-morte, mas que passaremos por ela, isso é inegável.

Conviver com a dor e com a ausência daqueles por quem temos carinho e admiração não é tarefa fácil, somos colocados pela vida em um permanente estado de atenção, um lugar de reflexão, capaz de perpetuar sentimentos e emoções que não nos permite esquecer um ser tão querido, nem se quiséssemos.

A dor experimentada no lento processo de testar a realidade no trabalho de luto parece dever-se, assim, em parte, à necessidade não apenas de renovar os laços com o mundo externo e, desse modo, reviver continuamente a perda, mas, ao mesmo tempo e por sua mediação, de reconstruir penosamente o mundo interno, que se considera ameaçado de deterioração e colapso. O inventário da perda parte do empobrecimento pessoal de quem fica e de uma idealização do falecido, e se expressa na saudade e na recusa da recordação de uma relação real. (Koury, 2003, p. 359)

Alguns, na busca por aliviar o peso da perda, buscam romantizar a morte dando interpretações e fazendo alusões que de alguma forma acalenta a alma e alivia a sensação de impotência e fragilidade diante da complexidade da vida.

De forma repentina, nós do CEIER de Boa Esperança tivemos que lidar com a dor de perto e com a ideia de não mais ter uma colega tão querida todos os dias ano nosso lado. Se tem algo muito particular do CEIER, é o tempo que passamos com nossos colegas de trabalho, tomamos café e almoçamos todos os dias juntos e em meio as refeições, os causos contados e as gargalhadas tem participação especial, dando um tempero diferente aos intervalos.

¹ Professora de Ensino Religioso do CEIER de Boa Esperança.

A máxima de que a vida é uma caixinha de supressa ganhou um novo olhar, quando em uma manhã de segunda-feira do ano de dois mil e dez, tivemos um choque de realidade. O celular toca e uma voz mansa e baixa, pergunta se sabia o que tinha acontecido, pois havia um movimento diferente no centro da cidade, próximo a casa da nossa querida Iusa Gava Valani. Em um pulo me coloquei de pé, recordando-me que na semana anterior ela havia se sentido mal durante as aulas.

Corri para casa dela, orando pelo caminho, pedindo, implorando para que tudo fosse um mal entendido ou um trote irresponsável. Ao virar a esquina de sua casa, vi que algumas pessoas já estavam lá, as pernas ficaram trêmulas e as forças se foram, automaticamente as lágrimas rolaram enquanto assistia pessoas saindo da residência visivelmente arrasados. Parecia que o chão ia vagarosamente sumindo e por um segundo, senti como se me desligasse da realidade, não podia acreditar no que estava diante dos meus olhos.

Dar a notícia aos colegas e alunos, era reviver uma cena que ainda hoje permanece viva em minha memória. Iusa era nossa calma, nosso ponto de equilíbrio, pessoa centrada, eficiente e sensata. De poucas palavras, seu olhar expressivo transmitia sua satisfação ou insatisfação diante dos fatos, era aquela típica pessoa que não conseguia esconder quando não gostava das coisas, o olhar entregava tudo.

Vir para o CEIER passou muito pelo querer da Iusa, pois só tive a oportunidade de conhecer e vir para essa escola quando ela precisou se afastar por conta de uma licença maternidade, e com muita delicadeza e humildade, me apresentou todos os espaços e me orientou. Substituí-la foi uma grande responsabilidade, tamanha a admiração e carinho que os estudantes e os demais funcionários tinham para com ela.

Os dias posteriores a sua partida foram terríveis, nossa saudade gritava tão alto, que tínhamos a estranha sensação de ouvir sua voz pelos corredores e na quadra da escola. Como foi difícil recomeçar, como foi um processo doloroso de cura interior, de aprender a lidar com sua ausência. Até hoje seu lugar está lá, intacto, e sempre que olho para aquela cadeira penso: “Iusa sentava aqui”.

O duro processo do luto não nos destruiu, mas com certeza mudou cada pessoa que viveu de perto essa experiência. Somos diferentes, somos resposta de tudo que vivemos, consequência de escolhas, mas somos também, resultado de situações de um destino que chega sem pedir licença.

Pensar a vida como uma roda é, com certeza, refletir sobre a circularidade dos movimentos das pessoas vivas, em especial daquelas que ficaram vivificadas em nossa memória e, de certa forma, compreender a vida como uma travessia entre o nascimento e a morte, sem que esta última signifique um fim. (Silva, 2007, p.259)

Certa vez ouvi a seguinte frase: “Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares que fui, um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas que gostei”. (Antoine de Saint-Exupéry) E como não poderia ser diferente, sim, eu sou um pouco da Iusa, orgulhosamente ousou dizer que mesmo não havendo a menor intenção de impactar, ela impactou todos a sua volta.

A morte nunca será o ponto final!

In memorian (Iusa Gava Valani)

REFERÊNCIAS:

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

QUERIDO CLÁSSICO. **Nos passos do pequeno príncipe**: a vida de Antoine de Saint-Exupéry. Disponível em: <https://www.queridoclassico.com/2023/07/a-vida-de-antoine-de-saint-exupery-o-pequeno-principe.html#:~:text=Ele%20viveu%20uma%20vida%20repleta,muito%20das%20coisas%20que%20gostei.%22>. Acesso em: 04 Ago 2023.

SILVA, Lenina Lopes Soares. **A roda da vida**. revista Kairós, São Paulo, 10(2), dez. 2007, pp. 259-263.

VIVÊNCIAS QUE MARCAM HISTÓRIAS

Aulira Lemke Alves Rossini¹

Nós, seres humanos, construímos memórias afetivas no decorrer de nossa história. Memórias essas capazes de alterar nosso comportamento. E como falar das minhas memórias afetivas sem mencionar a minha vivência em um dos lugares mais transformadores em que já tive a oportunidade de estar? O CEIER de Vila Pavão executa um trabalho extraordinário na vida de muitas crianças e jovens do nosso município e, eu, fui contemplada em ser um desses jovens.

No ano de 1983 comecei minha jornada no CEIER de Vila Pavão e era tão novo e tão transformador que criou também muita resistência por parte de muitas pessoas, uma vez que ele trouxe a ideia da agroecologia de uma maneira inovadora e sustentável. Naquela época, muito se pensava que para lidar com a terra e produzir era preciso desmatar e não buscar um equilíbrio no ecossistema. Muitas foram as barreiras e paradigmas a serem quebrados, pois tudo que é novo causa um certo impacto. A ideia de plantar árvores e fazer um equilíbrio entre o meio ambiente e a produção rural foi desafiadora.

O CEIER surgiu em um período em que o homem do campo não era valorizado e era tido como uma pessoa sem instrução e, muitas vezes, sem valor. No entanto, a escola surge para desmistificar essa ideia e além de trazer valor, trazer também conhecimento para essa classe.

Fui criada no campo e permaneço no campo até hoje, onde eu criei meus filhos e continuo a passar para eles os valores aprendidos na escola. Consegui prosperar no campo e hoje tenho orgulho de tudo que eu e minha família conquistamos.

Tudo começou com todos os aprendizados que tive no CEIER e com todo o apoio que a escola me fornece até hoje. Consegui fazer a minha ideia de prosperar com uma agroindústria de polpas de frutas ser consolidada e hoje produzo vários sabores de polpas e recentemente conto com a produção de água de coco, onde busco valorizar os pequenos e locais fornecedores de matéria-prima. Hoje, posso mostrar o meu trabalho para os estudantes da escola, de outros municípios e de pessoas em geral.

A escola traz para os alunos conhecimentos técnicos e científicos, mas também o conceito e valores de família. Tive a oportunidade de matricular os

¹ Ex-estudante do CEIER de Vila Pavão.

meus filhos na mesma escola em que tive importantes aprendizados, onde eles me relatam tantos conhecimentos e posso ver como houveram mudanças e melhoras nesses últimos anos.

Instituições como o CEIER são de extrema importância para a formação de cidadãos que deem a devida atenção que o meio ambiente necessita, principalmente no cenário em que estamos vivendo.

Sendo o nosso País um Estado com abundantes áreas agricultáveis, é preciso que hajam mais instituições de ensino que prezam pela agroecologia, uma vez que, tanto o agronegócio quanta a agricultura familiar precisam defender essa causa.

Hoje consigo ver o quanto eu e minha família prosperamos no campo e o quanto essa escola teve um papel importante nessa caminhada. Toda a equipe do CEIER trabalha como uma família e faz com que os alunos também se sintam parte dela.

A empatia que essa escola trata o futuro é admirável. Precisamos de ideologias com esta para que o mundo caminhe para a sustentabilidade. O planeta “grita” por atitudes assim, por formações assim. Terminei dizendo que o CEIER é uma escola que consegue transformar, até mesmo, “mentes fechadas”.

ELoS DA HISTÓRIA ENTRE O CEIER ÁGUIA BRANCA E O ASSENTAMENTO TREZE DE MAIO

Ana Miranda Costa¹

Era o ano de 1989, bem na fronteira entre Nova Venécia e Águia Branca, nascia uma nova comunidade. Era o Assentamento Treze de Maio. Ali, estava a terra que o governo do estado havia comprado para assentar as famílias que já se encontravam acampadas à beira do asfalto em outro município. O estranhamento era grande: De um lado a terra desconhecida para um povo que vinha de um percurso de luta, atravessando o “mar” da lona preta, em busca da terra prometida e ali se “desemboca” em uma região onde este povo “insólito” não tinha de imediato o acolhimento, o alimento, nem mesmo escola para seus filhos.

Contrariando a ordem cultural das leis educacionais, ligeiramente criou-se ali uma escola, para que as crianças não ficassem sem aprender. E a escola aconteceu ali, antes mesmo que todas as famílias tivessem seu casebre de barro batido e folhas de palmeiras as crianças de 1^a a 4^a série já podiam estudar.

Qual não foi a alegria deste povo quando, em equipes, começaram a percorrer a região em busca de mudas e sementes e depara com o Centro Integrado de Educação Rural (CIER) de Águia Branca. Ali, encontraram acolhimento, mudas de banana, algumas ramas de mandioca, sementes de leguminosas e semente de educação. E foi muito motivador, porque as famílias no Assentamento, desejavam para seus filhos uma escola diferente da tradicional, que valorizassem a vida no campo. Na época, já havia início de cultivo de escola diferente em áreas de assentamentos. No MST, estas eram chamadas de escolas alternativas, de educação libertadora.

Quanto mais se conhecia o CIER, mais se encantava: uma escola grande, na roça, sem cerca, sem muro. Onde as crianças estudavam e aprendiam na sala de aula, na horta, na lavoura e nas criações de animais.

Seguindo essa linha desenvolveu-se uma pedagogia com os princípios e metodologias agroecológicas que permite obter um maior envolvimento do Centro com as localidades onde atua, desempenhando um papel importante de educação formal vinculado ao serviço de orientação técnica através da integração do corpo docente, seja nas comunidades ou nas Unidades de Demonstração, Experimentação e Produção (UDEPs). (PDI do CEIER de Águia Branca, 2020-2024)

¹ Mãe, irmã e tia de estudantes do CEIER de Águia Branca.

Percebia-se que a sua prática comungava com a escola que estavam se construindo nos assentamentos do Movimento Sem Terra e que o Treze de Maio almejava. A partir daí, o assentamento e a escola foram estreitando laços e aos poucos este centro educativo buscava conhecer um povo (sem -terra) tão próximo e tão distante ao mesmo tempo.

Em 1991, o Assentamento Treze de Maio teve sua primeira estudante no CIER, que caminhava a pé por 3 km até a Vila de São Sebastião de Barra Seca. Lá subia em um caminhão (pau de arara) e seguia até a comunidade Rancho Alto, onde embarcavam em um ônibus que conduzia os estudantes até a escola. Durante longos anos, este foi o itinerário daqueles estudantes e famílias que acreditavam que todos os esforços valiam a pena para se ter uma educação de qualidade.

As famílias do Assentamento faziam visitas a escola para conhecer a instituição e sua prática. As visitas se constituíam em significativas trocas de experiências e aprendizados de ambas as partes. Mesmo depois que o município de Nova Venécia colocou transporte para levar estudantes para outra escola da região a maioria das famílias optava pelo CEIER.

Se o Assentamento Treze de Maio, pudesse hoje, unir as vozes em um só depoimento seria: A história do CEIER, se misturou com nossa história de luta, resistência na defesa da educação, da agricultura agroecológica em sua proposta e em sua prática.

É de nosso conhecimento que esta escola surgiu na década dos anos 80, proveniente da necessidade de estudar á experiência de um povo que na lida com a terra, produz o pão, tecem a resistência de modo, que nem mesmo o golpe militar conseguiu eliminar.

De CIER a CEIER, és como uma árvore que cresceu abastecendo-se da terra a maior parte dos nutrientes vitais, ora de modo ativo, ora passivo, por meio de suas raízes onde se encontram os pelos radiculares. E nas extensões da raiz aumentou sua área, sua superfície, onde muitas gerações por aí se passaram abastecendo-se e nutrindo sua própria existência.

É fato que alguns vendavais trouxeram perdas e alguns galhos se foram. Porque às vezes, o vento sopra na direção contrária. O jeito é seguir em frente, conjugando o verbo esperar, fortalecendo sua prática possível e necessária. Por que no processo de formar sujeitos, a educação bancária e nem a história não é linear.

Com o devido merecimento reconhecemos que o CEIER de Águia Branca, com sua teimosia em fazer a educação, integrando território com ciência e conhecimento, constrói com afinco, a práxis libertadora. Por isso, podemos defini-lo como laboratório vivo, de ciência e de cultura. Canteiro de formação de professores, famílias e estudantes onde o currículo é articulado do social, ao estruturante.

Avante CEIER! Na arte de educar nunca deixe de forjar seres humanos pensantes.

Referência

PDI. Plano de Desenvolvimento Institucional (2020-2024). CEIER de Águia Branca.

CEIER – ESCOLA DA VIDA

Arlete Rosa Gobbi de Almeida¹

Um lugar tranquilo, cercado de altas montanhas e belas paisagens, onde predomina o verde, como bem frisou a estudante do CEIER, em um concurso de redação, em 2002. Este é o Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca (CEIER/AB). O lugar que marcou a minha vida. Falar do CEIER-AB é motivo de orgulho e uma honra para mim. Sinto-me grata e privilegiada por fazer parte da história do CEIER, a escola da vida.

Minha atuação no CEIER teve início no ano de 1987, como professora de Ciências, OSPB e Educação Artística (1987 a 1996), Mediadora do Laboratório de Informática (1996 a 2002), professora de Geografia e coordenadora de Turno (2010 a 2017). O trabalho no CEIER permitiu o meu crescimento profissional e, principalmente, pessoal. Pois me ensinou a conviver com o próximo, a dar valor ao trabalho coletivo, a reconhecer a importância de cada um, de cada experiência no processo ensino-aprendizagem, de cada elemento da natureza, a dar mais valor ao solo, a água, às plantas, aos animais e a cada ser vivo do planeta.

O CEIER é responsável pela transformação da vida das pessoas que por lá passaram. Uma escola atuante, sempre preocupada com a educação integral do estudante e não apenas com o repasse de informações, de conhecimento. Mas uma escola que ensina para a vida. Uma educação do campo voltada para a realidade do homem do campo, bem como a valorização do agricultor familiar.

O CEIER sempre esteve à frente, na defesa por uma educação do campo de base agroecológica, preocupado com o melhor para o agricultor e sua família, procurando sempre se inovar na busca por melhorias para os estudantes, os agricultores familiares e comunidades de abrangência da escola.

Assim sendo, no ano de 1989, diante das dificuldades enfrentadas pelos agricultores e na busca por melhorias para a região, a diretora do CEIER, junto com nós professores da época, organizou uma reunião, nas dependências da escola, com um grupo de agricultores das comunidades de São Pedro, Córrego da Onça, Pedra do Trinta e demais comunidades vizinhas, onde discutiu-se a necessidade dos agricultores de se organizarem em Associação para contornar tais problemas. Nascia assim, a Associação dos Pequenos Agricultores do São Pedro (APASP), hoje denominada AAFASP (Associação dos Agricultores Familiares

¹ Ex-professora (Geografia, Ciências, OSPB e Educação Artística), ex-mediadora do laboratório de informática e ex-coordenadora de turno do CEIER de Águia Branca.

do São Pedro) e a Associação dos Pequenos Agricultores do Trinta (APART), facilitando a vida dos agricultores familiares da região.

Ainda, no ano de 1989, foi implantado no CEIER o Projeto Vídeo-Escola, da Fundação Roberto Marinho e a Fundação Banco do Brasil, com apoio da SEDU. Iniciavam-se, assim, os primeiros trabalhos interdisciplinares, dos quais tive o privilégio de participar.

A partir de então, começamos a trabalhar a Educação ambiental de uma forma interdisciplinar: todos os professores abordando a mesma situação. E no ano de 1992, com assessoria da SEDU e SEAMA, os três centros, passaram a trabalhar a interdisciplinaridade através dos Temas Geradores bimestrais (Solo, Água, Agrossilvicultura e Êxodo Rural) e a cada bimestre nos reuníamos em um dos três centros para planejamento e avaliação.

No ano de 1995, passamos a divulgar nossos trabalhos interdisciplinares para outras Escolas, em Seminários e Cursos para professores, tornando os Centros Integrados de Educação Rural uma escola cada vez mais ativa e atuante.

E, com a implantação do Laboratório de Informática Educativa (LIED), no CEIER, no ano de 1996, facilitou e aprimorou ainda mais nossos trabalhos interdisciplinares, que passaram a ser desenvolvidos através de projetos. E a partir de então, passei a atuar como Mediadora do Laboratório de Informática. Foram os melhores anos da minha vida profissional, pois era muito prazeroso ver e sentir a vontade dos estudantes em realizar os trabalhos e projetos nos computadores e, que depois seriam apresentados para toda a escola no encerramento de cada trimestre e, também para outras escolas do município e fora do município.

O planejamento coletivo, que acontecia toda quarta-feira, no período da tarde, era um dos momentos mais importantes para a vida da escola, pois oportunizava o encontro de todos os professores do CEIER, para discutirmos e elaborarmos os projetos e atividades interdisciplinares a serem desenvolvidos no decorrer do trimestre, de acordo com o tema gerador. Entre esses projetos e atividades, destacamos: o aulão interdisciplinar; as viagens de estudo; abertura e encerramento do trimestre; o Jornal “Folha do Açáí”; a Trilha Ecológica “Professor Demóstenes Batista Rola”; a Festa de Integração Comunitária; o Dia de Campo; as Oficinas Pedagógicas; a Noite Cultural e muitas outras atividades que aproximavam cada vez mais o CEIER da Comunidade Escolar e Comunidades em Geral, tornando-o modelo de Educação do Campo para as demais Escolas Agroecológicas do Município e região.

O trabalho como mediadora no Laboratório de Informática me proporcionou participar do Seminário de Informática Educativa, no Balneário Comburui, em Santa Catarina, em outubro de 2002. Levando as experiências do CEIER para outros Estados e trazendo novos conhecimentos. E no mesmo ano, em

dezembro, tive a oportunidade de conhecer Brasília, acompanhando a estudante que ganhou o concurso de redação, promovido pela Apple e NTE, com o tema “O lugar do meu mundo”. Só tenho a agradecer ao CEIER pela oportunidade e por tantos e novos aprendizados que me foram disponibilizados.

O CEIER me oportunizou, ainda, no ano de 2012, fazer o curso de Especialização em Agroecologia, em Curitiba, pelo Instituto Federal do Paraná em parceria com a Secretaria Estadual de Educação. E, no meu trabalho de conclusão de curso não podia deixar de apresentar o trabalho agroecológico desenvolvido pelo CEIER, com o tema: “A Educação do Campo e sua Contribuição para uma Agricultura Familiar de Base Ecológica (Estudo de caso no Município de Águia Branca – ES)”. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa de campo realizada entre os estudantes do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agropecuária, englobando aspectos como: perfil do produtor, infra-estrutura, sistema de produção, práticas agrícolas adotadas, assistência técnica, influência da escola na vida dos agricultores e o interesse dos jovens pela agricultura. Concluiu-se com esta pesquisa, que a Educação do Campo tem um papel fundamental na sensibilização dos agricultores familiares para a adoção de práticas agroecológicas em seus sistemas de produção, apesar do modelo agroquímico se fazer presente em grande parte das propriedades.

Ter participado de cada um desses momentos e dessas experiências tão importantes na vida do CEIER é muito gratificante e me fez enxergar a educação e a vida no campo com um olhar mais esperançoso, de que através da educação de qualidade tudo se torna possível. A educação do campo promovida pelo CEIER, baseada nos princípios agroecológicos e comprometida com a vida dos estudantes, seus familiares e comunidade, mudou e está mudando a realidade local. A região onde está inserida a escola é bastante organizada e desenvolvida quando comparada com as demais regiões do município. Onde predominava a monocultura do café, percebem-se agora propriedades agrícolas bastante diversificadas.

Hoje, resido no Estado de Roraima, desde 2018, quando me aposentei como professora Efetiva do Estado do Espírito Santo. E, apesar da distância, me sinto muito próxima do CEIER, através dos trabalhos que desenvolvo atualmente, como agricultora familiar e presidente da Associação dos Produtores Rurais da Vicinal 06 (APROVIC 06), frutos das experiências adquiridas, ao longo dos anos, no CEIER, e que agora, me sinto feliz e realizada, colocando em prática o que aprendi nesta escola da vida que é o CEIER.

AINDA ESTOU POR CÁ

Gilvanete Lisboa dos Santos¹

Eu não vim para ficar, mas após o tempo passar
A metodologia do lugar me fez apaixonar.
No entanto, dentre os encantos
No arcabouço de emoções desafios e frustrações.
A recepção foi complicada, uma situação delicada
Elevar índices de aprendizado o que foi indicado
E mais uma missão, na horta aumentar produção.
Conquistar espaço, e agora o que faço?
Ter sentimento de pertença, evitar desavença.
Isso no âmbito das emoções que inflamam os corações
E na metodologia prática, buscando uma boa didática
Sempre fazia: pesquisa, prática, diálogo e teoria
Mas também feliz ficava quando a colheita chegava.
Em ações e projetos, engajamento com muito comprometimento.
Domingo festivo, um CEIER com a comunidade, interativo
4 edições Garoto e Garota CEIER, recordações requer
Momentos de estudantes valorizados, bons sentimentos despertados
Meninos e meninas a beleza desfilavam e assim mimos ganhavam.
Aplauso merecia, pois, escola comunidade funcionava a parceria.
Em 2016 uma surpresa, a terceira série com uma proeza
Um convite fizeram, ser a patronesse da turma me propuseram
E me veio a memória, em 2010 começou nossa história
Juntos aqui chegamos, e de 2010 a 2016 caminhamos
Naquele momento, gratidão pelo reconhecimento.
Por algumas disciplinas passei e em AGI comecei,
Irrigação, Ferramentas de Gestão, Legislação
Produções vegetal e Agroindustrial
Topografia, muito estudo eu diria
Projeto Empreendedor, também teve seu valor

¹ Professora de Ferramentas de Gestão e Produção Agroindustrial do CEIER de Vila Pavão.

E as oficinas, teatro, danças quantas lembranças...
Tenho que lembrar, eletivas ficaram em seu lugar.
Mas, sem sofrimentos, pois também despertam talentos.
Não esquecendo do Técnico subsequente em Meio Ambiente,
Época de luta, persistência e labuta sem desistência,
Cedo despertar, ir trabalhar e até a noite perdurar,
E assim duas turmas formaram e que suas marcas deixaram.
Um momento de angústia e aflição, quando chegou a informação:
Escola viva se implantará, tempo integral será
Mas como assim? CEIER, vivo pra mim, já é.
Tempo integral? Isso é normal.
Pois desde sua criação, CEIER tem este modelo de educação.
Então, continuar nossa filosofia no ramo da Agroecologia
Valorizar: Agricultura familiar, cultura e sabedoria popular.
Lembranças vem e vão, que emocionam o coração
Tantas memórias, que dão uma bela história.
Tanto tempo até aqui, muitas emoções vivi.
E eu que não vim pra ficar, ainda estou por cá.

UM OLHAR ESTUDANTIL SOBRE O CEIER DE ÁGUIA BRANCA NOS ANOS DE 1996 A 2000

Camila Diirr Febroni de Oliveira¹

No ano de 1996 iniciava mais uma turma de 5ª série na escola do CEIER. Os estudantes vinham de diversas comunidades como: Santa Luiza, Córrego da Onça, Córrego do Trinta, São Pedro (onde é a sede da escola) e do Barra Seca. Essa turma deveria ter aproximadamente 30 estudantes e eu fazia parte dela. Já conhecia a escola pois morava na comunidade de São Pedro e sempre achava o local encantador, principalmente por sua área verde.

A minha turma estudou até a 8ª série na escola, já que o Ensino Médio ainda não era uma realidade do CEIER naquela época. Estudávamos no período do matutino com o intervalo de um lanche às 9:30 e sempre ficava uma parte dos alunos no horário vespertino com as aulas e atividades relacionadas ao campo. Para estes, havia uma hora de almoço.

O sistema de revezamento dos estudantes acontecia da seguinte maneira: uma semana era a turma dos estudantes da sede – Comunidade da Onça, Santa Luzia e Comunidade do Trinta; na outra semana eram os estudantes que vinham da comunidade Barra Seca. Durante a semana de atividades no turno vespertino, acontecia um dia de folga. Acontecia o planejamento coletivo de todos os professores neste dia e a hora de todos irem para casa era às 16:00.

No horário de almoço, aconteciam oficinas com os professores. Eles nos ensinavam muitas coisas legais. A minha preferida era a de dança, com tempo determinado de 30 minutos e acontecia na quadra da escola. Apesar de ser uma hora de almoço, esse momento do dia se tornava curto pois tinha que almoçar, trocar de roupa para trabalhos do campo e ainda participar das oficinas.

No horário vespertino fazíamos vários trabalhos na área da escola como a capina, o desbrotamento do café, plantio e cuidados com árvores frutíferas, cuidados dos animais que a escola possuía como porcos e galinhas, lavagem das baias, vacinação de animais, cuidado da horta medicinal, manutenção do minhocário, colheitas e plantio de leguminosas, manutenção e colheita na horta que era em canteiros grandes. Com certeza muitos alunos pegaram cenouras quase na hora de colher, comeram e colocaram de volta apenas o talo com folhas no canteiro como se nada tivesse acontecido!

¹ Ex-estudante do CEIER de Águia Branca.

O que colhíamos na horta, era armazenado de acordo com o aprendizado nas aulas de Economia Doméstica e consumido por nós mesmos.

Outro ponto a ser destacado é que nenhuma aula de campo era independente em conteúdo das demais disciplinas. Tive a grande sorte de ter professores excepcionais que conseguiam colocar em prática a teoria que a turma via na sala. Um exemplo foi o dia em que medimos e calculamos uma área toda de plantio que iria acontecer. Em outro momento, conseguimos calcular e desenhar a área da chegada da escola. Senti-me uma verdadeira arquiteta! Claro, sempre com o auxílio do professor responsável que neste caso era de Matemática. Recordo-me também de a área técnica estar abatendo porcos e a professora de Ciências trazer para a sala de aula o sistema digestório do animal. Foi uma das aulas mais marcantes da minha vida! Essa articulação acontecia sem Coordenador e sem Pedagogo. Tudo era planejado entre o Diretor e os Professores.

Em diversos momentos a gente era estimulado a trabalhar em equipe, com paciência e não me recordo de alunos “fugindo” das tarefas.

As aulas de Economia Doméstica eram empolgantes também aprendíamos sobre o armazenamento de alimentos, se falava muito em farelos e a importância dos alimentos de forma integral, a alimentação alternativa, que é modinha hoje e aprendíamos tudo isso ainda quando crianças. Recordo-me do livrinho com esses tipos de receitas, bolos diversos, doces e até iogurte natural. Também aprendi o ponto-cruz nessas aulas, com a lã e o saco de estopa.

A escola possuía uma biblioteca que não era muito grande, mas, a meu ver, era muito rica, cheia de revistas e livros. Por muitas vezes, me achariam lá caso me procurassem.

Existia o sistema de empréstimo de livros e era só ter uma ficha que você tinha o poder de levar e ler tranquilamente em casa o que você quisesse. A professora de Língua Portuguesa aproveitou essa oportunidade e fez com as turmas um desafio: o aluno que mais lesse e explicasse o livro na sala de aula iria ganhar um prêmio. Obviamente, da minha turma, eu ganhei disparadamente. O presente foi um diário, mas o maior prêmio que poderia ter ganhado foi o conhecimento e o hábito da leitura em minha vida. Ainda me lembro de alguns títulos: “O mistério da fábrica de livros”, “A bolsa amarela”, “O anjo rouco”...

Realizamos várias atividades com essa professora: teatros, livros de poesias dos próprios alunos, narração de histórias com um microfone e a gravação no rádio gravador, construção de histórias em formato de estrofes poéticas... A escola nem possuía muitos recursos, mas a nossa força de vontade era o que fazia a diferença. Um exemplo disso foi a ocasião em que, para construir um apoio para a rede de vôlei que ficaria no terreiro, foi pedida uma contribuição simbólica para a compra de cimento.

Em outros momentos, achava a escola até muito equipada. Ela já possuía computadores e uma sala para o LIEd quando comecei a estudar no CEIER. O sistema de funcionamento era de uma tela toda preta e no meio tinha o desenho de uma tartaruga, nós digitávamos os comandos e ela fazia os desenhos, não era nada grandioso, mas considerávamos a tecnologia máxima da época. A escola também tinha televisão e aparelho de fita cassete, muitos projetos que a escola desenvolvia tinha como ponto inicial um filme e logo após as atividades aconteciam.

Enquanto aluna, não achava que a escola possuía muitos trabalhadores braçais para ajudar a manter toda aquela área limpa e cuidada, acredito que por esse motivo também nós como alunos estávamos sempre envolvidos com tantas atividades e sempre ao iniciar o ano letivo, a escola proporcionava um ou dois dias de mutirão com a maioria dos estudantes e alguns pais que podiam comparecer. O mutirão era para limpar as áreas que ficavam sem cuidados devido ao período de férias. Também fiz parte do mutirão para apanhar café. Tínhamos o recurso da peneira e da lona, ou seja, os maiores ficavam com as peneiras e os menores apanhavam café na lona.

Como o café é a cultura de maior importância na nossa região, alguns trabalhos sobre esta cultura agrícola foram realizados em sala de aula, principalmente na área técnica. Lembro-me que a escola também inovava nas técnicas de cultivo e manejo. Surgiu a possibilidade de secar café em um terreiro suspenso e poucos produtores na época fizeram essa experiência, mas a escola teve e enquanto o calendário escolar permitia, no período do auge da “panha de café”, nós éramos liberados para ficar em casa e ajudar na lavoura junto com nossos pais. A escola sempre valorizou a agricultura familiar!

Algumas atividades, por mais simples que fosse e com os poucos recursos que tínhamos na época, nos marcam mais que outras. Vem à memória, por exemplo, que, na 5ª série, um projeto acompanhado pela escola onde o estudante tinha que realizar junto com a família um portfólio com plantas medicinais. O aluno tinha que catalogar no mínimo 40 plantas e escrever sobre elas como o nome de origem, para que servia e quais as partes da planta que se utilizava para remediar de acordo com a necessidade. Outro trabalho difícil, mas não impossível de fazer, aconteceu na 7ª série, também em forma de portfólio, onde escrevamos sobre cada país da América. Desenhávamos a bandeira, pesquisávamos e escrevamos a próprio punho a capital, o tamanho da população, o idioma falado, a moeda da região e outros tipos de informações. Para realizar esse trabalho, precisei de muitas horas na biblioteca olhando o atlas escolar e as “barsas” da escola.

Outra coisa muito legal que me lembro do CEIER nesse meu período escolar eram as muitas visitas de acordo com o tema gerador de cada bimestre. Ao

final de cada visita, fazíamos o relatório e desenvolvíamos todas as atividades do bimestre, a visita era o início de tudo para os estudos.

O aprendizado da escola do CEIER foi tão grande, satisfatório, que, quando fiz o ENEM, muitas das questões da prova me remetiam ao que me foi ensinado.

Por meio do CEIER, aprendi muitas formas de trabalhar como professora hoje. Levei para a minha vida profissional muita coisa boa. Lembro-me até hoje da aula de história, na 8ª série, quando a professora explicava sobre a 2ª guerra mundial, o quanto me senti disposta a ser uma Historiadora um dia. Hoje dou aulas de história e aplico tudo o que aprendi como trabalhar em equipe, respeitar a natureza, focar nos objetivos, tenho o conhecimento de diversas áreas e não apenas a pedagógica, mas sim a social.

Tornei-me professora efetiva em duas redes de ensino e tenho que agradecer muito a boa escola e a boa educação que tive. Nas minhas aulas, sempre que posso, trago as lembranças dessa boa época... Serão inspiração para sempre na minha prática docente.

UMA ESCOLA APAIXONANTE

Carmem Helena Gobbi de Lasari¹

Os Centros Estaduais Integrados de Educação Rural (CEIER) foram criados em 1982 em Boa Esperança e 1983 em Águia Branca e Vila Pavão pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura, em convênio com o MEC e as Prefeituras Municipais. Só que na época era Centro Integrado de Educação Rural (CIER) e hoje é CEIER.

Fui trabalhar no CEIER de Águia Branca no ano de 1998 como professora de História e de cara logo me apaixonei por esta Escola e pelo trabalho dela, onde conheci, aprendi e vivi a interdisciplinaridade, onde você pode dar asas a sua imaginação, deixar fluir sua criatividade e colocá-la em prática. Ali trabalhei onze anos inicialmente e desenvolvi muita coisa boa e muitos projetos.

Um destes projetos, foi o “Meu Pequeno Mundo”, que desenvolvi com a 1ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, no ano de 2008, primeira turma desse curso. Neste projeto interdisciplinar, os estudantes formaram grupos por comunidade, entrevistaram, pesquisaram, desenharam o mapa, produziram textos, poesias e cartão postal da sua comunidade, produzindo um pequeno Livreto, impresso no LIEd da escola, como forma de valorizar o lugar onde vivem. Com este projeto concorri ao Prêmio SEDU “Boas Práticas na Educação” – 2ª Edição e obtive a 2ª colocação. O interessante desse projeto é que tive a ideia de desenvolvê-lo por também está trabalhando nesta turma com a Disciplina Geografia, ao estudar o conteúdo Pontos Cardeais e Orientação, quando pedi para os estudantes desenharem o Mapa da Comunidade e ver a localização da casa deles tendo como referência a estrada principal. E com parte do prêmio que a escola recebeu, os Livretos viraram um Livro “Meu Pequeno Mundo”, que neste ano de 2023 completa 15 anos.

Um trabalho que me orgulho também, foi um Livreto que produzi com a 5ª série de 1998, que foi “A Civilização Romana em Versos”, onde os estudantes em grupos transformaram em versos, praticamente todo o conteúdo Roma Antiga, com o grande incentivo do então diretor do CEIER, Paulo Pilon. Utilizo até hoje estes versos, ao estudar este assunto.

No ano de 2000 trabalhei com uma turma do Programa de Aceleração da Aprendizagem II (PAA), quando desenvolvi o projeto “A luta pela terra”, onde

1 Professora de História do CEIER de Águia Branca.

através do depoimento de um estudante da turma, morador do Assentamento 13 de maio, a classe produziu textos, poesias e fez Leitura de Imagem. Este projeto foi selecionado como Relato de Experiência, pela Superintendência de Nova Venécia e enviado a SEDU.

No ano de 2001 foi desenvolvido o Projeto “Cultura de um Povo”, idealizado pela Mediadora do LIEd Arlete Rosa Gobbi de Almeida, minha irmã, que envolveu todos os professores e os estudantes de todas as séries, da 5ª à 8ª série, na época, resgatando as manifestações culturais e costumes dos familiares, levando assim, ao conhecimento das gerações presente e futuro. E foi produzido um Livreto, impresso no LIEd.

Em 2002 em Interdisciplinaridade História, Língua Portuguesa e Agricultura, com a turma da 7ª série, no LIEd, foi produzido um Folder SOS H₂O, ao trabalharmos o Tema Gerador Água.

Inesquecível também, as aulas itinerantes, que devido à greve do transporte escolar, eu e quatro professores fomos com o carro da escola até algumas comunidades, organizada em setores, para trabalhar com aulões, e desta forma os estudantes não ficaram sem aulas.

Também um Projeto Interdisciplinar entre História, Língua Portuguesa e Agricultura, foi o “Horta Caseira”, desenvolvido com a 7ª série de 2005, quando cada estudante produziu sua horta, ou pelo menos um canteiro, em casa, tendo uma ficha de acompanhamento de todo o processo, desde a feitura do canteiro, até a colheita e consumo. E no final do projeto, nós professoras dessas disciplinas, visitamos a horta dos estudantes. Foi um trabalho muito legal.

Sempre trabalhei com Juri Simulado, colocando Getúlio Vargas no banco dos réus, mas organizei um Juri Simulado memorável, Agricultura Orgânica X Agricultura Química ou Convencional, com a 8ª série do ano de 2005. Tivemos dois advogados muito bons, tanto de Acusação, quanto de Defesa da Agricultura Orgânica, sendo que o trabalho seria desenvolvido só na sala de aula, mas teve que ser apresentado no pátio da escola para todas as turmas assistirem.

Quantas visitas de estudo proveitosas, sempre para iniciar o tema gerador de cada trimestre. Não esqueço da Técnica do Quadrat, aprendida um professor de Agricultura. E quantas aulas interessantes nas salas ambiente e na Trilha Ecológica da escola, os Aulões Interdisciplinares, quando por exemplo, acompanhei a professora de Matemática e o professor de Agricultura, levando os estudantes até o Córrego Jabuticaba para medir e calcular a vazão do córrego, e os Teatros que nós professores encenávamos para os estudantes. Sem contar as histórias contadas pelo professor de História e Diretor Paulo Pilon, que momentos interessantes e de descontração.

Ao completar os 200 anos da “Chegada da Família Real no Brasil”, produzi um Teatro com a 7ª série de 2008, turma que estuda este conteúdo. E foi muito bom, principalmente porque algumas estudantes se destacaram e arrasaram na interpretação.

Outra Atividade muito interessante também, foi quando trabalhei o conteúdo Fontes Históricas com a 5ª série de 2006 e montamos um Arquivo de Fontes Históricas dos estudantes, com brinquedos, moedas, textos, cartas..., que eles trouxeram e guardamos em uma caixa que foi lacrada para ser aberta somente quando concluíssem a 8ª, que era a última série na época. E em dezembro de 2009, eu não trabalhava mais no CEIER de Águia Branca, e fui convidada para ir abrir a caixa com eles. Foi muito emocionante pegar os objetos levados por eles, que muitos nem lembravam mais o que tinham levado. E não esqueço da carta da estudante, que escreveu que em 2009 ficaria muito triste por ter que sair do CEIER, porque na época o estudo ali era da 5ª até a 8ª série. E quando chegou neste ano, havia começado o Ensino Médio na escola, desde 2008 e ela então pode continuar estudando no CEIER, como queria.

Impossível não falar das Oficinas Pedagógicas que o CEIER de Águia Branca desenvolve desde o ano 2000, e eu trabalhava as Oficinas de Dança e depois Teatro. Quantas estudantes, por exemplo, aprenderam a pintar, fazer crochê, marca e vagonite, nestas oficinas, e algumas ganham dinheiro com isso.

Também não poderia deixar de citar o Jornalzinho da Escola “Folha do Açaí”, desenvolvido pela Mediadora do LIEd Arlete Rosa Gobbi de Almeida, com a participação de todos os professores e estudantes, citando fatos, atividades e projetos realizados em cada trimestre.

Quanta coisa interessante nestes primeiros onze anos trabalhados no CEIER, mas citei coisas da minha memória, porque muitas outras coisas maravilhosas foram realizadas nestes 40 anos de CEIER, como o Livreto de Receitas de Alimentos Alternativos, aulas práticas de Matemática, como ensinar os estudantes a cubar madeira, cartazes com papel reciclado, produzidos ali, pela professora de Geografia, etc.

E agora estou de volta, desde 2020, com outros profissionais, mas ainda com alguns antigos, e constato que o dinamismo e a movimentação do CEIER permanecem. Projetos interessantes continuam acontecendo e incluindo as novas tecnologias, além do Tema Gerador e as Visitas de Estudo, Mutirão, Aulas Práticas, apresentação de Teatro para os estudantes, como “Cinderela às Avessas”, Tertúlias Literárias, Rotação por Estação, Sala de Aula Invertida, Caça ao Tesouro (Interdisciplinaridade entre Topografia, Cultura Digital, Produção Vegetal, História, Matemática e Física), Eletivas, Caminhada na cidade em favor ao Meio Ambiente, Projeto Ser Brasileiro, Recital de Poesias... E neste ano de 2023, em

interdisciplinaridade com Língua Portuguesa, do 6º 01 e do 6º 02, montamos um Arquivo de Fontes Históricas dos estudantes dos 6º anos, onde eles escreveram uma carta, trouxeram um objeto, e somente em 2026 será aberto.

A Educação do Campo é muito rica e gratificante e para finalizar, posso dizer que nestes anos de trabalho no CEIER, mais aprendo do que ensino, e é muito importante que os estudantes valorizem a terra e o lugar onde moram.

RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TEMPO DE PANDEMIA

Jaiany Pereira¹

Minha trajetória no CEIER de Vila Pavão teve início no ano de 2019, lecionando Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Também ministrava a Oficina (hoje conhecida como: Eletiva) de Movimentos Corporais (Dança) e Libras (Linguagem Brasileira de Sinais). Não sendo natural do município, esse primeiro ano foi um período de conhecimento da cultura dos estudantes e da cidade, ano também de familiarizar com a identidade da escola.

Em 2020, iniciamos o ano letivo normalmente, acreditando que os acontecimentos que ouvíamos falar nos jornais, estavam bem longe de nós, da nossa realidade e que não chegaria até aqui. Infelizmente, pouco mais de um mês letivo, nos deparamos com um vírus desconhecido, acredito que nenhum ser humano estava preparado para vivenciar uma pandemia, que foi nomeada como Covid-19.

Em meio a dias obscuros de pandemia, nós professores, lutávamos para não deixar com que os alunos perdessem o conteúdo daquele período do qual não sabíamos quando terminaria. Porém, estávamos sendo julgados por permanecermos em casa, nos cuidando e cuidando do bem mais precioso de muitas famílias. Muitos não entendiam que eram necessárias as APNP's (Atividades Pedagógicas Não Presenciais) naquele período, várias vezes fui indagada em quando voltaria ao trabalho, quando acabariam as “férias”.

- “Hum, estão de férias prolongadas, né!?”

Foram inúmeros comentários como estes. E como forma de esclarecimento, forma de desabafo em meu nome, mas também representando e sendo a voz de muitos colegas desta classe que sofria os julgamentos da sociedade, um pouco antes de retornarmos às aulas presenciais, escrevi um cordel, gravei e postei em uma rede social, e em apenas 24h, teve o alcance de mais de 2 mil visualizações. Pessoas compartilhando, me enviando comentários positivos, toda a equipe e gestão escolar emocionados ao ler e se identificar com o que foi escrito, sentindo o apoio da comunidade reconhecendo os desafios que estávamos vivendo. Foi confortante saber que havia pessoas compreensivas e que entendiam que o nosso trabalho nunca tinha parado.

¹ Professora de Língua Portuguesa do CEIER de Vila Pavão.

É uma memória difícil, mas lembrada com muita gratidão por ter vivenciado esse período e estar aqui contando e deixando registrado, pois não foi fácil para ninguém, nem professores, alunos e familiares, ainda mais com as especificidades que há em nossa escola, o curso técnico, as mudanças que tivemos ao CEIER ser reconhecido como Escola de Tempo Integral, que aconteceu exatamente durante o período pandêmico, mas com os nossos esforços, acredito que alcançamos nossos alunos de uma forma ou de outra. Dessa maneira, obtemos a conquista de fazer acontecer a modalidade EAD (Educação à Distância) e o Ensino híbrido na Rede Estadual, alcançada pela educação em um momento que foi necessário nos reinventar para não parar. E é isso que fizemos, NÃO FICAMOS PARADOS!

Fazemos por amor, valorize e respeite o professor!²

Tem gente que diz que não estamos trabalhando,
Que estamos de férias prolongadas,
Mas sabe como realmente nos sentimos?
Como todo este tempo, realmente prosseguimos?

Quer saber a verdade? O trabalho, triplicou!
O curso de informática, aquele de anos atrás,
Já não atendia as novas demandas mais.

Durante a pandemia, nos desdobramos de várias formas,
Viramos apresentadores, artistas, produtores...
Mas, parados? Isso posso dizer com toda certeza: Não estávamos!

Há quem diga: “Agora sim, os professores retornarão aos trabalhos”,
Mas espera aí, quando estivermos parados?
As aulas retornarão presencialmente,
Mas o professor, nunca parou, minha gente!

Em meio às tarefas domésticas, filhos e família,
Trocando dias pelas noites, para que as APNP's
Atividades não presenciais, fossem elaboradas e postadas em dia,
Mas essa labuta, ninguém via,
Pois o que diziam é que passávamos os dias recebendo por regalia.

² Cordel publicado em minha página pessoal do Instagram, no dia 29 de setembro de 2020.

Mas digo uma coisa, não tem quem queira mais para a escola voltar,
Para aulas presenciais dar, do que nós professores.

O retorno já está à porta,
Os nossos corações já não suportam
A saudade dos alunos a nossa volta,

Tenho certeza de que no retorno, os sorrisos vão se misturar com as lágrimas,
Quando cada aluno responder à chamada.

A vontade de abraçar vai ser grande,
Mas devemos ficar distantes,
Para seguros permanecer,
E levar segurança, para os nossos familiares
Que estarão em casa, esperando para nos receber.

Mesmo com todas as medidas de segurança,
Sabemos que na linha de frente estaremos,
Mas com garra e esperança,
De que no mais breve, tudo se normalizará,
Com muita confiança, iremos voltar!

Então meu querido e minha querida,
Ao invés de criticar ou de julgar,
Muito melhor seria orar,

Peça a Deus por nós professores, que com tanto amor,
Passamos noites sem dormir,
Preocupados se durante esse curto período as aulas e o ensino irão progredir.

Para finalizar este cordel, vou lançar uma verdade,
“Professor é muito das vezes pai, mãe ou responsável,
É muito difícil ouvir quando dizem que professor, não tem seu valor,
Está falando de nós? Que ensinamos com amor?
Enfim, a hipocrisia, porque somos nós que muito das vezes,
Faz com que seu filho se sinta valorizado, amado e querido,
Pense nisso!

MEMÓRIAS DE 7 ANOS DE EMANCIPAÇÃO VIVENCIADOS NO CENTRO ESTADUAL INTEGRADO DE EDUCAÇÃO RURAL DE ÁGUA BRANCA

Edimar Almeida da Cruz¹

Não se pode cair na armadilha de generalizar de modo ingênuo a meritocracia como metodologia disciplinadora de projetos de vida das pessoas como sendo uma diretriz de transformação dos sujeitos em suas relações e inter-relações sociais e acadêmicas, pois cada sujeito abriga em seu quadro vivencial, experiências e mecanismos de aprendizagens que lhes são endêmicos.

Cada sujeito demonstra suas habilidades e aspirações a partir de suas experiências vivenciais, refinadas pelas referências que estão orbitando em seu entorno físico, social e cognitivo, o que acaba por influenciar na construção de seus projetos de vida, e seu investimento na carreira acadêmica e profissional.

Neste contexto, pensar a importância das escolas camponesas e da educação do/no campo, dentro de uma lógica educacional baseada na empatia e tendo em mente que cada estudante (sujeito) possui uma vivência que lhes é peculiar, faz com que a valorização de bandeiras camponesas seja essencial para manutenção da sustentabilidade no campo e na cidade.

Nós somos todos diferentes e a maneira como se reproduzem os seres vivos é programada para que o sejamos. É por isso que o homem teve a necessidade, um dia, de construir o conceito de igualdade. Se nós fôssemos todos idênticos, como uma população de bactérias, a ideia de igualdade seria perfeitamente inútil (Freire, 2014).

Não é possível construir um espaço fértil de oportunidades para entender a dinâmica de funcionamento da sociedade e das relações sociais, econômicas e ambientais que regem as interações em comunidade sem antes pensarmos em políticas públicas e ações que consigam reduzir a amplitude econômica e social pela qual nossos estudantes carregam.

É ingênuo pensar que existe uma relação diretamente proporcional entre aumento da carga horária de aula e o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e cognitivas dos estudantes. O desenvolvimento intelectual dos estudantes sofrerá crescimento proporcional, somente quando as ações de intervenção no sistema

¹ Professor de Culturas Perenes e Anuais do CEIER de Água Branca.

educacional partirem das necessidades das comunidades, tiverem um caráter público, gratuito, moderno e com padrões observados em países desenvolvidos.

É preciso pensar na qualidade do transporte, na qualidade das refeições oferecidas aos estudantes que passam o dia inteiro na escola, pensar na relação familiar do estudante, nas condições de estudo, bem como, as condições de espaço escolar para que o estudante tenha acesso a um espaço de formação condizente com os desafios a serem enfrentados no mercado de trabalho.

O educador camponês no Brasil não tem e nunca teve uma valorização profissional que fosse condizente com sua função na sociedade, haja visto que a força de uma nação é alicerçada no nível de conhecimento de sua população. Lamentavelmente, ainda é possível perceber uma série de mazelas praticadas por um poder público descomprometido com a real função e missão desempenhada pelas instituições de ensino na formação emancipada de rapazes e moças que estão iniciando seus projetos de vida.

O acadêmico em formação nas faculdades, institutos educacionais, universidades, em sua boa parte, não recebe as instruções completas para agir no contexto escolar camponês, de modo emancipado defendido por Paulo Freire, Ana Maria Primavesi, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Maria Nilde Mascellani, Florestan Fernandes, Miguel Arroyo, Jaqueline Moll, entre outros companheiros que a duras penas deixaram um grande legado teórico e prático que nos orienta até nos dias de hoje sobre a necessidade de preservar as bandeiras camponesas e suas ações cotidianas nas escolas e nas comunidades.

Instituições que preservam e defendem uma educação emancipadora, justa e equânime, centrada no fortalecimento das organizações sociais, atue na redução da influência exercida pelos atravessadores, fortalecem os pressupostos que fundamentam os mutirões, fomentam a valorização do trabalho e da modernização da agricultura familiar, mantêm acesa a chama da esperança de que a educação ainda é a forma mais sensata e segura de transformar vidas, ampliar as possibilidades de emprego e renda no campo e de quebra fomentar um desenvolvimento local sustentável.

Quando surge o nome “educação emancipadora”, logo surge em nossa memória o belo trabalho de Paulo Freire, com a alfabetização acadêmica e política de jovens e adultos em estado de vulnerabilidade. É muito gratificante trabalhar em uma instituição de ensino que carrega na veia o sonho de auxiliar o estudante na construção de mecanismos de reflexão, sobre mecanismos de dominação e manutenção de um sentimento de baixa autoestima, ausência de perspectiva acadêmica, falta de uma saudável ambição profissional, enfim, que forneça projetos inovadores e modernos.

Neste contexto, destaca-se o belo trabalho de emancipação de jovens capixabas, desempenhado pelo Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Água Branca ao longo destes 40 anos, em que tem trilhado o caminho de uma formação que consegue fazer com que os estudantes sejam protagonistas de seu próprio projeto de vida pessoal e profissional.

A instituição se fundamenta no método ver, julgar, agir e celebrar, e também na interdisciplinaridade oferecida pelos temas geradores, como sua principal fonte de preservação dos ideais defendidos pelas bandeiras camponesas e também tem sido fonte de resistência aos desmanches que têm sido cada vez mais frequentes a este modelo pedagógico de formação humana e preservação dos agroecossistemas.

Com isso, a memória que nos vem à mente seria pensar em quais têm sido as bandeiras que mantêm firmes os pilares da educação dessa instituição por tanto tempo? Quais têm sido os desafios a serem enfrentados por uma escola que baseia sua metodologia na interdisciplinaridade, agroecologia, protagonismo, pensamento científico, fortalecimentos das famílias e de seus arranjos produtivos, tudo isto dentro de uma lógica de tempo integral de base agroecológica e familiar? Quais têm sido os métodos e técnicas pedagógicas que esta escola desenvolve para encarar os desafios oferecidos cotidianamente por um ideal econômico baseado na exploração da força de trabalho, desvalorização dos profissionais da educação, degradação dos recursos hídricos, extinção dos animais, e ainda apropriação de direitos políticos garantidos por Lei?

Talvez os principais desafios a serem enfrentados pelo CEIER-AB, sejam: a questão da burocratização do ensino, em que os professores passaram a assumir cada vez mais forte o papel administrativo de preencher planilha, relatórios e tabelas em uma situação de escassez de tempo de planejamento, alta rotatividade de profissionais na instituição, fazer com que a tecnologia seja incorporada no cotidiano pedagógico dos estudantes.

Mas ao mesmo tempo em que é possível pontuar alguns desafios a serem enfrentados por esta instituição, é fácil também perceber o importante papel que o CEIER-AB tem desenvolvido na formação de rapazes e moças conscientes de sua função profissional no mercado de trabalho.

Tal função profissional encontra-se baseada no respeito aos agroecossistemas, entendendo o poder devastador dos agrotóxicos nas lavouras e animais, atuando para reduzir a interferência dos atravessadores na depreciação do valor dos bens agrícolas locais, que fortaleça na região a prática do mutirão, como sendo uma ação de fortalecimento político da comunidade diante das forças que os oprime, entre outras práticas importantes.

O CEIER-AB possui uma gestão que busca a valorização de seu corpo

de profissionais, como sendo aqueles que irão manter protegidas as bandeiras e os ideais da educação camponesa e, portanto, atua dentro de um contexto baseado na gestão democrática, transparência com os recursos da escola, modernização das instalações físicas e pedagógicas da instituição, o que é essencial para motivar e manter aceso o espírito de resistência e luta de seus guerreiros educadores camponeses.

Referência:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR: UM RELATO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO CEIER DE VILA PAVÃO

Guilherme Alves Pereira¹

Do sertão mineiro à universidade

O relato que vou contar para completo ficar não posso deixar de citar o sertão mineiro que é o meu lugar.

Nascido no Sertão Mineiro terra do pequi, do buriti e também das veredas imortalizadas pelo grande Guimarães Rosa. Ali me fiz menino, conheci as primeiras letras, compreendi já desde muito cedo que a educação é o caminho, naqueles tempos acreditava-se que a educação salvava. Mais tarde, já homem feito, posso dizer que a educação sozinha não salva, mas ela é um dos caminhos e que junto a tantos outros elementos pode sim salvar. Depois das letras conhecidas, agora já adolescente e finalizando a antiga 8º série, hoje 9º ano, sendo que naquele tempo esse era um momento de decisão, aqueles que na cidade tinham condições financeiras migravam para as cidades maiores os que como eu não pertenciam a esse extrato social tinham que buscar outros caminhos. No meu caso surgiu a possibilidade de prestar o concurso para o ingresso na antiga Escola Agrotécnica Federal de Januária (EAFJ) hoje Instituto Federal do Norte de Minas (IFNMG). Prova feita, agora era esperar o resultado. Depois de muita ansiedade o resultado positivo saiu e assim, depois de 15 anos vivendo na casa da minha mãe, era chegada a hora de sair do ninho e iniciar meu próprio caminho.

Os anos de colégio agrícola foram de experiências diversas, a primeira era que agora estava em local sem a tutela da mãe, morando num alojamento com tantos outros estudantes “internos”, a escola tinha a característica de internato, isso gerava uma troca de realidades que possibilitava ter, de forma bastante superficial, uma noção de mundo, algo que ainda estava em formação. O diálogo com os professores, pois muitos tinham relação mais próxima conosco, também era um engrandecimento. Naquele ainda pequeno mundo em construção, entre diversos diálogos, surgia sempre a pergunta para onde e o que gostaríamos de fazer após o término da “escola”. Como além do ensino médio, também estávamos fazendo de forma integrada o curso técnico em agropecuária, muitos

¹ Professor de Produção Animal do CEIER de Vila Pavão.

colegas tinham o desejo de seguir a carreira, eu particularmente ainda não sabia bem o que queria fazer após aquele tempo escolar, a única certeza era que não gostaria de retornar para minha casa, não de forma definitiva.

Uma conversa recorrente entre professores e estudantes era a possibilidade de fazer um curso superior, a universidade. Como ter esse sonho, se a maioria de nós não havia sido ensinada a sonhar, mas numa conversa informal com o coordenador do curso e ao ver uma foto na tela do seu computador, a beleza daquela foto me chamou a atenção. Era a foto do prédio principal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A partir dali tive várias outras conversas com aquele professor e em todas o assunto era a “Rural”, falávamos sobre as possibilidades que a universidade dava, os cursos, sua história e importância por ser uma universidade que possibilitava estudantes sem grande poderio financeiro ingressar, o alojamento e o refeitório (bandejão) sempre se sobressaíam nas conversas. “Guilherme, a rural é a única universidade que pobre consegue estudar” dizia ele. Ao chegar o tempo de inscrição para o vestibular já estava com a cabeça feita é pra Rural que eu quero ir.

A etapa do vestibular foi concluída e se obteve sucesso, agora o desafio estava em como ir para o Rio de Janeiro, isso porque eu não tinha nenhuma referência para buscar informações, então tive que reunir coragem e ir. Iniciei o curso de licenciatura em Ciências Agrícolas no ano de 2004, e como todo jovem ainda não tinha total certeza se era aquilo que realmente queria para a minha vida, no entanto ao assim como na época da escola agrícola o diálogo com professores e colegas foi primordial para que me sentisse a vontade no curso. Os tempos na universidade é proveitoso com seus debates que muito nos engrandecem, com possibilidades de vivenciar diferentes experiências com estágios, trabalhos de extensão e tantas outras formas. Porém, talvez pela juventude que faz com que queiramos mudar o mundo a nossa maneira, saímos com visões acadêmicas que o chão da escola, na maioria das vezes, nos mostra uma realidade diferente.

Da universidade para o chão da escola: o CEIER/VP como ressignificador do eu professor

Ao concluir o curso na Universidade Rural já fui chamado para trabalhar como professor do CEIER/VP, essa oportunidade foi dada graças a inscrição para designação temporária promovida pela Secretaria de Estado da Educação (SEDU), que já nos idos dos anos 2009/2010 promovia esse processo seletivo de forma online. Assim, como o plano era seguir adiante, viemos para Vila Pavão, novamente sem nenhuma referência de pessoas, apenas uma indicação de como chegar. O ano era 2010 e chegar ao CEIER/VP ainda com a cabeça voltada

para o academicismo da universidade foi num primeiro momento conflitante. A disciplina a qual lecionava era a Agricultura II (Fruticultura), da grade curricular do 6º ao 9º ano, o maior desafio desse primeiro ano foi realmente o choque que imagino todos os recém-formados na área de educação vivem. A universidade nos prepara para uma realidade técnica, por isso no início da carreira o professor pode vir a se sentir perdido, o chão da escola da escola nos mostra que muito além da técnica, o professor precisa estar em consonância com o seu humanismo.

Foram 3 anos no CEIER/VP trabalhando com a disciplina de Agricultura II, onde podemos ter grandes experiências junto aos estudantes, a escola possui uma propriedade onde os estudantes podem trabalhar suas vivências de campo. Plantios, manejo das frutíferas, pragas e doenças e tantas outras atividades que os estudantes tem a possibilidade de forma prática. Após o tempo com essa disciplina, foi necessário fazer mudar e comecei a trabalhar a disciplina de zootecnia. A área de zootecnia da escola é extremamente diversificada, onde suas criações destacam se suínos e os bovinos de leite. É a partir do trabalho com a zootecnia que percebo ser necessário uma mudança na forma de dialogar com o conhecimento e com os estudantes. Se antes se tinha o momento de teoria e após a prática, agora busca-se a prática para depois haver o complemento da teoria. O movimento com o conhecimento é dinâmico e faz com que os estudantes tragam elementos da sua realidade para o diálogo.

O CEIER/VP ressignifica a minha forma de ser professor a partir do momento que ele me apresenta os elementos da educação do campo como o tema gerador, uma metodologia baseada em Paulo Freire, ao passar dos anos a ideia de lutar por uma educação que atenda busca a dialógica com os estudantes e sua realidade, onde os estudantes são protagonistas do processo educativo através de elementos do seu mundo. Isso mostra o quanto o CEIER pode contribuir para o crescimento pedagógico para aqueles que experenciam ser professor ali naquele espaço. Nesses mais de 10 anos como professor, entendo que o que me moldou foram as experiências vivida nesta escola, onde você pode experimentar vivências pedagógicas que não se enquadrariam numa escola urbana ou mesmo do campo, mas com viés convencional.

A vivência de cada escola tem a chance de nos possibilitar experimentações de como ser professor, o CEIER/VP uma escola do/no campo com sua visão crítica de uma realidade que não está de acordo com o universo dos seus estudantes promove discussões que possibilita aqueles que vivem aquele espaço ter uma visão não hegemônica do que ocorre ao seu redor. Sendo assim é de máxima importância entender como se mobiliza esse lugar.

Ao adentrar seus portões já percebemos que ali se vivem uma educação diferente, desde de o portão até os primeiros prédios somo recebidos pelo verde

das suas árvores e pelas cores das suas flores, o andar constante de estudantes com enxadas e outras ferramentas de trabalho no campo, uns a revolver a terra com enxadões outros a capinar o mato para iniciar mais um plantio que será também uma experiência pedagógica. A cada passo dando naquele lugar temos uma visão de um local onde pulsa a vida, são as galinhas a cacarejar, cheiro vindo da suinocultura e o “gritar” dos porcos enquanto estudantes andam pra lá e pra cá com lata de ração pois é hora de alimentar, além dos cuidados com alimentação são dos estudantes a responsabilidade do lavar as baias e nessa hora que eles descobrem q apesar de ser chamados da fama de sujo os porcos adoram água.

Nesses momentos práticos um lugar é disputado a cunicultura, onde os estudantes podem estar em contato direto com os coelhos, é um abraçar e dar nomes sem fim. Os momentos de interação dos estudantes com a terra, com as criações pode afirmar que é o maior legado do CEIER/VP. São momentos que ficam guardado na memória de professor e estudantes. Como o acompanhar de um parto de uma porca, professor e estudantes ficam ali esperando e comemorando a cada filhote que nasce e a preocupação imediata de alguns “professor será se ela vai ter leite para todos, se não vamos ter que tratar na mamadeira”. São momentos como esse que vale a pena, pois percebemos que o trabalho está sendo feito, talvez não na velocidade que queremos. Mas está escola se mostra diferente na construção do professor e dos estudantes.

CEIER: UMA ESCOLA QUE TRANSFORMA VIDAS

Francielly Vieira de Brito¹

Não é sobre descrever uma escola, é sobre descrever uma instituição de ensino que transforma a vida das pessoas, sejam funcionários ou estudantes. Por isso, a priori começo minha escrita com uma frase de Paulo Freire (2000, p. 46) “Não sou apenas objeto da História, mas sou sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”. Dessa forma, minha primeira experiência com a Educação do Campo foi no CEIER, na época era recém formada e não possuía experiência com sala de aula, confesso que me senti insegura e os primeiros meses foram desafiadores, acabei desenvolvendo uma metodologia mais rígida.

Com o passar do tempo, os estudantes me conquistaram e através das vivências, comecei a entender a importância de criar possibilidades para garantir uma aprendizagem emancipadora. A partir de então, comecei a me transformar como professora e como ser humano, nunca tive a oportunidade em outros ambientes escolares e acadêmicos de vivenciar uma formação humana, igual ou parecida com a que vivo no CEIER. Posso dizer que aprendi ser profissional através dos preceitos de Freire na prática.

Quando penso no CEIER não consigo me distanciar do legado de Freire, compartilhar o conhecimento e valorizar a realidade dos estudantes do campo fazem parte do cotidiano escolar, nas palavras de Freire a escola é um lugar de libertação para a transformação do mundo, propõe que o educador aprenda com o aprendiz, assim como o aprendiz, por sua vez, aprende com o educador.

Com isso, como enfatizado por Freire, a pedagogia não se concentra nem no professor nem no aprendiz, mas na aprendizagem, situada em um determinado contexto que respeita os valores individuais e a diversidade. Nesse caso, o novo aprendizado é produzido na medida em que o conhecimento do estudante e do professor é compartilhado.

Em seus quarenta anos de história, o CEIER, promoveu e promove uma Educação do Campo de qualidade, na busca pela construção da aprendizagem pautada nos princípios de Freire, dessa forma, das práticas realizadas, a interdisciplinaridade desenvolve a busca pela construção do conhecimento centrado na

¹ Professora de Ensino Religioso do CEIER de Águia Branca.

afetividade, firmado por laços de amizade e acolhimento na relação entre comunidade escolar e estudantes. Pelo afeto é possível qualificar a comunicação dialógica entre o coletivo, fortalecendo um trabalho sem temor de uma atuação em conjunto, de momentos de avaliação e de criação (Freire, Nogueira, Mazza, 1987).

O tema gerador que é o centro dos trabalhos desenvolvidos na escola durante os trimestres, tendo como base o método Ver-Julgar-Agir-Celebrar, coloca em questão problemáticas ambientais entre homem e natureza, proporcionando aos estudantes uma formação participativa no processo histórico de sua comunidade e de sua própria realidade. Para Freire (2005, p.55) “O sujeito se reconhece na representação da situação existencial ‘codificada’, ao mesmo tempo em que reconhece nesta, objeto de sua reflexão, o seu contorno condicionante em e com que está, com outros sujeitos”. Assim, o tema gerador permite que os sujeitos envolvidos reconheçam sua realidade e sejam críticos o suficiente para buscar transformá-la.

A transformação social e econômica que o CEIER proporciona às comunidades da região é um dos pontos mais encantadores, desde 1983 - ano de sua fundação, já desenvolvia práticas de luta e resistência contra um modelo governamental opressor. Inclusive a AAFASP (Associação dos Agricultores Familiares de São Pedro) teve início na década de 80 no CEIER, com o passar dos anos ganhou forças e conquistou vários benefícios para o bem comum de seus sócios e para o desenvolvimento territorial local.

É importante mencionar que apesar de ser um berço de riquezas, o CEIER, enfrenta muitas dificuldades, seja pela falta de estrutura física como pela falta de reconhecimento por parte de esferas superiores de uma metodologia própria e apropriada. Além destes, a rotação de professores dificulta do entendimento da metodologia desenvolvida na escola.

Mesmo com tantos desafios, o CEIER se mantém alicerçado em valores éticos e morais que garantem uma educação contextualizada voltada aos filhos de agricultores que tiram seu sustento do campo. Esse alicerce é sustentado por pessoas que passaram e estão atuando neste local, uma vez que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção” (Freire, 1996, p.21).

Em suma, o CEIER é um dos motores que transformam a sociedade. Em uma época em que a educação pública do campo é precarizada, a formação de cidadãos críticos, participativos e autônomos adquire uma importância ainda mais relevante para a transformação social. Assim como Paulo Freire ensinava, o CEIER também ensina que pela educação alcançamos a liberdade e a democracia.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora. **Na escola em que fazemos**: uma reflexão interdisciplinar em educação popular. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

RENASCENDO EM VERDE: MEMÓRIAS DO REFLORESTAMENTO DE UMA NASCENTE COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DO CAMPO

Janacélia Andrade Lacerda Destefani¹

Ser professor em uma escola do campo é uma experiência extremamente gratificante e cheia de felicidade. Permite estabelecer laços estreitos com os estudantes, suas famílias e a comunidade em geral. A proximidade e a familiaridade com todos criam um ambiente acolhedor e enriquecedor para o ensino e a aprendizagem.

Ser professor no CEIER é ter memórias entrelaçadas com a terra, com o campo e com a natureza que nos cerca. E no que se refere a memórias, o CEIER de Águia Branca, muito mais do que ser apenas uma escola, desempenha um papel essencial na construção da identidade e no desenvolvimento emocional dos sujeitos, proporcionando um ambiente acolhedor e familiar que vai além do ensino acadêmico. A experiência com trabalhos agrícolas em torno da educação do campo, conhecimento sobre a natureza ao redor junto com os componentes da base, proporciona aos estudantes a oportunidade de conviver com diferentes realidades, o que favorece o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Atividades extracurriculares e projetos comunitários são memórias de práticas pedagógicas que permanecem gravadas nas mentes e corações dos estudantes e professores por toda a vida. O CEIER desempenha um papel fundamental para essa conexão. Isso permite que os estudantes cresçam como cidadãos conscientes, críticos e preparados para enfrentar os desafios da vida.

Nesse sentido, destaco uma atividade realizada com uma turma de nono ano do ensino fundamental em 2017 que ficou gravada na memória, pela grandiosidade e importância desse projeto na comunidade local. A experiência de participar do reflorestamento de nascentes próxima à nossa comunidade e região. Reflorestar uma nascente não era apenas ir lá e plantar algumas árvores. Antes disso, era um trabalho coletivo que envolvia não apenas professores da área das agrárias, mas também era de extrema importância o envolvimento de professores da base. Os estudantes, ao verem a união de professores da base e agrárias em prol de um mesmo objetivo, compreendiam a importância de abraçar aquela causa.

¹ Professora de Matemática do CEIER de Águia Branca.

Era uma ação coletiva envolvendo escola e comunidade. Após um levantamento feito por intermédio de pesquisas e contato com a comunidade, vimos a necessidade de intermediar e apoiar um trabalho que iria favorecer não apenas alguns proprietários, mas uma comunidade inteira. Era o momento de colocar em prática os ensinamentos aprendidos no decorrer das aulas. A possibilidade de aprender em um ambiente natural, entender a importância da sustentabilidade e do respeito à natureza contribuiu para um senso de pertencimento compartilhado a um lugar específico e ao ambiente ao redor.

Após todo um planejamento, professores, estudantes e alguns parceiros da escola que fizeram questão de estarem presente por entenderem a importância do envolvimento escola, família e comunidade, saímos com um único propósito: restaurar nascentes que há tempos sofria com a degradação ambiental.

Com enxadas, mudas de árvores nativas, lanche e a motivação no coração, nos dirigimos à nascente, determinados a transformar aquela realidade. Cada um de nós sentia a responsabilidade de deixar um legado para as gerações futuras, para nossa própria comunidade, e para a natureza que nos acolhia.

O trabalho árduo do plantio começou. Aprendemos a importância de escolher as espécies certas, aquelas que eram nativas da região e que estavam adaptadas ao clima e ao solo. A cada muda que cuidadosamente colocávamos na terra, sentíamos que também plantávamos esperança e futuro.

Além da restauração do ecossistema, o reflorestamento trouxe uma mudança profunda em nós mesmos. Aprendemos a valorizar ainda mais a natureza, a compreender que somos parte integrante dela e que nossas ações têm consequências diretas em nosso entorno. Essa experiência de reflorestamento uniu a escola, a comunidade e a natureza em um só propósito. Foi uma lição prática de cidadania ambiental, de cooperação e de amor pela terra que nos sustenta.

Aquela experiência transcendeu o ambiente escolar. Ao todo, foram três nascentes reflorestadas. Os alunos levaram consigo lições valiosas que ecoaram em suas vidas adultas. Hoje, recordamos com carinho esses dias, e as nascentes que ajudamos a recuperar são um símbolo vivo do poder da ação coletiva e da conexão entre educação e meio ambiente. A semente plantada em nossos corações naquele projeto de reflorestamento continua crescendo, nutrindo a consciência ambiental em cada um de nós, e é uma inspiração constante para cuidarmos do nosso lar, da escola do campo e da natureza que nos ensina e nos abraça.

Esse envolvimento coletivo que o CEIER proporciona entre escola e comunidade escolar tem um impacto significativo em nossas vidas. Os professores têm um papel mais abrangente na vida dos estudantes. Eles não apenas ensinam matérias acadêmicas, mas também se tornam mentores, conselheiros, amigos e guias para os alunos. Essa proximidade cria uma relação de confiança e apoio

mútuo, fortalecendo o sentimento de pertença e segurança emocional.

A educação pode abrir portas e oportunidades, permitindo que os estudantes tenham uma visão de mundo mais ampla e melhores perspectivas de futuro. Ver o progresso de cada um, a superação de dificuldades e a contribuição para o desenvolvimento de uma comunidade são fontes de grande satisfação e felicidade. A relevância dessa atuação está na capacidade de transformar vidas, empoderar os estudantes e contribuir para o desenvolvimento do local onde a escola está inserida.

Essa prática pedagógica interdisciplinar deixou um legado duradouro, mostrando que a educação pode ir muito além dos muros da sala de aula e ser uma força transformadora na vida das crianças e no mundo ao seu redor. São memórias afetivas essenciais para a construção de uma educação significativa e para o fortalecimento dos laços entre a escola, os alunos e a comunidade do campo.

Fazer a diferença em um ambiente comunitário próximo, trabalhar com o conhecimento prático e conectar-se com a natureza, são valores transmitidos de geração em geração, e os estudantes sentem-se conectados a essa herança comum. Essa identificação reforça o sentimento de pertença e orgulho de fazer parte deste CEIER que desempenha um papel essencial na formação das futuras gerações.

VILA PAVÃO: A CIDADE QUE NASCE EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Jorge Kuster Jacob¹

A história dos municípios e suas emancipações sempre tem dois lados: o interesse da população de um referido distrito e as autoridades políticas que fazem ou não tramitar um projeto lei na Assembleia Legislativa do estado. O interesse e a organização da população no sentido de acompanhar o processo facilita o trabalho dos políticos, geralmente, os vereadores do referido distrito e os deputados estaduais da região. A união dessas forças é importante para o sucesso da solicitação da emancipação. O projeto tramitará com muito mais força se a população e suas instituições locais buscarem dados e pressionarem as autoridades políticas, em especial os deputados estaduais.

O distrito de Córrego Grande, também conhecido como Vila Pavão (Sede), pertencia a Nova Venécia até o ano de 1990. A população já tinha tentado a emancipação política através de um abaixo-assinado em 1986, encaminhado aos deputados da região. Contudo, o processo não teve continuidade. A população também não se organizou no sentido de pressionar a tramitação do pedido.

Em 1989, a população de Vila Pavão organizou uma comissão encabeçada pelo vereador Antônio Teixeira Maria (PT) e com a participação dos professores do Centro Integrado de Educação Rural (CIER), hoje Centro Estadual de Integração Rural (CEIER). Essa comissão permanente denominada “Grupo EmanciPavão” se reunia todas segundas-feiras na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Córrego Grande, hoje Ana Portela de Sá, que ficava no centro de Vila Pavão, onde hoje é a Praça do Colono.

Podíamos afirmar que a emancipação política de Vila Pavão nasceu nas duas grandes e únicas escolas do então distrito. Como entendemos que emancipação é um conceito também cultural e que o processo dele não é apenas legal e político, mas também de constante construção e com a participação efetiva da sua população. Assim os professores, alunos e funcionários do CIER lideraram a busca dessa libertação através da cultural local, da agricultura familiar, da educação do campo, entre outros aspectos que a população precisava reconstruir e ter. O CIER assim dava visibilidade não só a agricultura familiar e

1 Ex-professor (História, Sociologia, OSPB, EMC, Ensino Religioso), ex-coordenador de turno e ex-diretor do CIER de Vila Pavão (1988-2016).

implantação de uma metodologia voltada para a educação no campo.

A equipe CIER lutava para fortalecer a organização popular. Com apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais fortaleceram a organização de associações de agricultores e organizava festas nessas comunidades rurais. Na escola, estabeleceu o Grêmio Estudantil Augusto Ruschi (GEAR) e este influenciou a Escola da sede a organizar um grêmio também. Ao mesmo tempo que os CIERs tinham apoio técnico de um órgão da Alemanha para definir questões ligadas a Agricultura Alternativa e Ecológica. A cultura local, em especial a pomerana fazia de Vila Pavão, a Pomerânia do norte do Estado. As manifestações culturais de Vila Pavão, em especial a pomerana recebeu destaque até mesmo na Alemanha em revistas, jornais e tv. Na época, com participação de professores e alunos do CIER já tinham organizado um Grupo de Danças Folclóricas Pomeranas (principal etnia do futuro município de Vila Pavão) com a Juventude Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), na “igreja”. O Museu Pomerano Franz Ramlow também nasceu dentro do CIER, especificamente nas aulas de história, quando os alunos eram desafiados a trazerem de casa “fontes históricas” para exposição temporária. Conseguiram tantos objetos históricos que a partir dali o município começou a planejar a formação do Museu Pomerano Franz Ramlow.

O CIER, a convite do vereador Antônio Maria Teixeira (PT) convidou os professores do CIER para uma reunião na Escola da Sede do município para debater a questão da emancipação política do Distrito de Córrego Grande (Vila Pavão) que pertencia a Nova Venécia. Na primeira reunião apareceram poucas pessoas da comunidade. Essas pessoas, a maioria professores, alunos e funcionários do CIER. Nessa primeira reunião uma decisão foi determinante: todas segundas-feiras no mesmo horário, haveria essa reunião inicialmente coordenada pelo vereador Antônio Teixeira Maria para debater e encaminhar o processo de emancipação política de Vila Pavão (Córrego Grande).

O CIER ainda não tinha uma proposta pedagógica. O Brasil ainda estava saindo do regime militar. O CIER simplesmente tinha uma área de terra para desenvolver atividades agrícolas práticas com os alunos, porém não tinha recebido nada referente a forma como iriam trabalhar os conteúdos (as disciplinas) e a prática. Na verdade, era uma proposta curricular comum a todas as escolas de 1º e 2º Graus no Brasil. As prefeituras de Boa Esperança, Vila Pavão (Nova Venécia) e Águia Branca tinham recebido esse pacote: um prédio e uma área de terra.

Essa proposta de educação rural vinha de “cima para baixo”. Na época, o prefeito de Nova Venécia, depois que adquiriu a área de terra, para construir o prédio escolar contratou um engenheiro agrícola para “colocar a escola para funcionar.” Seria esse engenheiro agrônomo o primeiro diretor da escola.

A organização, a elaboração de uma proposta pedagógica para essa escola,

com a participação dos pais dos alunos andava de braços dados com o processo de emancipação política do Distrito de Córrego Grande (Vila Pavão). Debater emancipação política, emancipação cultural, proposta pedagógica, criação de um evento cultural, entre outras fazia parte deste momento histórico de Vila Pavão (Córrego grande).

A escola do CIER buscava parceiros com a participação da comunidade para definir sua metodologia de trabalho. Em Vila Pavão, a grande maioria era de agricultores e agricultoras familiares. Por isso, escola começava a debater também a criação de um evento cultural que abraçasse sua identidade camponesa e étnica. Junto com os alunos de 5^a a 8^a series, bem como com os pais destes alunos refletiam uma proposta pedagógica comprometida com a agricultura familiar de Vila Pavão. A escola já funcionava 3 anos com conteúdo e metodologia de uma escola comum, até a comunidade debater a criação de um evento cultural comprometido com a realidade local. O CIER realizava todos anos, durante os 3 anos, a Festa Caipira. Ora, a Festa caipira é um evento que histórica, étnica e culturalmente nada tinha a ver com pomeranos, italianos e africanos que na década de 1950 colonizaram essas terras. Enquanto isso a juventude evangélica (IECLB) já tinha criado de forma subversiva um “Grupo de Danças Folclóricas Pomeranas”. Os professores iluminados por essa iniciativa dos pomeranos criaram e trocaram a festa caipira pela “Pomitafro” (festa pomerana, italiana e afro). A iniciativa teve grande repercussão na mídia e na opinião pública local, regional e estadual. O grupo italiano recebia um evento anual, os italianos e afros eram desafiados a se organizarem, pois o espaço anual para sua apresentação (Pomitafro) já eram convocados.

O evento ou a festa cultural Pomitafro na época da sua criação não imaginava que depois de 4 realizações como uma festa da escola seria assumida pela administração municipal, tornando-se a festa do município e na verdade um grande movimento cultural.

Não só o município, mas a região, o estado, o Brasil e o mundo tinham num evento muitos desafios de como fazer a sua língua, dança, música, culinária, vestimenta, livros, filmes, religiosidade, agricultura, comercio, entre outras manifestações poderem se apresentar nesse palco chamado Pomitafro.

Antes, as escolas, as igrejas e outros grupos tinham um grupo de danças, por exemplo, que se apresentava numa festa e depois acabava. A Pomitafro, assim desafiava a permanência dos grupos culturais pois no próximo ano tinha outra Pomitafro, como também desafiava outros municípios a terem seu evento e grupos culturais para representa-lo em outros municípios.

Assim tanto “A Escola”, “O Grupo Cultural”, O Evento (Pomitafro)” e “A Emancipação Política” é um processo constante. Debate permanente. Evolução. Revolução.

CIER DE ÁGUA BRANCA: EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS

João Carlos Juliatti¹

Depois de vários anos, lembrar os 40 anos do CIER e contar parte da minha trajetória de vida profissional está sendo uma experiência maravilhosa. Sem dúvida, foram momentos inesquecíveis de convivência e aprendizado.

Terminei meu curso superior no início da década de 80 em Engenharia Agrônômica no Centro Agropecuário da UFES. Diante das dificuldades de conseguir ingressar no mercado de trabalho, descobri um projeto piloto de educação rural que seria iniciado no Espírito Santo, voltado para atender jovens com dificuldade no acesso à educação de quinta a oitava série e também do Ensino Médio, que na época era restrito apenas aos distritos e sedes dos municípios, fazendo com que a evasão escolar fosse um problema crescente.

Lembro-me a primeira vez que estive na escola, fiquei muito impressionado e me apaixonei à primeira vista com aquele lugar lindo, que além da área construída, contava com 02 alqueires de terra que seria usado para as práticas agrícolas. Me vi diante de uma oportunidade imensa de começar minha jornada profissional.

Durante os seis primeiros meses antes de iniciar as aulas, realizamos uma programação com cursos e palestras no intuito de prestar um serviço as comunidades as quais seriam atendidas pela escola. Oportunamente, começamos um trabalho para resgatar a autoestima dos pais e futuros alunos, pois muitos jovens já tinham desistido de estudar.

Não foi uma tarefa fácil, pois as dificuldades eram muitas, principalmente o deslocamento das suas propriedades até o local da escola ... poucos possuíam veículos e a maioria do transporte era feito com animais, bicicleta e até mesmo uma caminhada que durava horas.

Os encontros na maioria das vezes tinham que ser realizados nos finais de semana, porque os agricultores trabalhavam duro nas suas propriedades não dispondo de tempo para participar nos dias úteis da semana.

Lembro-me das vezes que por falta de transporte nos finais de semana eu tinha que dormir nas instalações do prédio escolar, não foi fácil, mas o desejo de dar continuidade a aquele trabalho falava mais alto.

¹ Ex-professor e engenheiro agrônomo do CIER de Água Branca, ministrando aulas de Agricultura e Zootecnia entre os anos de 1983 e 1998.

Recordo das boas histórias contadas noite adentro por um amigo muito querido, que além de agricultor, trabalhava prestando serviço de vigilância nas dependências da escola, um grande companheiro que com sua simplicidade e sabedoria me passou muitos ensinamentos.

Dentre as várias visitas às famílias, marcou-me um agricultor, na sua simplicidade com seus 3 filhos, duas meninas e um rapaz, trabalhando duro no serviço rural, já sem esperança com o futuro dos estudos dos filhos, consegui convencê-lo da importância do retorno às aulas, foi uma tarefa de difícil convencimento.

Mas foi assim que tive a certeza que estava sendo iniciado um grande projeto de educação rural voltada para a realidade do homem do campo, evitando com isso o êxodo rural e a evasão escolar, dando oportunidade aos filhos de agricultores de permanecerem juntos às suas famílias.

Recordo-me carinhosamente das refeições oferecidas a mim por uma família, que sabendo das minhas dificuldades de locomoção, levavam com tanta dedicação o meu alimento diário até a escola. Sou eternamente grato a essa família por qual até hoje tenho tanto respeito e consideração.

Outro fato marcante, foi o dia que conseguimos comprar um burro com carroça, chamado Roxinho, que passou a ajudar nos trabalhos práticos de campo e também servia para buscar compras na vendinha da comunidade, já que a escola não possuía veículo.

A escola CIER foi uma grande experiência de aprendizado, a convivência na comunidade foi importante para a implantação de uma educação inovadora e participativa com respeito ao saber popular, preservando seus princípios.

Mais à frente, comecei participar de uma associação comunitária de pequenos agricultores da região representando a escola (CIER). Depois de um certo tempo tive a oportunidade de ser presidente desta associação. Descobri que o Banco do Brasil tinha recursos a fundo perdido e que poderiam ser aplicados no desenvolvimento de comunidades carentes. Então, elaboramos vários projetos em diversas áreas, dos quais alguns foram aprovados e beneficiaram diretamente a escola com máquinas e equipamentos que ajudaram muito nos trabalhos práticos de aprendizagem dos alunos.

Lembro perfeitamente do primeiro dia aula ... a apresentação de toda equipe de professores e do brilho no olhar de cada aluno ali sentado.

Hoje, voltar ao passado e ver toda trajetória de evolução do CIER, sabendo que fui o primeiro a chegar para iniciar aquele trabalho, me deixa extremamente orgulhoso e agradecido por ter tido a oportunidade de participar de todas as fases deste grande projeto inovador e hoje, muito bem sucedido.

O CIER sem dúvida nenhuma foi minha maior experiência profissional

vivida, guardo com muito amor e carinho as lembranças de todas as pessoas que tive oportunidade de trabalhar e conviver, pessoas simples, porém com grande capacidade de realizar muito com o pouco, deixando marcas em todos que passaram por ali.

UMA VOLTA AO TEMPO ESCOLAR CEIER!

Lorrâna Miranda Wolfgran¹

Hoje, viajando pela minha vida escolar, me reencontrei resgatando memórias do tempo em que fui estudante CEIER. Afinal, cresci ouvindo minha família dizer que CEIER era escola “boa”, era escola que formava consciência. Na época, eu não dava crédito a isso. Pois pra mim escola era só um lugar de estudar. Em função da pouca idade, também não tinha condições de relacionar as ações tão importantes que se conjugam junto ao verbo estudar.

Bem no ano 2006 lá estava eu, chegando ao CEIER. Eu já havia estado ali, mas naquele ano, eu estava entrando para a escola. E tudo me encantava, desde a beleza e a riqueza natural em volta do centro, os componentes culturais faziam com que cada aula trouxesse expectativas para a próxima. Me recordo com alegria das diversas formas como a escola acolhia os estudantes novos. Cada professor parecia desenvolver as suas aulas numa mistura didática de conteúdo, entusiasmo e sabedoria. O diferencial que este ambiente nos cativava, era que não sabíamos que profissão seguir e que trabalho realizar, mas ali, encontrávamos encorajamento para ir descobrindo de forma autônoma e sem decretos. Ali, se priorizava de distintas formas a construção de relações positivas e parcerias entre todos os membros da comunidade escolar. Os erros serviam de reflexão e aprendizado.

Na dinâmica das aulas práticas de campo, era possível observar a natureza e aprender com ela ao mesmo tempo.

Adentrando mais ainda neste percurso, revisei minha mochila forrada por dentro com um saco plástico para não molhar os materiais que iam e vinham conosco. Por um instante aqui, sentido os amores e dissabores da vida escolar, cheguei a ouvir a voz de minha mãe e minha vó dizendo para levar e trazer a mochila cheia de saberes e transportar somente o que fosse importante. E eu seguia com meu grupo, que fazia dentro do ônibus uma grande alvorada no Assentamento Treze de maio todas as manhãs letivas. Ou andando para pela estrada para chegar em casa, porque não raro o ônibus não conseguir leva-nos de volta. Uníamos os passos na estrada de terra molhada ou empoeirada. Nestes trajetos aprendi de fato o que era solidariedade e companheirismo: Se tínhamos

¹ Professora de Filosofia do CEIER de Águia Branca.

que vir a pé, ninguém deixava o outro para trás. Quando alguém tinha um biscoito água e sal, era um, ou dois para cada. Mas todos comiam. Ainda havia a preocupação em ajudar os menores carregarem a mochila quando cansavam de andar por pelo menos 10 quilômetros.

Me recordo ainda da época, os incentivos advindos do diretor escolar, sempre afirmando que podíamos ir mais longe, que olhássemos para além das barreiras. A recordação também me levou a muitos professores, uns mais outros nem tanto, mas tudo é componente de um enredo coletivo da trajetória estudantil.

Como na carreira estudantil, na arte de rememorar a história os sentimentos as vezes nos tomam o chão. Mas por tudo isso, só tenho gratidão. GRATIDÃO.

Nesta viagem ao tempo hoje ainda me encontrei no terreno fértil do CEIER, mas agora, como professora. Numa experiência incrível, desafiadora, mas consciente. Porque onde fui educanda, me tornei educadora com uma intrínseca vontade e missão de forjar sonhos.

De muito o que aprendi com/no CEIER, permanece a convicção que a escola pode e deve insistir em intervir na realidade dos jovens, oferecendo-lhes possibilidades de serem protagonistas de sua existência e de seus projetos. Talvez aqui esteja o segredo de uma escola do campo e no campo já nascer forte e chegar a 40 anos de história com tamanha referência. Paulo Freire nos ajuda a entender ressaltando:

Em verdade, não seria possível a educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realiza-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educando-educando com educando-educador. (FREIRE 2007, p. 78)

Com convicção, reconhecemos o CEIER, como uma escola do Campo. Que busca ser um espaço de leitura e reflexão filosófica sobre a realidade. Que incide na construção de um projeto de agricultura aliado a preservação da terra, da vida e da cultura. Que reúne os múltiplos sentidos e saberes, entrelaçando o conhecimento popular e científico na consolidação de uma educação libertadora e transformadora.

O sentimento é de muita gratidão a tudo que o CEIER me proporcionou ao longo destes meus 28 aninhos de vida. Sendo o norteador da minha trajetória profissional. Descortinando as olhares e perspectivas, acrescentando às habilidades de enxergar possibilidades em meio a um mundo tão complexo atualmente, principalmente para os filhos de famílias que nascem sem herança,

sem padrinhos políticos. E assim eu sigo agradecendo por ter tido a oportunidade de tecer vínculos afetivos com o Centro Integrado de Educação Rural de Águia Branca.

Referência

PAULO, Freire. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2007.

CEIER: ESPAÇO DE CRIATIVIDADE E INSPIRAÇÃO

Sidnei Vinturino¹

O meu nome é Sidnei Vinturino, professor de Filosofia, e tive a honra de começar a trabalhar no CEIER no ano de 2020. Um ano muito difícil para todos que faziam parte do CEIER, que compartilhava do sofrimento de toda a nação brasileira, e todo o mundo, devido a pandemia da COVID-19 que abalou a todos, física e psicologicamente.

Era uma experiência nova e de adaptação, o que é normal para quem chega em um lugar diferente, mas ficou muito mais marcante e desafiadora com a pandemia, o que possibilitou aprendizados e formas de trabalho nunca pensados, que foram as aulas de forma remota, reuniões on-line, acesso à ferramentas digitais e, um aspecto mais complicado, a distância dos estudantes, a falta de contato, a sensação de um trabalho imerso na solidão.

Mas, tudo isso não ofuscou o brilho e a grandeza que é desenvolver um trabalho como professor numa escola como o CEIER. Passada a pandemia, com a volta à normalidade, tudo ficou ainda mais gigante. Os encontros diários com os estudantes tiveram ainda mais sabor e encanto.

O CEIER, que neste ano de 2023 completa um ciclo de 40 anos, é uma escola que transforma a vida de estudantes, professores e demais profissionais. Assim o é na minha vida, na minha história, na minha profissão. Sinto-me muito melhor que antes. Pois, aqui aprendemos como exercer o trabalho de educador pelo viés da humanização, produzindo junto com os estudantes conhecimentos num contexto de humanização. Desse modo, sinto-me sempre mais humanizado, humano, uma pessoa melhor.

Trabalho com os componentes de Filosofia e Projeto de Vida, que a meu ver, se complementam. E, quanto a Filosofia, mais especificamente, desafia-me, porque sempre me ponho a perguntar: como fazer filosofia, reflexão, desenvolvendo o que é próprio da Filosofia, levando em consideração a realidade do homem e da mulher do campo, que é a razão de ser do CEIER? Como desenvolver uma filosofia que reflita questões reais ligadas a vida do campo?

Com esse trabalho sempre tenho a convicção de que ao planejar, apresentar a proposta de aula para os estudantes e com eles dialogar, aprendo sempre

¹ Professor de Filosofia do CEIER de Vila Pavão.

mais, me renovo, e me sinto enriquecido. As aulas de Projeto de Vida, que tem uma proposta ligada a construção humana, antes, ajudam-me na construção do meu ser, do meu tornar-se, e traz elementos riquíssimos para o meu desenvolvimento como pessoa humana.

Este contexto todo é para mim inspirador, o que me alimenta o desejo de sempre construir algo novo e diferente. Aguça-me a sensibilidade e a criatividade, e me impulsiona a fazer algo que possa contribuir com a proposta do CEIER, que tanto contribui e enriquece a minha vida. Daí surgiu o desejo de escrever um poema em homenagem às mulheres, mais especificamente, às mulheres do CEIER, no contexto do Dia Internacional das Mulheres. O título do poema é “Mulher ceieriana”, como segue:

Mulher ceieriana

Neste dia, preciso conversar com você, mulher ceieriana!

Nesta conversa procurarei evitar falar da fantasia do que é ser mulher, da mulher esperada, sonhada, desejada e confinada ao coisificável.

Preciso falar da mulher mais real possível, no entanto, a partir de um recorte no tempo.

Desejo falar da-para-com a mulher ceieriana.

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, que luta, que cuida, que ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

A mulher ceieriana é a mulher da distância, dos quilômetros andados, da estrada de chão com lama ou poeira. É a mulher da estrada de asfalto.

A mulher ceieriana, vem de longe pra ganhar seu pão, pra ensinar e aprender, vencer seus medos, sorrir e chorar, amar e orar, perder às vezes, mas nunca deixar de lutar.

Isso é o que a gente vê. Essa é a mulher ceieriana.

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, que luta, que cuida, que ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

A mulher ceieriana é a mulher professora, que ensina e aprende, que busca e que sonha. Procura aprender para ensinar e ensina ao aprender. Aprende com o que estuda, aprende com a vida. Ensina o que estuda e ensina a vida. Ensina que a vida é luta, que a vida é amar. Ensina com a vida.

Ah! Mas esta mulher ceieriana não desiste nunca. Está sempre buscando,

intrigada, criticando e não aceitando que o intragável lhe desça de goela abaixo.

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, luta, cuida, ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

Mulher ceieriana é esposa, mãe, solteira, mãe solteira, que amou, ou que ama, que é livre, que é dona de si. Essa mulher ceieriana tem sua luta diária, seus desafios externos e internos. Isso a faz guerreira, sempre guerreira. Às vezes cansa, às vezes perde e muitas vezes dá murro em pontas de facas. Mas não perde a sua essência. Como mulher guerreira, perde muitas lutas, mas nunca a batalha, pois a batalha continua.

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, luta, cuida, ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

A mulher ceieriana é diretora, pedagoga, coordenadora, coordenadora pedagógica, secretária. Que lidera, que coordena, que briga, que discorda. Aponta caminhos e se desaponta nos caminhos. Encontra, se desencontra. Procura alternativas, propõe, contrapõe, se põe, está a caminho. Mulheres da luta, da interminável luta. Mulheres do desafio de encontrar na burocracia, nas encruzilhadas administrativas, um rosto humano.

E ela encontra um rosto humano. Se encontra no rosto humano.

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, luta, cuida, ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

A mulher ceieriana é a mulher da limpeza, da faxina, da cozinha. É a mulher da labuta. Labuta diária. Limpa não só o chão onde apoiamos nossos pés, mas limpa também o nosso coração, a nossa alma. A mulher ceieriana limpa a alma, lava a alma, pois a humildade com que faz as coisas, se faz fazendo as coisas, é dignificante e questionadora. Questiona-nos e faz refazer-nos, porque lava a alma, limpa a alma. A humildade, a solicitude, a ternura, prepara o terreno para os corações cansados da labuta diária. Que seria de nós sem elas?

E a mulher ceieriana na cozinha? Será que espalha pitadas de ternura na forma como prepara o alimento?

A mulher ceieriana é demais! Não tem limites!

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, luta, que cuida, ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

A mulher ceieriana é estudante. Aprende ensinando e o que aprende serve para

a vida toda. É mulher ceieriana que aprende todos os dias o significado de ser assim. Aprende todos os dias a importância de ser mulher, livre, pensadora, questionadora, dona de si e construtora de uma realidade que também lhes pertença. O mais importante, aprende tudo com outra mulher ceieriana.

A mulher ceieriana é também a mulher campesina, a mulher do campo. Não somente a mulher do homem do campo ou a mulher filha do homem do campo. Mas, a mulher do campo. A mulher do campo é dona de si. Que aprende ensinando com as outras mulheres a importância de ser mulher e de, pelo trabalho, construir uma realidade que lhes pertença, construir e ampliar seu espaço.

Viva a mulher ceieriana!... que pensa, que luta, que cuida, que ama...

Viva a mulher ceieriana!... que trabalha, que ensina, que é livre, que busca...

Viva a mulher que se orgulha de ser ceieriana!

Viva a mulher ceieriana!

VÍNCULOS QUE TRANSFORMAM

Mateus Armani¹

Educação que transforma, esse é o maior legado do CEIER, sou digno de retratar esse fato, aliás meus pais, tias, tios e primos também fizeram parte dessa família. No entanto, essa instituição é mais que uma escola, é um ambiente acolhedor, que não só ensina didaticamente, ensina socialmente, nas mais adversas condições do ser humano, essa escola me guiou e contribuiu na minha formação, na valorização do meu eu.

Minha vida no CEIER iniciou-se antes mesmo de entrar na instituição, pois meus pais tinham uma relação mais longa com a escola, os dois concluíram a segunda parte do ensino fundamental nessa escola, e desde bem novo ouvia as histórias vivenciadas por eles, inclusive do famoso “pau de arara”, transporte usado na época para transportar os alunos, haja história pra esse veículo. Daí por diante foi crescendo meu interesse por estudar no CEIER e nunca me vi em outra instituição de ensino.

Entrei no CEIER aos onze anos, e estou concluindo meu último ano letivo aos 17 anos, nesse período de seis anos aprendi muito, lidei com pessoas e situações diversificadas, que engrandeceram minha sabedoria e forma de enxergar o corpo social, graças a um olhar crítico adquirido através de professores que me cativaram a ser como eu sou, não a tamanha admiração e gratidão a eles, em especial a uma das pessoas que mais me compreenderam e me ensinaram e enxergar a realidade; a professora Ilka Carla Cars, suas aulas sempre foram dinâmicas e respeitavam a essência de cada estudante, o motivo de homenageá-la é esse, por sua dedicação e carinho aos estudantes, e um dos ensinamentos mais marcantes que ela nos deixou foi sobre o nosso nome, faça de tudo para garantir honra a ele, a partir da dignidade, equidade, do respeito pois ele te representa de forma inimaginável. Essa figura fez parte do nosso CEIER e cativou muitos estudantes com sua personalidade, obrigado professora.

Falando de CEIER é necessário dizer que a relação estudante e professor são semelhantes a vínculos familiares, pois a caridade é algo que transmite a identidade da escola, e essa relação não é de hoje. Essa perspectiva vem a partir do início da escola, a preocupação em oferecer qualidade de vida mental e a devida importância ao indivíduo sempre são plausíveis, aliás a educação se faz

¹ Estudante da 3ª Série do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Agropecuária do CEIER de Águia Branca.

por meio de pontes com o bem estar e alegria de seus estudantes, é como um rebanho de ovelhas sendo guiados por um pastor responsável e zeloso.

Durante todo esse período aprendi bastante e também conheci muitas pessoas, pessoas no qual firmei uma amizade e depusitei minha confiança, a prosa, a tagarelice as firulas fizeram e fazem parte do meu cotidiano, a forma simples de levar a vida com essas pessoas as vezes aumentam nosso auto estima, sem dizer dos causos que viram e meche aconteciam e acontece, isso sim garantia as risadas de uma semana inteira, como o caso da plantação de cana do vizinho da escola, isso sim rendeu e fez história, quem pode dizer bem é meu amigo Pedro canal, mais isso é conto para outro momento se você me entende.

E o que dizer das visitas de estudo, era e é um momento único, além de aprender, de dialogar, nós nos divertíamos muito, era uma cantoria, uma algazarra, que desprendia um sorriso até daquele estudante que tinha “vergonha de respirar”, realmente um momento muito bom, como se fosse um espírito contagiante que fazia todos brincar e caçoar. Como no dia da visita sobre o tema gerador água no Parque da Ilha, uma propriedade ligada ao agro turismo que nos informou o leque de opções no ramo agropecuário e o lazer em integração, esse dia foi extraordinário, ou seja, isso só acontece no CEIER você aprende e diverte ao mesmo tempo.

A princípio, vale lembrar dos momentos de culminância, momento em que todos demonstravam o que foi aprendido e elaborado no final de cada trimestre, as místicas então, além de serem bem simbólicas, me despertavam uma crise de risos sem mesmo eu querer, acho que natural, ainda mais de uma pessoa que rir de tudo. Falando de alegria, risadas, bastava um olhar sincero de um amigo que tudo era entendido, a algazarra começava, era intuitivo um gesto e tudo começava, essa era a conexão algo incrível que incomodava muita gente, e com razão porque era insuportável, aliás vocês entendem o senso crítico dos adolescentes.

Vale lembrar de nossas aulas práticas, a interdisciplinaridade é marcante, mais uma característica marcante do CEIER, todas voltadas para a agroecologia e até mesmo ao agronegócio com professores mais liberais e visionários. Era tão interessante, e ainda você aprender e compartilhar esse conhecimento, esse era o objetivo, principalmente através dos vídeos elaborados por nós, propostos pelo professor Ismael Lourenço, que por sinal é um ótimo profissional, era e é uma figura, as gargalhadas em suas aulas eram garantidas além da vasta aprendizagem.

Não há dúvidas que as aulas de economia doméstica eram e são as melhores, era um momento descontraído, era tão interessante chegar em casa compartilhar com a família o que foi aprendido e até mesmo reproduzir atividade, sempre era algo que somava e transmitia a todo um conjunto. Os gritos da professora Maria Aparecida, mais conhecida como Cidinha, era muito interessante

pois colocava ordem na desordem, e mais uma vez eu não me aguentava e ria, de forma discreta é claro, se não sobrava pra mim. Essa sim era e é uma pessoa doce, acolhedora, humilde sempre disposta a nos ajudar, também era o bom humor em pessoa, mineira longe da família adotou o CEIER como família, inclusive todos os estudantes, essa tinha e tem um coração enorme.

Outro dia marcante foi com a professora de história Carmem Helena Gobbi, a visita a loja maçônica e ao cemitério polonês de Águia Branca, eu diria que foi algo bem interessante que despertou diversas dúvidas, foi engraçado também, pois o suspense e os mitos relacionados a esse grupo eram vários, era legal ver o povo com medo e ao mesmo tempo debochando da situação, foi um dia bem peculiar e satisfatório por conhecer um novo modelo de crenças e novas histórias.

Portanto, a história do CEIER da minha vida vem de uma árvore genealógica que permitiu o desenvolvimento da escola, uma das primeiras a turmas a dar vida a esse espaço, nesses seis anos conhecimento, aprendizagem, alegria, tristeza, gratidão, descontentamento e amadurecimento me estruturei, e garanto CEIER não é somente uma escola é um espaço de cuidado com o meio ambiente e com o ser social. Pois um nome digno é difícil de sustentar, e o CEIER tem realizado isso com sucesso com seus profissionais, apesar dos empecilhos, que é comum em todo espaço ocupado por seres humanos, é uma escola que tem meu respeito, e sou suspeito a falar, inegavelmente também colaborei para seu desenvolvimento e ele colaborou pra o meu, palavras de um estudante que nunca te esquecerá, ainda mais por ser chamado todos os dias como Armani, meu sobrenome que as pessoas faziam e fazem questão de falar.

UMA LÍDER DE EXCELÊNCIA

Gleidiane dos Santos Ferreira¹

A sensação que tenho, é que algumas pessoas vieram a esse mundo para serem um “evento”, tamanha sua expressão diante da sociedade. Lembro que quando cheguei no CEIER de Boa Esperança, quatro de abril de dois mil e cinco, ainda uma estudante do Curso de Pedagogia, cheia de medos, mas na certeza que estava no lugar certo, fui recepcionada com um caloroso “Seja bem vinda, minha filha”, porque era assim que esse ser humano incrível, chamada Derlinda Aguiar Livramento Carvalho, fazia questão de nos tratar, como filhas (os), e tal qual, nos ensinava a dar passos pelo árduo caminho da educação.

Após uma recepção calorosa, já vinha logo uma tarefa, ler o Regimento da Escola. A leitura do Regimento, era uma espécie de passaporte, como ela mesmo dizia, era preciso conhecer onde estava entrando. Durante anos, vi essa cena se repetir muitas e muitas vezes, e o olhar assustado de colegas diante de um livro enorme, fazia com que eu me enxergasse naqueles olhares assustados e logo reproduzia o que me fora dito por quem aqui estava quando cheguei: “Fique calmo (a), se sua intenção é crescer e evoluir, você está no lugar certo”.

O dia a dia sempre foi muito desafiador, cada dia uma emoção diferente, como comumente falávamos entre nós. Chegamos a nos perguntar logo pela manhã: “Hoje será um dia com emoção ou sem emoção?” E a resposta, “sempre com emoção”, vinha regada de muita risada e descontração.

Não há como negar a importância da Derlinda na história do CEIER de Boa Esperança, a sensação de segurança que ela transmitia era surreal, a famosa frase “Eu assumo”, nos trazia a certeza que podíamos contar com ela em todas as situações. A cada obstáculo, seu olhar racional nos guiava nas decisões e no enfrentamento dos desafios, que diariamente nos faziam ficar em estado de alerta e sempre pensar e repensar ao tomar uma decisão.

Sinônimo de dedicação e comprometimento, Derlinda dedicou longos anos ao CEIER de Boa Esperança, e era possível perceber sua paixão pela escola, pois era nítido seu amor por tudo que com muita dificuldade foi construído.

Na cidade Boa Esperança, falar em CEIER (alguns ainda falam CIR, CIER, pois a nomenclatura foi mudando ao longo do tempo), é lembrar automaticamente da Derlinda e seu empenho no processo de criação e manutenção da escola

¹ Professora de Ensino Religioso do CEIER de Boa Esperança.

durante 35 anos, anos esses de luta ferrenha em prol da Educação do Campo.

Líder nata, Derlinda desempenhava seu papel com maestria e excelência, cobrava-nos e exigia de nós a mesma dedicação e comprometimento com que ela lidava com as questões educacionais, isso por que acreditava no nosso potencial e confiava em nosso trabalho. Como era bom ter esse olhar sobre nós!

A frase de Souza (2020, p. 2), resume muito bem o que foi liderança da Derlinda, sendo muito mais do que chefe, uma fonte inspiradora:

Liderar é mais do que deter autoridade, é influenciar a atitude do outro para atingir objetivos comuns, é levar os outros a segui-lo porque representa um referencial, ou seja, porque gostam dele, o admiram e o respeitam, porque acreditam que este líder possui conhecimento e competência, capaz de ajudá-lo em seu desempenho. (Souza, 2020, p. 2)

Essa era Derlinda, a referência, aquela que inspirava e incentiva a sermos profissionais de excelência, sobretudo, melhores esposos, esposas, filhos (as), enfim, a sermos seres humanos, de fato “humanos”.

Como tudo na vida, parece que só entendemos a dimensão das coisas, quando não mais o temos tão perto, e isso pude perceber quando essa jovem senhora se aposentou no dia seis de junho de 2017. Minha memória saudosista me faz recordar de uma frase que ela sempre dizia, quando por vezes reclamávamos das reuniões demoradas, das leituras de ofício por ofício, dos recados passados nos mínimos detalhes, das mensagens motivacionais no início de cada encontro, e ela rindo dizia: “Vocês ainda vão sentir muito minha falta!”. Confesso que sim, sinto falta do convívio diário, do “booooooooooom dia minha filha” repleto de incentivo e motivação, dos momentos de bate papo, mas por incrível que pareça, sinto falta das conversas ao ‘pé do ouvido” ou a portas fechadas, e dos conselhos que vinham acompanhados de muito zelo, olho no olho e empatia, sempre agindo de forma humana e respeitosa, sem exposição e com palavras cirúrgicas que nos faziam refletir e evoluirmos quanto pessoas.

Derlinda agradou a todos? Claro que não. Mas quer saber? Ela nunca fez questão disso, por isso mesmo, foi e é autêntica e determinada a fazer história, e isso com certeza ela fez, pois marcou a história da Educação do Campo, marcou vidas, marcou a minha vida.

Entre tantos momentos vividos ao lado dessa grande mulher, é impossível destacar um fato em especial, só posso dizer que ela é: Ela é força, Ela é magia, Ela é um divisor de águas, Ela é um marco, Ela é trovão e calma, Ela é sabedoria, Ela é, simplesmente é UM SER ILUMINADO e se ainda estamos de pé, devemos muito a tudo que ela fez em prol da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo e pelo Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Boa Esperança.

REFERÊNCIAS:

SOUZA, Diana Jakson G. **Como diferenciar um líder de um chefe**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Comercial) – Faculdade de Tecnologia de Assis, São Paulo/SP, 2020. Disponível em: <http://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/4703>. Acesso em: 27 jul. 2023.

PASSOS MARCADOS NO TEMPO: MEMÓRIAS DE UMA CRIANÇA

Renan Elvis Crivellaro¹

No ano de 1999 ingressei como estudante na antiga 5ª série do Ensino Fundamental na escola CIER – Centro Integrado de Educação Rural no município de Águia Branca-ES, ainda na época muito chamado de “Ginásio” tendo como órgão mantenedor a SEAG - Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca, que logo após tornou-se o atual CEIER – Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca, sendo de responsabilidade da atual SEDU – Secretaria da Educação.

Durante minha jornada como estudante (1999 a 2002) lembro-me com muita saudade de todos os momentos que vivi na escola que na época funcionava entre 07:30h às 15:30h, sendo no período da manhã aulas do currículo da base comum e no período da tarde aulas práticas de campo da área de ciências agrárias, no entanto, não ficávamos todos os dias até às 15:30h, pois os estudantes eram divididos em dois grupos, assim, enquanto um grupo ficava na escola até às 15:30h para as aulas práticas de campo no período da tarde, o outro grupo saía às 12:00h para retorno às suas casas. Na semana seguinte fazia-se a troca do grupo.

Aulas práticas, aulões interdisciplinares, visitas de estudos, dinâmicas e palestras faziam parte do nosso cotidiano escolar deixando o dia mais leve, principalmente quando meu grupo ficava na escola durante a tarde para as aulas práticas em campo. Ainda me lembro da disputa saudável que era para ver qual estudante iria ficar com a responsabilidade de carregar o bujão de água, tarefa muito cobiçada na época, pois quem nela estava não realizava as atividades de campo.

Plantávamos e colhíamos de tudo, arroz, feijão, frutas, hortaliças e ainda a criação de galinhas e porcos. Havia a participação de todos os estudantes em todos os processos e víamos o resultado no almoço que era servido às 12:00h para o grupo de estudantes que ficaria na escola no período da tarde, um verdadeiro banquete que em sua maioria ofertava em seu cardápio o que era produzido e colhido por nós estudantes.

Uma recordação que me emociona até os dias de hoje é quando me lembro da horta que tínhamos. Um lugar majestoso se assim posso dizer, tinha o toque especial e o cuidado de todos (as) com vários tipos de hortaliças e canteiros

¹ Ex-estudante, ex-estagiário e ex-professor do CEIER de Águia Branca.

enormes, tudo muito bem cuidado enchendo os olhos de quem via. A horta era um jardim com hortaliças de diversos tipos, lugar de muito aprendizado, conversas e brincadeiras.

Outro lugar que me recorde com saudades é a pocilga, lugar onde criávamos os porcos. Lembro que tínhamos que lavar todas as baias, misturar as rações e distribuir aos porcos. Havia uma diversidade de raças de porcos, matrizes e leitões que chamavam a atenção de todos (as) que por ali passavam ou ouviam falar através dos estudantes, contribuindo na movimentação econômica da região. Como forma de ajudar os camponeses, bem como contribuir para a diversificação das espécies para a região, a escola também disponibilizava espaço para o cruzamento com porcos ou matrizes dos camponeses da região, os camponeses podiam levar sua matriz ou varrão para a escola com a finalidade de reprodução. A escola sempre foi aberta aos camponeses, assim, um contribuía para o crescimento do outro.

Todo o chorume produzido nas baias pelos porcos era armazenado em um local apropriado e utilizado como adubo orgânico em outras culturas. Fazíamos a limpeza de toda a área da pocilga e seus arredores pois era também um local visitado por muitos e logo depois se transformou em uma das portas de entrada para a Trilha Ecológica “Prof. Demóstines Batista Rola”, a qual tive a oportunidade de ver nascer e tomar forma.

Ainda como estudante, lembro-me que na 7ª série (2021) deu início a construção do jardim que fica em frente a escola. Todos animados plantando grama e pingo-de-ouro, uma espécie de arbusto muito utilizado na época para delimitar espaços por ser de fácil manejo, podendo ser plantado e podado para criar formas, nesse caso tínhamos duas cores, o amarelo e o rosa. O jardim foi rodeado de delimitado pelo pingo-de-ouro plantado com espaçamento de um palmo de cada planta, assim, fazendo os contornos do jardim. Ainda utilizando-se do pingo-de-ouro, ele foi plantado para que formasse o nome CIER. Logo o pingo-de-ouro cresceu e pudemos podá-lo e ver todas as formas inclusive o nome CIER. Outras espécies de plantas também foram plantadas no jardim, bem como objetos de decoração que deram forma ao mesmo.

A escola passou por algumas reformas. Em uma delas, me lembro de estudarmos em salas improvisadas com muita poeira e detritos. Estudamos ainda por um tempo na quadra para que a reforma pudesse ser concluída, pois a escola ficou sem o telhado, o que na época de chuva deixou todas as salas de aula alagadas. Tive professores maravilhosos dos quais me lembro com saudade, carinho e respeito e afirmo que, apesar dos percalços passados, todos os professores conduziam suas aulas de forma excepcional, driblando todo e qualquer barreira que viesse a surgir.

Enfim, posso dizer que vivi uma época de ouro enquanto estudante no CEIER de Águia Branca, mas, a história não termina por aqui, pois quis o destino que eu voltasse ao CEIER como estagiário e mais tarde como professor.

Em 2005, ainda cursando a 3ª série do Ensino Médio em outra instituição de ensino do mesmo município, tive a oportunidade de retornar ao CEIER na condição de estagiário no LIED - Laboratório de Informática Educativa. Foi uma grande alegria rever todos aqueles espaços que um dia ocupei como estudante e ainda poder contar com a presença dos meus professores. Foram aproximadamente 6 (seis) meses como estagiário, onde pude contribuir nas aulas que eram ministradas no LIED e ainda estender minhas contribuições junto as práticas dos professores, auxiliando na medida do possível nas mais diversas atividades que aconteciam na escola. Me lembro que nesse ano estavam todos no início do processo para a conquista do então Ensino Médio Técnico em Agropecuária, que na época, mesmo que de forma breve pude contribuir de alguma forma.

O tempo passou e mais uma vez o destino colocou o CEIER em meu caminho, agora em 2015 retornei como professor ministrando aulas de sociologia e depois filosofia. No início foi difícil acreditar que um ex-estudante cujo pai e mãe possuem apenas a 4ª série, conseguiu estudar, se formar e retornar à sua escola como professor. Foi um misto de alegria e ansiedade, pois eu estava trabalhando com meus professores, coisa que eu nunca imaginava que poderia acontecer.

Cruel ter que escrever em tão poucas páginas tantas coisas maravilhosas que aconteceram comigo enquanto professor e enquanto ser humano nesse período em que fui professor no CEIER de Águia Branca.

Preciso deixar claro meu sentimento de eterna gratidão a todos (as) por tanto carinho, amor e, principalmente, respeito. Ao iniciar minha jornada como professor no CEIER todo tímido e sem jeito, pude aprender muito observando meus professores, bem como os demais profissionais que lá já estavam. Conheci professores humanos, que me ensinaram e ensinam até hoje, pessoas que levarei a amizade para a vida.

Muitos foram os desafios que enfrentamos, afinal por ser uma escola do campo a luta é constante para se manter de pé. O desafio do professor no CEIER é resistir, resistir a um sistema que nos é imposto, um sistema que não compreende que a educação campesina é uma escolha e para muitos uma filosofia de vida. O respeito pela identidade campesina está tatuado no CEIER e transmitir com eficácia os princípios e conceitos do campesinato é uma prática constante na rotina de um professor no CEIER.

Muitas são as histórias de lutas, brincadeiras e de perdas que tivemos, no entanto, os bons momentos se sobrepõem aos ruins, as amizades construídas, os momentos de confraternização entre toda a equipe sempre estarão em meu

coração. Vários eram os momentos de descontração, piadas, casos e até um dialeto particular só nosso de se comunicar, são risadas que ecoam na memória.

Durante minha jornada no CEIER algo importante aconteceu em minha vida pessoal e como sempre pude contar com a família CEIER. Como disse anteriormente sempre pude contar com o respeito de todos (as) que lá estavam, e assim também foi quando assumi para mim mesmo minha sexualidade. O apoio e respeito que sempre tive se fortaleceu ainda mais, fazendo-me um ser humano feliz e seguro. A prática da humanidade sempre se fez presente no CEIER de uma forma ou outra, nos mais pequenos gestos, uma escola que forma cidadãos para a vida.

Aos meus professores, não sei como descrever a felicidade e satisfação de ter trabalhado com vocês, um sentimento que não consigo explicar, apenas posso sentir, a todos (as) minha eterna gratidão, hoje digo com grande orgulho e satisfação que eu trabalhei ao lado dos meus mestres.

CEIER: PLANTANDO E COLHENDO MEMÓRIAS

Taysnara Rodrigues Hastenreiter Souza¹

No ano de 2020 eu assumi uma vaga de uma professora que estava de licença maternidade, na disciplina de zootecnia no CEIER de Águia Branca, através de uma amiga que trabalhava lá e que me indicou. Trabalhei no período de setembro a dezembro do referido ano. Foi uma experiência muito boa, uma sensação de realização, mesmo que por pouco tempo, mas era uma porta que se abria naquele momento, e a partir disso outras portas foram se abrindo e me inscrevi para o CEIER de Vila Pavão, na esperança de conseguir as aulas, e deu certo.

No ano de 2021, eu assumi a disciplina de agricultura I, que desenvolve atividades relacionadas as hortaliças. Nem acreditava direito que eu tinha conseguido a vaga para professora, pois sempre me inscrevi, mas nunca fui no momento da chamada, imaginando que não chegaria até a mim.

Bom, então chegou o momento de conhecer o meu novo local de trabalho, estávamos vindo de uma pandemia da covid 19, e as aulas estavam voltando a serem presenciais, alternando as turmas, sendo um dia a turma um, no outro a turma dois. Enfim, eram momentos atípicos e estávamos enfrentando o afastamento social, a perda de pessoas queridas, o uso de máscaras, ou seja, as relações estavam sendo construídas novamente e concomitante a isso eu também ia conhecendo mais os estudantes e a equipe da escola.

No início fiquei bem aflita, pensando na responsabilidade de assumir a disciplina, e na importância também, tendo em vista ser uma escola do campo, que trabalha com jovens de diversas realidades, e a horta da escola passaria a ser manejada por mim, com a contribuição e o trabalho dos estudantes. Os dias foram passando, se familiarizando e adquirindo experiência com o tempo.

Os estudantes realizam diversas atividades no campo, como produção de mudas, capina, construção de canteiros, plantio, aplicação de caldas agroecológicas, colheita do que eles mesmos produzem e com isso percebemos que passamos a maior parte do nosso tempo na escola, e convivemos mais com os filhos de outras pessoas do que com a nossa própria família.

Ao mesmo tempo que ensinamos, aprendemos, brincamos, conversamos com os estudantes, eles acabam contando histórias de vida, viramos conselheira,

¹ Professora de Agricultura I do CEIER de Vila Pavão.

psicóloga, médica, ou até mesmo um apoio nas diversas situações. Durante as aulas acontecem coisas engraçadas, que vão ficando para história e se tornando lembranças boas.

As atividades desenvolvidas na horticultura estimulam os estudantes a experimentarem, a sentirem o desejo de estar recriando uma horta no quintal de casa, a contar para seus familiares o que aprenderam nas aulas, e entre uma prática e outra escutamos falas dos estudantes que deixa o nosso coração quentinho, como “*Quando eu mexo na horta, eu sinto tanta vontade de fazer uma na minha casa também*”; “*Professora, posso levar uma muda pra minha mãe?*”; “*Lá em casa tem mudas, você quer?*”; “*Nossa horta está ficando bonita, hein?!*”. O mais interessante é o sentimento de pertença que os estudantes vão adquirindo, o respeito pela terra e por todos os agricultores que produzem os alimentos que todos os dias temos em nossa mesa.

Nesse tempo, pude perceber o orgulho quando os estudantes colhem os alimentos que eles mesmos produziram, as vezes nem gostam daquela hortaliça, ou possuem alguma resistência para consumir determinados produtos, mas acabam despertando a curiosidade de experimentar, só porque é fruto do trabalho deles.

Não poderia deixar de falar da relação afetiva que foi sendo construída de pouco a pouco, amizades que se tornaram essenciais dentro do CEIER. Passamos 9h por dia dentro da escola, e se não existissem pessoas tão especiais para dialogar, ajudar uns aos outros, pessoas que tem a missão de levantar sua autoestima e principalmente para incentivar. Assim como tudo na vida, surgem dias difíceis, dias angustiantes, dias felizes, dias de conquistas e realizações e acabamos sendo o suporte e o apoio uns dos outros nesses momentos.

Enfim, o sentimento é de GRATIDÃO... gratidão pelas conquistas, pelo crescimento diário, pelo meu sustento e da minha família, pela realização profissional, pelas pessoas que o CEIER me proporcionou conhecer, pelas amizades construídas, pelos estudantes, pelas famílias que acreditam no potencial da escola, por todos os profissionais que passaram pelos Centros Estaduais Integrado de Educação Rural do Espírito Santo, seja de Águia Branca, Boa Esperança ou Vila Pavão, mas que certamente fizeram história e diferença na vida de muita gente.

Fazer parte dos 40 anos do CEIER é reconhecer que a semente foi lançada em solo fértil e que a colheita é certa. O aniversário é dos CEIER's, mas quem recebe o presente somos nós.

EQUIPE CEIER DE ÁGUIA BRANCA: DOAÇÃO SEM LIMITE

Maria Aparecida Quiuqui de Abreu¹

A pouco tempo fui desafiada num círculo de construção de paz a lembrar qual equipe de trabalho marcou minha vida profissional, como e o porquê. Na hora eu pensei: EQUIPE CEIER. E foi mesmo. No final dos anos 80 e início dos anos 90 eu trabalhei no CEIER São Pedro em Águia Branca. Eram meus primeiros anos de trabalho como professora de língua portuguesa para alunos do fundamental II. Na época eu fazia faculdade de Letras na FAFIC/Colatina e depois pós-graduação em letras em Vassouras/RJ.

Quais memórias eu trago do grupo de trabalho que marcou minha vida? Eu lembro do carinho, do respeito, do comprometimento de todos com o desenvolvimento dos alunos que estavam na nossa responsabilidade. Havia uma doação sem limite ao fazer o papel de cada um. Todas as forças do bom humano estava ali para trabalhar.

A escola de tempo integral na época era um desafio para gigantes. O Estado através da SEDU/ES criou três unidades do Centro Integral de Educação Rural, sendo uma em Boa Esperança, outra em Vila Pavão e a que eu trabalhava de Águia Branca. Na época não tinha uma orientação de metodologia pedagógica que unisse o currículo às disciplinas da educação do campo. Os alunos estudavam de manhã as disciplinas da base comum e no contraturno tinham aulas de agricultura e zootecnia na prática. Os professores tinham carga horária de 40 horas semanais.

Uma questão era organizar uma base metodológica para o tempo integral e integrado. Então deu-se início ao planejamento conjunto dos três CEIERs e o que norteou os trabalhos foi colocar para cada bimestre um tema gerador. As escolhas dos temas no início foram terra, água, agrossilvicultura e êxodo rural, se não me falhe a memória. Todas as disciplinas convergiam suas ações para o tema gerador e subtemas.

As memórias que marcaram minha passagem pelo CEIER foi justamente o quanto eu aprendi e pude viver a alegria dos encontros, das visitas de estudos, porque para cada tema tinha uma visita em algum lugar, perto ou longe, para acrescentar aprendizagem sobre aquele tema. Era um aulão. Eu lembro de um

¹ Ex-professora do CEIER de Águia Branca.

dia que passamos dentro da mata do Trinta. Na época tinha mutirões de pais e membros da comunidade para apanhar café no terreno da escola. Que experiência incrível!

Até hoje quando encontro meus ex-alunos todos vem me abraçar com carinho e falam das coisas que realizamos na época que eles nunca esquecem. Vou destacar uma. Na época eu fiz um projeto de organizar um livro de poesias dos alunos. Cada tema gerador, com todas as atividades, fornecia repertórios para a escrita com criatividade. Conseguimos fazer o livrinho. Eu digitei todas as poesias dos alunos no estêncil, mimeografei, grampeie e depois fizemos o momento de autógrafos. Os recursos materiais eram precários, mas os recursos humanos da coragem, persistência fizeram vencer.

Se eu citar nomes aqui, das pessoas que trabalharam na época, posso esquecer alguém. Mas, aproveitando a oportunidade, quero lembrar do meu grande amigo Paulo Pilon (*in memoriam*). Ele tinha o coração maior do que ele. Contador de história. Homem do bem. Excelente profissional. Vivia filosofando. Estou sem palavras... Muitas ações do CEIER só foram possíveis porque ele fazia até o que parecia impossível para garantir, sempre pensando nos alunos, nos outros. Ele muitas vezes esqueceu de si mesmo para cuidar de todos do CEIER. Minha gratidão a ele e a todos os outros profissionais da época que me ajudaram a ser essa pessoa que sou. Eu fui trabalhar no CEIER e ele entrou na minha vida e nunca mais saiu.

Em 2001 tive a oportunidade de estar secretária de educação do município de Águia Branca. Como eu já tinha as vivências do CEIER e ainda pulsava a vontade que o município progredisse na educação integral, foi com apoio dos profissionais do CEIER que criamos a primeira escola de tempo integral municipal a EMCA Fazenda Lacerda. E hoje, em 2023, temos a alegria de saber que os alunos da escola municipal continuam seus estudos no Ensino Médio no CEIER. Tudo está interligado. O passado e o presente se uniram na educação e eu servi de ponte.

As mais importantes lembranças que tenho do CEIER sempre são das pessoas. Uma equipe que marcou minha trajetória profissional e pessoal. Quando um profissional da educação encontra um apoio no início de carreira, faz muita diferença no seu desempenho futuro. Outra situação que posso destacar é o tempo integral, que permitiu conviver mais tempo com o grupo de trabalho. Havia uma harmonia no grupo. Foram tempos de muita criatividade. A capacidade de resistência era fortalecida porque a equipe se unia e se protegia.

Para concluir, o CEIER é um grande celeiro de humanidade. O que era projeto piloto já dura mais de 40 (quarenta) anos. Localizado bem no interior do município, cercado pelas montanhas rochosas, próximo aos Três Pontões,

perto do leito do Rio São José, com sinais de vegetação da mata atlântica preservada, terra fértil, agricultura forte e principalmente tendo em sua base territorial comunidades tradicionais, grupos de pessoas organizadas, nos traz esperança da continuidade dos sonhadores, dos que buscam como projeto de vida a defesa da vida.

 Ser equipe CEIER é sempre deixar marcas positivas na vida das pessoas.

CEIER VILA PAVÃO: UMA TRAJETÓRIA, DE LUTAS, CONQUISTAS E APRENDIZADO

Carla Lidiane Oliveira de Souza¹

Falar sobre o Ceier é sempre um misto de sentimentos, pois, foi nessa Instituição que iniciei minha prática docente. Não sabia que existia essa escola de tempo integral em Educação do Campo.

Sou natural do Estado do Rio de Janeiro, cursei Licenciatura em Ciências Agrícolas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, fazia parte do diretório acadêmico do curso. Quando estava próximo de me formar um colega do curso me falou sobre a inscrição para contratar professores em regime de designação temporária – DT, não fazia a menor ideia do que se tratava, mas ele me inscreveu e fui chamada tanto para o CEIER de Vila Pavão quanto para o CEIER de Águia Branca, como não conhecia nenhum dos dois municípios, então pesquisei na internet as características das duas escolas, optando assim pelo Centro em Vila Pavão.

Em janeiro de 2010, cheguei em Vila Pavão para trabalhar, sem conhecer nada e nem ninguém. Sendo um grande desafio, sempre quis trabalhar com educação do campo, pois queria fazer a diferença na vida dos estudantes, pois já havia tido uma relação com o MST, conhecendo assim a realidade da luta camponesa por uma formação humana e de qualidade.

Já estou a treze anos nessa Instituição, que me acolheu e se tornou parte da minha vida. No decorrer desses anos, passamos por muitos momentos tensos, onde a todo momento tínhamos que escrever documentos para comprovar a importância da escola com suas disciplinas específicas do Fundamental (Agricultura I, II, III, Economia Doméstica e Zootecnia), justificando assim também ter as horas de UDEP (Unidade de demonstração e experimentação de produção) e as demais cargas horárias para as disciplinas da base nacional curricular, porque a escola tem como “carro chefe” os temas geradores, que atualmente são: Agroecologia e Questão Agrária, Água e Solo.

Quando cheguei em 2010, a escola estava formando a primeira turma do curso técnico em agropecuária, e eu atuava nas disciplinas de topografia, mecanização agrícola, ferramentas de gestão e irrigação e drenagem, os meninos e eu ficávamos até confusos com os horários de cada disciplina, pois, estava em

¹ Professora de Agricultura II do CEIER de Vila Pavão.

grande parte da semana e dos dias com eles, assim desenvolvemos uma relação de amizade e respeito, indo além da relação educador/educando.

Nesse mesmo ano, voltamos com o Garoto/Garota CEIER, que só ocorria internamente na escola. Pensando na valorização do jovem estudante, trouxemos o evento de maior amplitude, ocorrendo a noite, aberto a comunidade, trazendo assim a comunidade pavoense de volta para o Centro, através de parcerias com lojas, salões de beleza e a população em si, através de brindes para premiação, roupas para os estudantes e arrumação para as meninas, possibilitando-as a ter acesso a momentos de cuidado, valorização enquanto ser mulher. Esse evento tornou-se “marca registrada” em uma das ações de integração escola/comunidade, onde os educandos ficavam sempre ansiosos para participar.

Outra ação que a escola tinha também como tradição, era o Domingo Festivo, onde as famílias passavam o domingo na escola, participando de provas voltadas a realidade camponesa com as olimpíadas agropecuárias, onde cada comunidade era representada pelos estudantes que ali moravam, havia almoço oferecido pela escola, e as demais refeições eram compartilhadas com as comunidades. Era um dia extremamente cansativo, mas ao mesmo tempo gratificante, pois, era nítido a alegria daqueles que participavam.

Ainda em 2010, fui convidada pela diretora da época a auxiliar no projeto de criação de curso subsequente, como já tinha o técnico em agropecuária integrado, pensamos no técnico em meio ambiente, pois, seria mais fácil integrar o que já tinha na escola e que poderia ser utilizado no curso pretendido.

Em julho do ano supracitado, houve um processo seletivo e assim, tivemos a primeira turma do Técnico Subsequente em Meio Ambiente, fui professora e coordenadora do curso por um ano, este acontecia a noite na escola. Particpei na formação das três turmas. Foram momentos de aprendizado, troca de saberes e uma maior interação com as comunidades do em torno.

Já em 2012, assumi a disciplina de Agricultura II (fruticultura) no ensino fundamental, como já não tinha mais as 15 horas de integração para todos os professores, a contagem de integração foi reformulada, sendo proporcional a hora/aula de cada disciplina, assim fiquei como professora no Ensino Fundamental e no EMI Técnico em agropecuária.

Durante todos esses anos que estou no CEIER auxiliei na escrita de documentos, como, a renovação do curso técnico, Projeto Político Pedagógico, entre outras documentações que a escola formulava.

Outro período marcante, foi quando começou o processo para que a escola entrasse no projeto da Escola Viva, pois via-se como uma forma da escola ser reconhecida oficialmente como uma instituição de tempo integral, tentando garantir a estabilidade, porque a todo momento tinha uma “sombra” pairando

para o fechamento da escola que tanto transforma vidas, não só com o ensino formal, mas tanto na formação de cidadãos críticos, pensantes e que tenham uma visão holística do mundo.

No decorrer de 2017, juntamente com a Direção, coordenador do curso técnico em agropecuária, eu e representantes dos outros Centros, para garantir que o projeto se adequasse a metodologia existente. Adequando o documento para a realidade das escolas.

Apesar de toda discussão e gasto de energia, em 2019, os Centros passaram a ser a Escola de Tempo Integral (antiga Escola Viva), tendo assim mais uma luta para garantir a essência da instituição, com sua filosofia voltada aos princípios agroecológicos e os temas geradores, como o nome já diz, a partir deles serão desenvolvidos e construídos os conhecimentos atrás das trocas de saberes e a integração do conhecimento empírico e científico.

Para melhor integração desses conhecimentos criamos (área técnica) a Semana do Técnico em Agropecuária que é realizada anualmente na semana que comemora o dia do técnico agropecuária. Onde são realizados minicursos, palestras, momento cultural e dia de campo, fazendo com que os estudantes possam conhecer as realidades do campo de atuação e as possibilidades de trabalho.

Com a pandemia, tivemos que nos resignificar, por estarmos em uma situação totalmente atípica, mais uma vez fomos resilientes e trabalhamos da melhor forma que nos era possível, desenvolvendo atividades práticas juntamente com as famílias e tentando manter o contato com eles da forma que podíamos.

Hoje, graças ao bom Deus, estamos vivendo o “Novo Normal”, readequando nossas ações, aprimorando, vendo aquilo que pode ser melhorado, e resgatando o que era feito e estava dando certo.

Portanto, de forma bem sucinta, há muitas histórias e momentos, que se relatasse todos delongaria muito.

Mas deixo aqui, um pouco das minhas memórias, sobre essa escola que me acolheu como uma grande família.

CEIER: MAIS QUE UMA ESCOLA UMA FAMÍLIA

Angélica Fornazier¹

Viver no campo já é uma dádiva e estudar em uma escola do campo foi um sonho e o CEIER me ajudou a realizar. Ingressei no CEIER no ano de 2006 como estudante da 5ª série e me deparei com a minha realidade, pois nasci e cresci no campo e me identificava em cada detalhe das metodologias utilizadas.

O CEIER utiliza o sistema agroecológico de produção, na qual os estudantes aprendem a exercer a agricultura sem prejudicar o meio ambiente, de maneira com que esses ensinamentos fossem repassados para as nossas famílias, tendo assim uma aproximação da escola com a família. Essa interação entre família e escola, proporcionava compartilhamentos de conhecimentos, onde a família construía junto com a escola práticas agroecológicas. Além disso, as metodologias dos Temas Geradores auxiliavam na vivência da realidade de cada estudante, pois é trabalhado de forma viva e dinâmica, sempre em movimento e transformação.

A interdisciplinariedade era sempre realizada, essa prática possibilitava a interação e a integração das disciplinas, havendo assim, reciprocidade e trabalho em equipe. Essa prática proporcionava ainda um diálogo entre escola e comunidade e práticas envolvendo as disciplinas da base comum com as disciplinas diversificadas. Sempre são lembradas as aulas de matemática para cálculos de área que era utilizado a horta escolar, nas aulas de ciências era utilizado todo o espaço que a escola possuía, principalmente nos conteúdos de meio ambiente, entre outras diversas atividades interdisciplinares realizadas ao longo de todos os anos como estudante.

O espaço da escola é aconchegante, possui muitas árvores, animais, e ainda um contato direto com a natureza, isso proporciona paz, harmonia, leveza e lazer.

A disciplinas da base diversificada do Ensino Fundamental repassavam seus conhecimentos através das práticas, “aprender fazendo” eram as frases que muitos utilizavam. Aprendemos a cuidar dos animais com a disciplina de zootecnia, a realizar hortas com a disciplinas de agricultura I, cuidar dos pomares com a disciplina de agricultura II e a plantar culturas anuais e perenes com a disciplina de agricultura III, isso proporcionava conhecimentos dentro da realidade dos estudantes, pois a maioria era filhos de produtores.

¹ Professora de Agricultura I do CEIER de Águia Branca.

No ensino médio integrado ao técnico em agropecuária as atividades eram sempre mais técnicas e sempre realizávamos visitas de estudos para maior compensação dos conteúdos. Além disso, o estágio proporcionava um contato direto com o mercado de trabalho, ajudando no desenvolvimento profissional e possibilitando um conhecimento e experiências práticas, mostrando a realidade de um técnico.

A relação entre professor e estudante é o que mais deixa marcado as vivências da escola, o professor não é apenas um professor ele é pai, é mãe, é psicólogo, é amigo, enfim, o professor exerce um papel de grande relevância na vida de cada estudante nesta escola, pois não há individualidade e sim companheirismo. Os professores e funcionários dialogavam com os estudantes, brincavam, ajudavam no que precisavam, independente se fazia parte de sua profissão ou não, isso proporcionava um amor ainda maior com a escola.

Em 2013 finalizei o 3º ano e o curso técnico em agropecuária. A escola me ajudou muito na realização de escolhas para minha vida acadêmica, com a nota do ENEM, ingressei no curso de agronomia no IFES-Campus Itapina, porém, como me identifiquei muito com a escola mudei de curso na instituição e ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas. Finalizei em 2018 e em 2019 me tornei professora da escola CEIER. Foi um sonho realizado, voltar para a escola que eu sempre tive muita admiração e que me ensinou tanto.

Hoje sou professora da área diversificada da disciplina de Agricultura I da escola na qual tenho muito admiração.

ASSIM COMEÇOU O CEIER

Dulcino Bento Zucateli¹

O município de Vila Pavão localiza-se na região noroeste do estado do Espírito Santo, habitado por alemães, italianos e afrodescendentes, basicamente. Uma estrutura agrária de pequenas propriedades, agricultura familiar. No final da década de setenta e início da década de oitenta, o prefeito de Nova Venécia na época, anunciava algumas obras importantes para o desenvolvimento da região. Vila Pavão, Distrito de Córrego Grande, pertencia à Nova Venécia, o Município recebia do Governo Federal, através do MEC, o recurso e o projeto arquitetônico de uma escola agrícola com suas instalações zootécnicas, insumos químicos e ferramentas de campo. Sendo que o prefeito de Nova Venécia não tinha um local definido, comunidade rural com uma concentração de pequenas propriedades, exigência do governo federal, para instalação dessa escola com formação agrícola e zootécnica para os filhos do pequeno agricultor familiar.

O Distrito de Córrego Grande (Vila Pavão) tinha representante político na Câmara de Vereadores de Nova Venécia, Sr. Waldi Buge. Agente político que não media esforços para trazer obras para o Distrito de Córrego Grande, como a rede de alta tensão de energia trifásica, ligando a sede do distrito, passando pela Comunidade São Roque do Estevão, Córrego do Estevão até a comunidade de São Gonçalo; posto telefônico e o primeiro calçamento na sede do distrito. É bom também lembrar que quem abriu a primeira estrada para carro de Vila Pavão que dá acesso ao CEIER também foi o Sr. Waldi Buge, na década de cinquenta. Estrada feita para atender a madeireiros que residiam em Vitória. As famílias estas eram: família Faroni e família Vivaqua. Época em que grande parte do percurso da estrada ainda tinha muita mata. Que fique aqui registrado já que a intenção do texto é contar um pouco da história da escola, bem como, da comunidade onde a escola está localizada e o que contribuiu para o seu desenvolvimento.

O projeto da escola agrícola tudo indicava que iria para outro Distrito de Nova Venécia, Cristalino. Mas, o prefeito de Nova Venécia, na época, convidou o vereador, Sr. Waldi Buge, para uma reunião. Nesta, ele colocava que se não conseguissem uma área de terra para construir a escola, o recurso voltaria para o Governo Federal. Foi aí que o vereador Waldi Buge entrou em ação. Adquiriu em seu nome o terreno, porque a proprietária da terra não vendia a terra para o

1 Engenheiro agrônomo. Esteve à disposição do CEIER de Vila Pavão (1983-2000).

poder público, prefeitura de Nova Venécia. A área total da propriedade a venda era de 35,2 hectares, desta, transferiu para a Prefeitura de Nova Venécia, 15 hectares. Nesse momento decidiu a implantação do projeto da escola agrícola no então Distrito de Córrego Grande, hoje município de Vila Pavão. No ano de 1982 finalizava a construção do prédio escolar, todas as instalações zootécnicas e insumos agrícolas (adubos e ferramentas) já se encontravam armazenados no prédio. É sabido que muitos cidadãos pavoenses faziam críticas às instalações lá construídas, que não iria funcionar, caracterizando como curral de boi “estábulo”. Mas em março de 1983 a escola passa a funcionar. Os alunos da escola de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) “Humberto de Alencar Castelo Branco” na sede do Distrito Córrego Grande foram transferidos para a Escola Agrícola, Centro de Integração de Educação Rural (CIER). Mas eu, recém formado em Agronomia, sou convidado pelo Prefeito de Nova Venécia para compor o quadro de funcionários públicos da Prefeitura. Delegou-me a função de vir para Vila Pavão para colocar a Escola Agrícola para funcionar, pois era um compromisso de campanha política. Em seguida eu, Dulcino, retornaria para Nova Venécia para criar a Secretaria Municipal de Agricultura. Mas não foi o que aconteceu, assumi a direção da escola, a secretaria escolar, aulas técnicas e práticas de agricultura e foi um grande aprendizado.

Neste momento de iniciar o funcionamento da escola deparamos com alguns problemas, como: carência de profissionais com formação para compor o quadro de professores. Não estou falando de curso superior (3º grau), e sim ensino médio, não tinha na comunidade. Outro problema foi na formação do currículo de agricultura e zootecnia. O que administrar de conteúdo para estes alunos de 5ª a 8ª série? Para esses alunos, na Secretaria de Estado da Educação (SEDU) não tinha uma proposta de ensino, o que passar para os alunos. Neste momento tomamos conhecimento que existia mais duas escolas agrícolas, uma em Boa Esperança e outra em São Gabriel da Palha (hoje Águia Branca). Reunimo-nos e decidimos buscar conhecimento e a experiência na Escola Agrotécnica Federal de Colatina, que já havia trabalhado com 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Neste período inicial, até 1986 foi de muita reunião e discussão do projeto educacional. Iríamos caminhar em um modelo convencional de agricultura ou em uma linha de agroecologia? Com o projeto definido na linha da agroecologia em 1986 fomos em busca de parceiros: As Prefeituras (São Gabriel da Palha, Nova Venécia e Boa Esperança) e Secretarias de Estado (Educação e Agricultura). Bem como, tivemos a cooperação técnica do serviço alemão nas três escolas agrícolas. Com os parceiros definidos as escolas passam a ter um novo quadro de professores: área técnica e de formação geral. A Secretaria de Estado de Educação (SEDU) assumiu a contratação dos professores de formação geral,

a Secretaria de Estado de Agricultura (SEAG) a contratação dos técnicos em agricultura e as prefeituras todo pessoal de apoio (serventes e trabalhadores de campo). Os professores da área técnica em agricultura e zootecnia tinha um compromisso com os alunos, agricultores e de testar/experimentar algumas tecnologias em nível de campo.

Para finalizar, criei raízes na comunidade e não voltei para Nova Venécia.

CEIER ÁGUIA BRANCA: UM ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E AMOR NUM ESPAÇO AGROECOLÓGICO

Aldivania Alves Salvador Wernz¹

Início com palavras de Paulo Freire: “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (1992, p. 91). É sobre isso. O CEIER- AB nasceu de um sonho da comunidade de poder estudar seus filhos perto de suas residências e de oferecer uma educação que agregasse aprendizado no meio rural. E a partir do CEIER, nasceram vários sonhos de agricultores, de professores, de estudantes, nasceu o meu sonho, de ser parte da transformação na vida das pessoas.

Era junho de 2011, dia 14, após uma ligação da Superintendência Regional de Educação de Nova Venécia -ES, para eu assumir aulas de matemática no CEIER Águia Branca, na qual respondi que não queria, pois essa não era minha especialização. Quando desliguei o telefone, minha amiga, Elizangela Lotério, *in memoriam*, levada pela COVID 19, em 2020, ouvia a conversa e me perguntou o que era. Relatei o fato e, no mesmo instante, ela pediu que eu ligasse para o mesmo número e dissesse sim ao convite, depois ela me explicaria. Fui obediente e agradeço a Deus até hoje por isso. No dia 14 de junho de 2011, pisei numa sala de aula pela primeira vez, numa escola do campo, Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca. Aqueles estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental me olhavam curiosos, não sabiam eles que mais curiosa e entusiasmada estava eu, para descobrir tudo que a profissão, os estudantes e aquele espaço acolhedor, mágico e singular poderia me apresentar. Uma estranha mistura de sentimentos, medo, joelho tremendo, mas, ao mesmo tempo, a sensação de que ali era o meu lugar!

Eu acabara de pisar numa escola que além de preocupação com a educação de qualidade, tinha preocupação com a agroecologia, educação do campo, e algo que nos prendia ali, como numa história de amor.

Os colegas professores tratavam a escola como se fosse gente. Até nos bate-papos de lazer o CEIER estava presente nas falas! Falas que exalavam amor, respeito, paixão pela sua representatividade. Ponto de referência na comunidade. Logo depois eu passei a entender o que essa singularidade, o CEIER – AB, trazia. Não só entendi, como vivi, como senti tudo que o CEIER nos desafia e proporciona.

1 Ex-professora do CEIER de Águia Branca.

Foi naquele momento, 14 de junho de 2011, que nasceu em mim uma professora! Como eu amo lembrar! A partir daí comecei a me preparar para ser uma professora que pudesse transformar vidas.

Ser professor é ter a oportunidade transformar e ser transformada, uma troca linda de saberes entre professor e estudantes, pois o que eles trazem em sua bagagem engrandece muito nosso trabalho.

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura (D'ambrosio, 2020, p. 24).

Ao adotar a agroecologia como prática pedagógica na propriedade, o CEIER através dos trabalhos desenvolvido pelos estudantes leva às famílias dos estudantes novas técnicas de produção, mais sustentáveis e ao mesmo tempo acolhe a experiência trazida pelos estudantes. Dessa forma, a agroecologia ofertada no CEIER, não supervaloriza o conhecimento científico em detrimento do popular, ao contrário ressignifica humanizando a práxis.

E essa forma de ensinar e aprender encanta, valoriza cada sonho, cada bagagem, e nos torna parte dessa vitória que celebra 40 anos. O CEIER – AB é como um jardim, onde recebemos os estudantes e temos o dever de regar com conhecimento, carinho, amor. Afinal, numa escola de tempo integral somos meio pais e mães dos estudantes, o que nos torna uma família. É o JARDIM CEIER, como disse Paulo Pilon, ex-diretor, certa vez. E falando em Paulo, esse merece uma atenção especial nesse relato, pois ele amou aquele espaço e todos que lá estavam com se ama um filho, me ensinou tanto, que não saberia agradecer com palavras a esse ser incrível, que acreditou em mim e no meu trabalho. Paulo deixou seu nome gravado na história da instituição e mais que isso, deixou seu nome gravado no coração e na memória de todos que tiveram a oportunidade de ao menos um instante estar ao seu lado. Saudade eternas, saudades para sempre, meu querido diretor, amigo, conselheiro e incentivador. Obrigada!

O CEIER-AB tem uma história construída pelas pessoas que desde sua origem até os nossos dias desenvolveram ações educativas que marcaram as vidas dos que por lá passaram. A minha vida foi marcada pela experiência que lá vivi, memórias que levarei para vida, contarei aos meus filhos e netos.

Deixo algumas linhas em forma de verso relatando um pouco dessa história linda em São Pedro de Águia Branca.

JARDIM CEIER (Águia Branca)

Criado em 1983, com curso de corte e costura

Em 1984, com nível fundamental

Para filhos de agricultores

A fim de fortalecer a agricultura

Ele foi criado

Para oferecer educação às famílias da comunidade

Pois era distante

E não tinha transporte para a cidade

Desde muito cedo o CEIER

Já mostrou ao que veio

Educação de 5^a a 8^a série no ambiente rural

Sem que o estudante saia do seu meio

A cavalo, a pé, ou bicicleta

Não sabiam como chegar

Se o transporte não era realidade

Não impedia de conhecimento buscar

Com aplausos na igreja

A notícia da escola foi recebida,

E ainda nas férias

Parte da estrutura foi erguida.

Junto com a comunidade

Decidindo o que queriam para seus filhos

Que tipo de ensino, de escola...

Amor pela terra e superação pela discriminação

Começa a nascer esse belo modelo de educação.

Quatro diretores

Traçam essa história

Estudantes, Professores e demais funcionários

São marcas nessa luta

São marcas nessa VITÓRIA.

REFERÊNCIAS:

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. Coleção Tendências em Educação Matemática, 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, 112p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MINHAS MEMÓRIAS, MINHAS HISTÓRIAS

Claudiney Helmer¹

As memórias afetivas, nos seres humanos, são produzidas por momentos ao longo da vida. Os ambientes que frequentamos são capazes de provocar impulsão nas nossas emoções e, estas por sua vez, conduzem nosso comportamento em diferentes situações. As memórias são frutos da nossa imaginação. Ao desenvolver a nossa capacidade de pensar, de agir e trabalhar em diferentes ambientes, produzimos vínculos com objetos e pessoas. Construímos relações objetivas com o trabalho e subjetiva com a nossa própria existência, de modo que vivências e experiências culturais nos moldam e nos constituem seres humanos. A impulsão emocional é que, quando escrevo minhas memórias me leva aos mais belos e profundos caminhos da minha mente e, parte desses caminhos foram percorridos no atual Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Vila Pavão – Ceier, na qual escrevo aqui alguns momentos que me marcaram.

Estudar no Ceier, nome da escola, antes de ser Ceier, era o sonho de muitas crianças, principalmente de quem morava no campo. O meu não era diferente, pois enxergava que naquela escola existia algo diferente e que pudesse me proporcionar experiências diferentes do costume familiar. Foi nessa perspectiva que em 1991, iniciei a minha trajetória no Ceier. Frequentei o ensino fundamental, séries finais de 1991 a 1994 nesta escola. Durante esse período, iniciei minha história, compreendendo melhor o mundo, emancipando como ser humano.

Enquanto aluno, a memória que hoje carrego é onde me descobri que era “gente” e que poderia viver diferente. Sou o segundo filho de uma família de seis irmãos. Filho de camponês, vaqueiro e meeiro. Minha família não tinha condições de oferecer para filhos uma vida de oportunidade. Tive que desde cedo trabalhar. Aos doze anos, ajudava meu pai no curral, levantava 3 horas da manhã e tirava leite até 6 horas, tinha que sair correndo, ir para casa me arrumar para ir à escola (Ceir), as vezes tomava banho, as vezes não dava tempo, o ônibus passava no ponto entre 6: 20 e 6: 30. O que me marcou nesse período, foi presenciar meu pai trabalhar de domingo a domingo e no final do mês, quando ia acertar com o padrão, não sobrava dinheiro para comprar alimento. A nossa alimentação era comprada com o patrão.

¹ Professor e coordenador do Curso Técnico de Agropecuária do CEIER de Vila Pavão.

Quem definia o que íamos almoçar e jantar, não era meu pai e sim o patrão. Esse foi o principal motivo que me faz, hoje, lutar pela desalienação e a humanização do ser humano, lutar por uma Educação do Campo produtora e transformadora de vida. Essa parte da minha vida, me fez mais humano. Mas, durante esse período encontrei suporte para superação da adversidade que a vida nos dava. No Ceier, tive amigos, tive pai e mãe que me deu a mão. Vivi grandes momentos de companheirismo com os professores, cozinheiras e secretária escolar. Construir uma relação harmoniosa, na qual sou muito grato aos meus professores, que mais tarde conseguir ser companheiro de trabalho de alguns deles.

Em 2005, iniciei minha vida profissional. Minha primeira experiência de professor do Ceier, foi com a disciplina de Agricultura II (Fruticultura). Quando comecei trabalhar no Ceier, ainda funcionado em regime de semi-alternância, modelo em que funcionava no período que estudava. A semi-alternância foi um modelo de tempo integral que funcionou, no Ceier de Vila Pavão, desde o início das suas atividades, 8 de março de 1983, até 2005. Esse modelo consistia em um revezamento de turmas. Pela manhã, todos os alunos estudavam o Núcleo Comum (atual BNCC), na parte da tarde, a metade das turmas iam para casa e a outra metade ficavam na escola estudando as disciplinas específicas (Agricultura I, II e III, Zootecnia e Economia Doméstica). A disciplina de Economia Doméstica foi inclusa no currículo em 1994.

Cada séries eram divididas em turmas A e B. E como funcionava? A 5ª série estudava Agricultura I (Horticultura), 6ª série Zootecnia, 7ª série Agricultura II (Fruticultura e Viveiro), 8ª série Agricultura III (Culturas Anuais e Perene). A partir de 1994, com a inclusão de ECD, cada turma passou a ter uma aula por semana da disciplina.

Em 2006, o estado, através da SRE – Superintendência Regional de Educação de Nova Venécia, mudou o modelo de funcionamento e o tempo integral passou a ter uma outra organização. Todos os alunos deveriam permanecer na escola o tempo todo. Nesse período, houve um grande esvaziamento de matrícula na escola, pois as famílias tinham, durante uma semana, um tempo a presença dos filhos para ajudar nos afazeres do campo. O tempo integral no regime de semi-alternância contribuía significativamente com a articulação entre a prática e a teoria, principalmente nas disciplinas diferenciadas, onde os alunos desenvolviam, junto a família técnicas de sustentabilidade ensinadas na escola, como por exemplo cuidar de horta, manejo do solo e da água. Foi nesse período que ouvi falar, pela primeira vez de agroecologia.

No ano seguinte, a escola passou por momento delicado. Houve uma tentativa de fechamento dos três Ceier's, por parte da Sedu. As escolas tinham duas opções: criar o curso técnico ou fechar. Depois de muitas reuniões, diálogos

com os gestores municipal, com a Sedu, foi definido, em Vila Pavão, a criação do Curso Técnico em Agropecuária. Diante do desafio, iniciamos o processo de estruturação do plano do curso. Isso nos rendeu um ano de pesquisa e visita em instituição que ofertava curso técnico, destaco aqui o Ifes de Itapina, Colatina - ES, que foi nossa principal referência de organização curricular.

No ano seguinte, em 2008, foi autorizado, pelo Conselho Estadual de Educação para funcionar. Para iniciar, precisava ter, no mínimo, trinta matrículas. Em janeiro de 2008, fomos nas casas dos alunos que havia terminada a 8ª série em 2007, pedir que se matriculasse no curso. Conseguimos um pouco a mais no número mínimo. Em fevereiro o curso começou a funcionar. Em 2010 tivemos a primeira formatura da Técnico em Agropecuária do Ceier. Evento marcante para nós.

Nos anos seguintes, 2010 a 2014, a escola perdeu parte da metodologia e as características de Educação do Campo. Reduziu a carga horária de integração dos professores, os movimentos sociais se afastaram da escola, aqui destaco o MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores, a comunidade e as associações. Acredito que a tentativa de mudança de metodologia influenciou no ensino e aprendizagem dos estudantes nesse período, pois os resultados externos foram muito ruins.

A reviravolta ocorreu em 2015, cujo ponto marcante foi o seminário em comemoração dos 35 anos dos Ceier`s, que aconteceu em Nova Venécia – ES. O evento foi organizado pela Ufes- Universidade Federal do Espírito Santo e Ceier`s, com apoio dos movimentos sociais organizados, Sedu e Ifes, contou com a participação de pesquisadores da educação, a comunidade escolar, pais, alunos e professores. O objetivo do evento foi a valorização da Educação do Campo no norte do Estado e o fortalecimento das metodologias dos Ceier`s. Como produto, foi publicado um livro com o título Educação do Campo: 35 anos dos Ceier`s – Culturas, Saberes e pesquisas.

A partir do Seminário, houve um avanço na metodologia e a valorização dos elementos da educação do campo trabalhados historicamente no Ceier, tais como: tema gerador, outo-organização, educação ambiental, trabalho como princípio educativo, agroecologia, formação humana entre outros. Esses elementos são princípio basilar da pedagogia do Ceier, todo trabalho realizado na escola, perpassa por alguns desses princípios. E foi com esse olhar que em 2020 fui selecionado, através de um edital da Sedu, para escrever sobre os princípios da Educação do Campo para a produção e publicação do livro do Tempo Integral da rede estadual.

Em 2020 o Ceier foi inserido nas escolas de tempo integral de nove horas e trinta minutos, com vários elementos metodológicos. Desde então, a equipe vem tentando articular os princípios da Educação do Campo e os princípios das

escolas de tempo integral. Interessante observar que alguns princípios metodológicos convergem e outros divergem das metodologias da escola, tornando o trabalho pedagógico pouco produtivo.

Por fim, saliento que a faculdade não me preparou para ser professor de uma escola como o Ceier, apenas possibilitou que pudesse participar de um processo seletivo. A minha formação acontece diariamente no chão da escola, nos diálogos como os estudantes e com a comunidade escolar. Ressalta a educação transformadora e emancipadora que acontece naquele ambiente. Além de professor, atualmente estou como coordenador do Curso Técnico.

A CASA DOS PROFESSORES

Natália de Souza Furtado¹

Falar sobre memórias do CEIER AB (Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca) é fácil e nostálgico. São muitas lembranças nestes quatorze anos que estou aqui. Mesmo que permaneçamos atuando nesta instituição, sempre nos emociona falar sobre ela.

Cheguei no CEIER no ano de 2009, recém formada, entusiasmada e com muita vontade de transformar o mundo.

Quando me deparei com essa escola, pude perceber a riqueza do seu método de ensino com temas geradores e sua estreita relação com os movimentos sociais. Como os estudantes são próximos dessa escola! Como a escola é próxima das famílias!

Nesta época, o CEIER tinha uma casa, chamada casa dos professores, este lugar que acolhia os professores e era um refúgio para os que vinham de algum lugar deste Brasil.

Neste ano, se bem me lembro, éramos quatorze professores; tinha professor carioca, tinha professor que veio do Rio de Janeiro mas era mineiro, tinha mineiro vindo de Minas Gerais, capixabas vindos de outras “bandas”, tinha professor de Brasília e por aí vai. Neste ano, muitos professores vieram trabalhar no CEIER pela primeira vez.

Neste período, como as coisas eram menos tecnológicas, começávamos a trabalhar em fevereiro, mas só recebíamos em abril.

Neste desespero (a casa dos professores podíamos ficar sem nenhum custo financeiro), tínhamos que nos sustentar pelo menos com alimentação, eis que surge uma figura que não só fazia parte da escola, mas ele era o próprio CEIER, o diretor, que além de acolher todos os professores e nos mostrar todo o seu carinho por esta instituição, nos auxiliou com recursos financeiros (olha que ele tinha acabado de nos conhecer) para que pudéssemos nos alimentar por esses meses até que pudéssemos receber o salário.

Logo o diretor, pediu que fizéssemos uma lista de compras que ele iria providenciar. Pois bem, fizemos. Sentamos e fizemos uma lista com alimentos que iriam durar por dois meses.

No outro dia, já estava ele em nossa porta com nossas compras e nela

¹ Professora de Agricultura II do CEIER de Águia Branca.

constava (além de outros itens) 15 quilos de linguiça fininha defumada, a qual comemos no café da manhã, almoço e janta e 10 quilos de sal, isso mesmo, 10 quilos de sal. Acredito que tenha sal até hoje lá na casa dos professores.

Esse gesto traz não só uma lembrança divertida, com esses itens inusitados, mas uma lembrança de como esse gesto do diretor, que era reflexo do tipo de escola a qual tínhamos vindo trabalhar. Aquele gesto possibilitou que não só eu, mas outros professores pudessem permanecer trabalhando ali.

Essa casa já não recebe mais professores para que possam morar nela, mas ela, assim como todos os outros espaços da escola, são um reflexo do acolhimento e carinho que o CEIER transmite a todos que passam por ela.

A casa dos professores já não é mais casa dos professores, assim como o diretor, já não está entre nós, mas ela, assim como nosso eterno diretor, ficará nos corações de quem a conheceu.

Neste tempo que se passou não consegui mudar o mundo como gostaria quando cheguei aqui, mas esta escola me possibilitou oferecer aos estudantes uma educação transformadora e pude ter o privilégio de poder trabalhar com uma pessoa que com sua bondade e amor pelo CEIER transformou a vida de todos que passaram por essa escola. Toda essa bondade e generosidade do diretor e seu empenho em defender, não só o CEIER, mas a educação do campo ficará eternamente refletida nas paredes do NOSSO CEIER.

NO TEMPO DO CIER: MEMÓRIAS DE UMA ALUNA QUE SE TORNOU PROFESSORA

Jorcy Foerste Jacob¹

*O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...*

*Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...*

*Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.*

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem².

O CEIER (Centro Estadual Integrado de Educação Rural) só foi denominado assim, em ato oficial, a partir de 2002. Enquanto aluna, continuei, por muitos anos, a chamar a escola de CIER (Centro Integrado de Educação Rural), nomenclatura dada, em 1983, no contexto da criação dela em Vila Pavão e Águia Branca – na época, distritos de Nova Venécia e Boa Esperança, respectivamente.

Como filha de professor do centro de Vila Pavão, acompanhei um pouco a luta da comunidade escolar para construir uma educação do campo em consonância com os movimentos sociais, democráticos e ambientais em voga. Lembro de ir, criança, assistir às apresentações finais dos bimestres com Temas Geradores (solo, água, agrofloresta e questão agrária). Elas eram desenvolvidas de forma interdisciplinar, a partir da pedagogia crítica de Paulo Freire. Textos, livros, projetos e grupos culturais eram criados a partir das questões locais, com interações nas pequenas propriedades rurais dos pais dos alunos. As produções se estendiam em ações no município e mesmo fora do Brasil.

Em 2001, depois de muito espera, aos 11 anos, finalmente, com muito entusiasmo, pude ingressar no CIER. Ele ofertava, na época, os anos finais do fundamental. Fizemos várias atividades interdisciplinares, na perspectiva do ensino-pesquisa. Uma das mais marcantes em minha memória constituiu-se a partir do tema água. Na disciplina de história, estudamos a formação das primeiras civilizações nas margens dos rios, como o caso do Egito. Nas aulas de

1 Ex-estudante (2001 a 2004) e ex-professora de História (2015) do CEIER de Vila Pavão.

2 BARROS, Manoel. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Record, 2001.

geografia, comparamos as questões históricas debatidas com o desenvolvimento do município que vivíamos, Vila Pavão, no Noroeste do Espírito Santo, considerado semiárido. Debates nas aulas de ciências humanas, a relação entre as secas e poluição dos principais afluentes e o êxodo rural. Os colegas citaram vários parentes que haviam mudado para capital ou mesmo para o norte do Brasil, principalmente Rondônia. Até mesmo, nas aulas de ensino religioso, trabalhamos versículos da bíblia sobre os problemas da falta de chuva e terra para o povo hebreu. No curso de ciência, estudamos como era formado o húmus nas margens dos rios e como a poluição afeta o ciclo da água. Junto com os professores de agricultura, visitamos uma nascente de um aluno da escola, para entender na prática os processos de cultivo nas margens de um rio. Além disso, utilizamos os cálculos matemáticos para planejar a criação de uma cisterna. Ela inclusive havia sido construída pela comunidade escolar como um laboratório para reproduzir a técnica em outras propriedades. Nesse processo, nas aulas de língua portuguesa e artes, fizemos folders, jornal e livretos para entregar para os familiares e vizinhos sobre a importância da preservação das nascentes e formas de combater a seca.

Diferente da educação bancária, em que o professor é detentor de todo o saber, no tempo do CIER, a educação era construída juntamente com a comunidade e suas experiências da labuta no campo. O contexto histórico e social era o ponto de partida para as reflexões em sala de aula. Muitas parcerias com a prefeitura, sindicatos rurais e associações eram feitas para que o centro fosse um local de diálogo para criação de soluções para os problemas da sociedade pavoense, majoritariamente camponesa.

Com o espírito das experimentações, fizemos muitas visitas pedagógicas para entender a multiplicidade de realidades do nosso município e estado. Desde idas aos assentamentos do Movimento Sem Terra até mesmo em exposições na capital, Vitória. Nessas viagens, alguns colegas de turma relataram a oportunidade de sair de suas terras pela primeira vez.

De todas as minhas recordações, tanto como aluna ou professora, o tempo do CIER sempre foi referência de participação de pais em reuniões e também de organização de estudantes. O protagonismo estudantil, em pauta no atual currículo, era praticado de forma muito mais orgânica em meu ensino fundamental e era conceituado com a formação de sujeitos de sua história. Havia eleições para grêmios estudantis, lideranças de sala de aula e toda uma preparação para uma cidadania participativa. No ano que fui líder da minha turma, participei de uma reunião no CEIER de Aguiá Branca, com outros educandos. Foi interessante comparar nossas experiências com as dos outros estudantes para entender os pontos comuns em os centros, mas também os assuntos mais específicos, tais

como o trabalho cultural com a questão étnico-racial em nossa escola. Nela, foi criada a festa da cidade, POMITAFRO (Pomeranos, italianos e africanos), para qual estudávamos a cultura das principais etnias da região e depois levávamos os resultados da pesquisa para serem apresentados durante o desfile ou em ambiente próprio para as exposições do festejo. Foi nesse contexto de aprendizagem na prática que se originou o atual Museu Pomerano Franz Ramlow, com os alunos recolhendo fontes históricas dos avós.

Resolvi cursar licenciatura em história, porque tinha dessa experiência no CIER, a imagem de escola como lugar de ensino, pesquisa e transformação da realidade. O conhecimento era algo além dos livros, era a prática construída a partir de vários vínculos comunitários fomentados pelos professores. Minha vivência encontrei depois descrita nos livros de Paulo Freire:

Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Com efeito, enquanto a atividade animal, realizada sem práxis, não implica em criação, a transformação exercida pelos homens a implica. E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais. (Freire, 2013, p. 127).

Alinhada com a pedagogia freiriana, o papel do educador no CIER, era atuar e lutar em um processo dialógico com a comunidade escolar pela humanização, sobretudo por uma práxis que permitisse a permanência do pequeno agricultor no campo com dignidade. Desse modo, era necessário atuar no embate contra o capitalismo e suas consequências geradas pela Revolução Verde, a favor de uma educação agroecológica e cidadã.

A mudança de nome em 2002 para CEIER, (Centro Estadual Integrado de Educação Rural) significou também alterações organizacionais ligadas ao projeto neoliberal de educação, articulado aos interesses envolvendo o setor empresarial e o poder público, especialmente a partir dos governos de Paulo Hartung em 2003. Os professores já não precisavam ter dedicação exclusiva e o número de efetivos também começou a diminuir, ocorrendo um fluxo maior de profissionais temporários e terceirizados. Por efeito, houve um afastamento das ações da escola nas questões locais.

“Na esteira desse rolo compressor de desmonte das políticas sociais, presenciamos no estado do Espírito Santo o governador Paulo Hartung instituir, desde o seu primeiro ano de governo, decretos que limitavam os gastos públicos e paralisavam iniciativas de educação e cultura locais, fortalecidos no governo que o antecedeu, para atuarem com autonomia,

ao mesmo tempo em que abriu as portas à assessoria da iniciativa privada e contratou projetos de escolas modelos como foi a Escola Viva, com acessórias de ensino, criada pela Lei Complementar 799 de 12 de junho de 2015.” (Foerste; Schutz-Foerste, 2020, p. 64).

Quando voltei para lecionar em 2015, no então CEIER, como professora de história de designação temporária, com apenas quinze horas semanais, as mudanças eram ainda mais bruscas, com uma série de projetos das escolas regulares, como o Mais Educação, impostos aos centros rurais. A participação da comunidade escolar e das lideranças estudantis foram dificultadas pelas burocracias de um sistema de gestão da secretaria educacional estadual distante da realidade vividas no contexto local. Mais lamentável ainda, foi a implementação das escolas integrais no Espírito Santo, desconsiderando as experiências próprias, como as dos CEIER’s e exportando o projeto Escola Viva, de Pernambuco, com suas lógicas empresariais de educação mercadológica. Contudo, ainda que queiram limitar o CEIER a um nome, a uma instituição estadual padrão, a comunidade escolar resiste.

No tempo do CIER, conheci uma escola que era um lugar de transformação e de questionamento da reprodução da ordem vigente. As políticas neoliberais não apagarão a trajetória de luta dos centros rurais por uma educação libertadora. Por mais que queiram reduzi-los a uma enseada, quem viveu os percalços e as belezas de construir uma escola popular e comunitária, continuará inventando muitos nomes, histórias e ações para preservar estes rios do conhecimento.

REFERÊNCIAS:

- FOERSTE, Erineu; SCHUTZ-FOERSTE, Gerda Margit. 35 anos de lutas e resistências dos CEIER’s na produção acadêmica, política e cultural. In: FOERSTE, Erineu; JESUS, José Pacheco (orgs). **Educação do campo: 35 anos dos CEIER’s - culturas, saberes e pesquisas**. Curitiba: Editora Appris, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

CEIER BOA ESPERANÇA: AFETIVIDADES E MEMÓRIAS DE QUEM SOU

Ronald da Silva Alves¹

O que é uma escola? Para além do fato de que sua ação é centrada no processo de ensino e de aprendizagem, a escola envolve questões de ordem política e, por decorrência, esse espaço envolve também relações afetivas, sociais e culturais que moldam a nossa existência no mundo. Nesse sentido, o Ceier Boa Esperança moldou o professor e o profissional da educação que sou hoje. De certo, relembra esse importante momento de minha vida é voltar a um tempo em que a vida profissional se iniciava e, com ela, o desejo de aprender e de fazer a diferença na vida dos estudantes. Os meus olhos, jovens e inexperientes, viam uma paisagem de possibilidades, um lugar potente e diferente dos outros espaços escolares pelos quais eu já havia passado.

Eu entrei na escola como professor de Ciências, no ano de 1999. Naquela época, as escolas de tempo integral não eram comuns, de modo que trabalhar nesse espaço exigia dedicação e busca de conhecimento para atender às suas diretrizes pedagógicas. Como proposta metodológica, a escola adotava a interdisciplinaridade, a partir de temas geradores que, naquele período, eram Água, Solo, Agrofloresta e Questão Agrária. Essa abordagem, em seu currículo, fazia parte de uma metodologia que buscava integrar os conhecimentos acadêmicos com questões e desafios reais, vivenciados pelos estudantes no meio rural.

Esses temas amplos e relevantes despertavam o interesse dos estudantes e professores, além de promoverem a reflexão e a possibilidade de ações transformadoras. Dessa forma, a metodologia contribuía para uma aprendizagem significativa, estimulando o protagonismo dos estudantes e motivando-os a buscar soluções para os desafios enfrentados em seu contexto. No entanto, pensar de modo interdisciplinar não era uma tarefa fácil para professores, formados para lecionarem em suas disciplinas, de forma isolada. Me recordo que a maioria de nós, professores, tinha uma dificuldade imensa de pensar as atividades. E, para alguns colegas, essa era uma missão quase impossível. Alguns tentavam fugir do momento “tempestade de ideias” e definição das atividades, preferindo apenas realizar a execução. Porém, estávamos no Ceier e isso não era permitido. O Ceier se configurava, assim, como um importante espaço de formação de

1 Ex-professor de Ciências do CEIER de Boa Esperança (1999 a 2003).

professores. E isso era uma coisa que me instigava. Eu estava sempre buscando e sugerindo atividades para os meus colegas de trabalho, visando os melhores resultados de aprendizagem daqueles estudantes.

Um dos fatores que sempre me motivou a desenvolver o melhor trabalho naquele espaço foi a própria história dos Ceiers, em especial o de Boa Esperança. Ele surgiu no início da década de 80, quando um grupo de educadores e líderes comunitários de Boa Esperança, que é uma pequena cidade rural, percebeu a necessidade de promover uma educação de qualidade para as crianças e jovens da região. Eles testemunharam o desafio enfrentado por muitas famílias rurais em oferecer uma educação adequada a seus filhos devido à escassez de escolas e recursos educacionais no campo. Desse modo, movidos pelo desejo de transformar essa realidade, esse grupo de visionários se uniu para criar o CIR - Centro Integrado Rural (o primeiro nome do Ceier). E, de acordo com a história que me foi contada, com determinação e apoio da comunidade, eles conseguiram adquirir um terreno e construir a estrutura física do Centro, que se tornaria um marco na educação rural de Boa Esperança e região. Nota-se que essa escola nasce de um desejo e de uma articulação popular e, somente por isso, eu, filho de trabalhadores rurais, já me via representado e, por conseguinte, responsável por uma oferta de qualidade, que a escola sempre foi para o município, para o estado e – por que não dizer? – país.

Durante muitos anos o Ceier conseguiu garantir a prioridade de vagas para os filhos de agricultores, hoje não é mais assim. Mas me lembro que, naquela época, o início de ano, no período de matrícula, era sempre uma disputa de vagas. E disputa mesmo. A escola sempre foi referência de educação de qualidade e, por isso, muitas famílias, mesmo morando na cidade, queriam os seus filhos estudando lá. E, no período de matrícula, sempre tinha algumas famílias descontentes, pois o número de matrícula anual era pequeno, com funcionamento de apenas quatro turmas do ensino fundamental, anos finais. Ou seja, na quinta série (equivalente hoje ao 6º ano) entravam apenas 35 estudantes e nas outras séries, apenas o número de vagas que surgiam por transferência. Então, a procura era bem maior que a oferta. Talvez por isso, o sentimento de pertencimento dos estudantes àquela escola era bem visível. Era muito difícil um estudante passar por lá e não se apaixonar (é claro que havia aqueles que não se adaptavam ao tempo integral e à metodologia). E posso arriscar dizer que isso acontecia com os professores também.

Essa conexão afetiva com aquele ambiente pode se manifestar de várias maneiras, sempre quando pessoas que passaram por lá se reencontram. Dias desses reencontrei um aluno daquela época. E reencontros desse tipo são sempre muito bons. Ele me deu um abraço caloroso, cheio de afeto e, depois, se afastou

um pouco e segurou o meu rosto com uma das mãos e, me olhando, disse: “Você era muito bravo e a gente gostava de você, como pode?”. Eu não me lembro de ser muito bravo, só me lembro de garantir as condições necessárias para o bom andamento das aulas e das atividades da escola. Mas me lembro que tinha muito afeto e, disso, eu me lembro bem. No período que passei por lá, posso me orgulhar de ter sido um dos professores que tinham mais afinidades com os estudantes. Para muitos deles, eu era referência para resolver os problemas. Na hora do almoço, por exemplo, a escola disponibilizava brinquedos e lá estava eu, sempre buscando os brinquedos e entregando naquelas mãos ávidas por alegria e diversão. E não era apenas isso: na grande maioria dos dias, eu estava lá, junto com os estudantes, participando das brincadeiras e jogos. E, assim, ia criando com eles relações de afetividade e de pertencimento naquele espaço educativo.

Isso tudo só era possível, claro, por causa da própria dinâmica da escola. Naquele período, a escola não contava com equipe pedagógica para além do corpo docente. Não havia pedagogo e nem coordenador escolar, funções comuns às outras escolas de tempo regular. Então, nós, professores, nos revezávamos nessas funções. A primeira função era exercida, bimestralmente, por uma dupla de professores, definida no início do ano para coordenar os trabalhos pedagógicos de cada bimestre. Isso foi essencial para minha formação, pois, de certa forma, essa dinâmica nos obrigava a buscar conhecimentos teóricos e práticos para melhor desenvolver o trabalho e dialogar para o melhor planejamento e execução das ações e projetos. Então, essa dupla organizava o trabalho pedagógico, sendo responsável por conduzir o planejamento semanal com toda a equipe, que acontecia às quartas-feiras; monitorar a execução das ações planejadas; produzir o relatório bimestral das atividades realizadas e organizar o Conselho de Classe. Já a função de Coordenador Escolar era realizada por revezamento diário: a cada dia uma dupla de professores ficava responsável por acompanhar as atividades de rotina da escola. Assim, essa dupla, organizava a entrada e saída dos estudantes, acompanhava os estudantes no horário de almoço, atendia pais ou responsáveis pelos estudantes e demais membros da comunidade escolar e, ainda, visitantes. Dessa forma, nós, como profissionais da educação, fomos moldados nas diferentes atividades escolares e isso fez uma enorme diferença na minha trajetória. Diante disso, posso afirmar, com certeza, que não seria o profissional que sou hoje se na minha história não existisse o Ceier Boa Esperança.

Muitas tendências que estão em alta hoje nas nossas escolas, como protagonismo estudantil e gestão democrática, já faziam parte da linguagem pedagógica do Ceier Boa Esperança. Naquela época, geria a escola a professora Derlinda de Aguiar Carvalho. Ela é para mim, até hoje, uma das principais referências que tenho de gestão, em especial de gestão democrática. Naquela

ocasião, todas as decisões na escola eram tomadas de forma coletiva. Só ficava de fora desses processos quem se auto excluía, pois a participação de cada membro da comunidade escolar era garantida pela diretora da escola. Muita gente que passou por lá achava que ela era muito dura, mas ela era, de fato, uma excelente gestora, daquelas que possui escuta ativa, realiza diálogo e toma decisão assertiva. Era uma gestão dialógica, com a qual eu aprendi bastante e que muito contribuiu para minha vida profissional atual. Eu sou muito agradecido a ela pelas aprendizagens que sua gestão me proporcionou.

Aquela gestão primava pela participação dos estudantes nas diversas instâncias. Naquela escola, os estudantes faziam suas reuniões regulares com as suas respectivas turmas; realizavam a avaliação das ações das escolas e dos professores; participavam dos Conselhos de Classe; organizavam atividades; e tinham a responsabilidade de gerir as ações cotidianas junto com os professores. Existia, naquele tempo, o que chamávamos de “responsáveis do dia”. Assim como os professores se revezavam em duplas na coordenação escolar, os estudantes também se revezavam na função de coordenar as atividades cotidianas e auxiliar os professores na condução das tarefas cotidianas. Essa delegação, como forma de corresponsabilização dos estudantes, com certeza fez muita diferença na vida dos estudantes que por lá passaram.

Essas memórias estão intimamente ligadas ao senso de pertencimento que desenvolvi com a minha passagem por aquela escola. Relembrar tudo isso me conecta ao passado e com aqueles que compartilharam essas experiências comigo. E, mais do que nunca, tenho certeza que elas me ajudam a compreender minha história profissional, fortalecendo ainda mais o meu trabalho atual como profissional da educação.

CEIER! CEIER! CEIER!

Maria Aparecida da Silva¹

Esse é o grito de guerra nos momentos felizes e também nos momentos de tristeza!!!

Falar do CEIER de Águia Branca – ES é falar do nosso Eterno e Guerreiro, Diretor Paulo Pilon (PP).

Porque?

“Chegar” na escola e não ver o Diretor PP é não conhecer a história do CEIER. Por todo o espaço existe o pedacinho do guerreiro que muito fez durante a sua missão como pessoa, professor e como Diretor.

Em 2002 cheguei aqui na Comunidade de São Pedro, Município de Águia Branca – ES com uma mochila nas costas com a seguinte teoria: “se não der certo, volta ou segue para um outro lugar que você encontrar trabalho!”. E foi assim o começo de tudo.

Aqui me encontrei!!! Um lugar lindo acolhedor, cheio de montanhas que até então nunca tinha visto pela minha trajetória de vida.

Trabalhar no CEIER é continuar estudando!!! Cada dia é conhecimento novo que surge e assim vamos enriquecendo como ser humano, profissional e até mesmo como “família”.

Porque família?!

Família CEIER é assim que é conhecida a escola dos sonhos de muitos e aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de vivenciar o trabalho lindo que é desenvolvido no “Pequeno Mundo”.

A metodologia utilizada é diferenciada atendendo filhos de agricultores, meeiros, pessoas moradoras do campo, porém com o passar do tempo vieram estudantes da sede e de outros municípios e atualmente, tem um quantitativo de aproximadamente 250 estudantes. O funcionamento é das 07:00 as 16:30 horas, com três refeições, sendo 2 lanches e um almoço. As refeições são todas balanceadas atendendo a necessidade nutricional na faixa etária que se encontram.

Por ser uma Escola de Tempo Integral, o estudante passa a maior parte do dia com os professores onde desenvolvem atividades da base comum curricular como Português, Matemática e outras. Na área técnica com noções de Agricultura, Zootecnia, Economia Doméstica do Ensino Fundamental e

¹ Professora de Economia Doméstica do CEIER de Águia Branca.

no Ensino Médio matérias técnicas como Topografia, Empreendedorismo, Produção Animal, Vegetal e Agroindustrial.... Na área diversificada são as disciplinas de Eletivas, Projeto de vida, Estudo Orientado, Clube e Protagonismo.

Como complemento educacional e também para aproximar mais da realidade dos estudantes, são trabalhados os Temas Geradores Agroecologia, Água, Solo e Questão Agrária. Sendo assim, o estudante aprende na prática as teorias e assim leva para casa uma bagagem de informações enriquecedoras para compartilhar com a família e assim desenvolver a sua propriedade dando mais valor a vida no campo.

Trabalhar de forma integral o estudante é a missão do CEIER e com isso a família indiretamente também é beneficiada com conhecimentos importantes que podem transformar a realidade e melhorar a qualidade de vida agregando valor aos produtos da terra.

Hoje, no ano de 2023 a instituição está em festa completando seus 40 anos de vida. Muitos estudantes por aqui passaram, levaram muitos conhecimentos, mas também deixaram suas contribuições com trabalho, amor e saudades pelo espaço e pessoas que aqui encontraram.

Diante dessa comemoração, venho aqui parabenizar e agradecer essa Escola maravilhosa que tive e tenho a oportunidade de aprender, conhecer e acompanhar o seu crescimento.

Parabéns CEIER's por existir e ser essa instituição de renome que muito tem contribuído para a transformação da sociedade.

“CEIER! CEIER! CEIER! CEIER! CEIER! CEIER!”

MEMORIA AFETIVA EM COMEMORAÇÃO AOS 40 ANOS DOS CEIERS

Hudson Guimarães Rodrigues¹

Essa memória afetiva se passa a partir de meados do mês de março do ano de dois mil e dezessete no CEIER - Águia Branca. Entre os personagens estão os voluntários e parceiros que se juntaram para construção de um sistema hidropônico de produção de hortaliças. Nessa ocasião, fomos visitados por um padre que havia sido eleito a deputado estadual e seu assessor parlamentar que foi o incentivador e projetista dessa benfeitoria.

O diretor Paulo e o Professor Hudson ficaram contra a implantação da hidroponia argumentando que a escola tinha muita terra para produzir hortaliças em canos com água. Acredito que esses argumentos caíram por terra principalmente por uma crise hídrica que assolava a região naquele ano. No início deste mesmo ano, eu professor da disciplina de horticultura resolvi pegar os materiais adquiridos e começar a montar aquilo que mais parecia um grande quebra-cabeças. Com ajuda dessa equipe e assessoria profissional de uma família produtora de hortaliças no sistema hidropônico, começamos a construção. O funcionário e caseiro da escola foi quem ficou responsável pela construção das bancadas e é claro que a gente não tinha ideia de como construir, mas a força de vontade e curiosidade eram maiores que os desafios.

Nesse processo as coisas começaram a se movimentar e como ficava logo na beira da estrada, muitos curiosos passavam e até paravam para ver o que estava acontecendo naquele espaço. Lembro que o ambiente era muito cansativo, mas também era muito engraçado, tinha muitas brincadeiras, os estudantes se dispuseram a ajudar e também caía na gargalhada com essa obra. O começo foi desesperador, uma vez que os recursos financeiros tinham se esgotado e já sabíamos que ia faltar muito material, mas como eu disse sempre passava muita gente pelo local e parava para ver o que estava acontecendo e, portanto, parou um jovem rapaz que poucos conheciam, mas foi uma pessoa que propôs ajudar com materiais e contratou até um ex-estudante que por sinal é seu primo.

Agora, tínhamos materiais e um funcionário para essa empreitada. Lembro também que estava muito determinado e só saía quando a noite

¹ Ex-professor de Agricultura do CEIER de Águia Branca (2011 a 2022). Professor de Agricultura I do CEIER de Boa Esperança.

chegava, foram exatos quarenta e nove dias na implantação desse projeto. No entanto, tem uma passagem muito triste que relato agora para o conhecimento de muitos. Na construção dessa hidroponia, chegou um momento que os recursos financeiros já haviam sido aplicados e mesmo assim precisávamos de uma pessoa com habilidade e paciência para poder receber o valor monetário pelo seu trabalho. Entrou em cena o diretor Paulo Pilon que era extremamente habilidoso em convencer as pessoas em ajudar e entrou em cena o principal autor desse projeto que tinha exatamente o perfil que precisávamos, a gente o tratava como seu Angilo, mas provavelmente era seu Ângelo Breda e topou fazer os trabalhos como pedreiro mesmo sabendo que iria receber quando outros recursos financeiros chegassem à escola.

Relato como parte triste o momento que o projeto já era uma realidade, parecia um grande Oasis no meio do nada, era um momento de seca hídrica e a hidroponia estava toda verdinha, com variedades de alface, tinha até uma pouco conhecida que logo ganhou o gosto não só da escola, mas de toda a cidade, uma vez que a produção ficou tão intensa que começamos a fazer uma feirinha agroecológica no centro da cidade. A hidroponia era de fato um sucesso. Tinha visita de professores dos IFs, técnicos de instituição de extensão rural, pessoas de outras comunidades e é claro, muitos fiéis clientes.

Enfim, a parte triste dessa bela construção ficou para o final, onde o grande parceiro Ângelo Breda, trabalhando em uma obra na cidade caiu de um telhado, foi socorrido, mas não aguentou aos traumas e veio a falecer, portanto, veio a óbito sem receber monetariamente pelo seu trabalho, o detalhe impressionante que uma semana após seu acidente a escola recebeu o tal recurso usado para o pagamento do seu belo trabalho, e lembro que realmente parecia uma despedida, vivia com as crianças, brincava com todos, reclamava do funcionário por ser muito lento e essa também era sua maior habilidade.

O Paulo Pilon não se encontra mais na escola, o funcionário contratado pelo primo, criou seu próprio negócio que é um hortifruti. Eu tive que sair da escola e continuar os trabalhos como professor numa outra escola e cidade, mas sempre pensando em construir uma nova hidroponia e para finalizar e com muita gratidão deixo sugerido a comunidade escolar um nome para a hidroponia do CEIER Água Branca “Hidroponia Sr. Angilo Breda”.

Eu, Hudson Guimarães Rodrigues reporto essa memória como forma de agradecer e relato que lembro de cada pessoa que ajudou na construção dessa página importante para o CEIER – Água Branca. Parabêniso ao meu amigo Paulo Pilon por sempre apoiar e participar efetivamente na construção desses sonhos, e em construir uma educação diferenciada, contextualizada, própria e apropriada.

INTERDISCIPLINARIDADE: UMA AULA COLETIVA NO CEEIR DE VILA PAVÃO

Jorge Kuster Jacob¹

Os temas geradores “água” (1º bimestre), “solo” (2º bimestre), “agrofloresta” (3º bimestre) e “questão agrária” (4º bimestre) tornaram as aulas coletivas, inovadoras e comprometidas com a história e a realidade local. Sentar com toda equipe de professores, administrativa e outros colaboradores e planejar todas as aulas do núcleo comum e núcleo especial, fazer as disciplinas dialogarem com as outras era o desafio. Num primeiro momento buscava-se afinidades das disciplinas. Depois buscava-se os conteúdos afins. Cada disciplina buscava essa relação com o tema gerador. Qual conteúdo mais se aproxima de outras disciplinas. Dialogando com outras disciplinas se apresentava a proposta e nos debates saía o planejamento do conteúdo e a parte prática.

Lembro que nas disciplinas de Ensino Religioso, Agricultura e língua Portuguesa uma atividade interessante foi executada. Os alunos da 8ª série foram convidados para pegar uma folha de ofício e caneta e irmos a campo para em duplas localizar um torrão de terra. Uma dupla foi para um lado a outra para outro meio hora depois sob a coordenação dos professores de Ensino Religioso, Língua Portuguesa e Agricultura as duplas voltaram como seus torrões e debaixo de um pé de jaca realizarmos a outra etapa. Cada dupla agora foi desafiada a desmanchar, demolir, esfarelar seu torrão. Mas antes dessa ação prática foram orientados a relatar as dificuldades encontradas no ato de desmanchar o torrão e outros detalhes que apareciam nessa ação desde o momento que encontrou o torrão até o seu desmanche na folha de ofício.

Esse primeiro relatório em dupla nessa folha de ofício apareceram frases como “Demoramos a encontrar o torrão”, “O nosso torrão é muito duro”, “Esse torrão era muito seco”, “Encontramos minhocas”, “Tinham secas raízes”, “vestígios de formigas”, “Tinha muita areia por isso desmanchou logo”, “Tinha pedaços de carvões, sinal de fogo”, “Também tinha algumas minúsculas plantas”, “Nosso torrão tinha pouca areia e era bem compacto”, “Encontramos formigas vivas”, “Apareceram parecia asas de insetos”, “Diversas sementes foram encontradas”,

1 Ex-professor (História, Sociologia, OSPB, EMC, Ensino Religioso), ex-coordenador de turno e ex-diretor do CIEIR de Vila Pavão (1988-2016).

“Nosso torrão tinha uma pedra grande quente”, “Encontramos pedaços de plásticos”, “No nosso tinha até papel”, “Encontramos uma pilha de rádio”, “Um toquinho de cigarro foi encontrado” e “Encontramos uma sandália danificada”.

Com esse relatório de duplas fomos para a sala de aula. E com uma lista de 30 versículos bíblicos selecionados que versava sobre o tema gerador solo, entre outras literaturas de pensamentos sobre solo, terra, areia, pedra, montanhas, pedimos aos alunos para com base nos relatórios criassem pequenos textos que levassem o ser humano a refletir sobre a forma que ele estava tratando a terra. Assim cada dupla de alunos tinha produzido um texto com base na sua observação. E os alunos elegeram o melhor texto. Os autores deste texto levaram todos outros textos das outras duplas e em casa acrescentaram aquilo que não tinha ou melhorava o seu texto. Os textos das duplas foram recolhidos e cada professor deu a sua nota.

No outro dia, em outra aula o texto foi apresentado ao grande grupo (8ª Série) e foram dadas sugestões para a redação final. Todos dias essa produção de textos, reflexões são lidas antes das refeições no refeitório da escola com a presença de todos alunos, professores e funcionários. Muitas vezes em épocas comemorativas textos assim produzidos são apresentados para os pais, ou até mesmo nas igrejas das comunidades dos nossos alunos. Diversos textos produzidos individual, em duplas, grupos maiores ou por toda a turma são enviados a jornais, revistas e livros de reflexões como o “Semente de Esperança” que é editado todos anos pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em Porto Alegre (RS). Para o aluno, ou duplas, ou grupo ou toda a série era motivo de alegria ver seu texto publicado num livro. Isso motivava ainda mais os alunos na produção de textos.

E assim tínhamos novos temas, novas ideias, novos desafios, novas visitas a serem feitas. Descrever tudo isso era interessante para a conscientização dos alunos e professores sobre o referido tema gerador.

Como no tema gerador água, o próprio endereço da escola, Córrego do Santo Estevão era motivo de visita e de pesquisa. Por que o nome “São Roque do Estevão”, aliás Vila Pavão era “Distrito de Córrego Grande de Nova Venécia”. Os alunos moravam em córregos. Cada um agora queria saber a causa do nome da sua localidade. Uma visita a nascente e todo a percurso do Córrego “São Roque do Estevão” até desaguar no Rio Cricaré foi realizado e teatros, reflexões, textos, cartazes, entrevistas, fotos, desenhos, filmagens foram realizados para enriquecer o tema gerador “água”.

No tema “agrofloresta” o roteiro era parecido e as atividades e o conteúdo também era rico em detalhes. Já imaginou visitar uma experiência de “plantio de café num reflorestamento”. Ou adentrar com caderno e caneta, maquinas

fotográfica, filmadora numa mata e registrar tudo para novamente produzir material para refletir essa realidade. Como foi importante, conscientizador uma experiência de reflorestamento iniciado numa propriedade vizinha, onde havia terras nuas com muitas valetas e a escola iniciou um projeto do “antes” e o “depois” em fotografias. Incrível a recuperação desta área.

E a “Questão Agrária” como era desafiador e polêmico. Os conteúdos dos livros tinham que ser redirecionados. A reforma agrária na Bíblia (Atos 2). Até no Império Romano houve uma tentativa de reforma agrária (Irmãos Graco). Na Constituição Federal de 1988 a lei é muito clara e comprometedor com o meio ambiente, leis trabalhistas e produtividade. Visitar um Assentamento de Reforma Agrária era sempre muito humano e esclarecedor. O assentamento “Três Corações” e “Pip Nuk” eram nossas aulas práticas.

Como podemos ver. É muito desafiador uma aula comprometida com a realidade local. Uma escola por ser causadora de uma revolução cultural local. A participação dos professores, alunos, funcionários da escola, pais de alunos, projetos na comunidade, instituições e a realidade aquática, geográfica, florestal e agrário pode enriquecer muitos as aulas de uma escola inserida de fato na história, cultura e realidade local.

ENTRE ÁRVORES E SOMBRAS

Ana Maria Ptak¹

Entre árvores e sombras é onde fica o CEIER, lugar encantador, que aprendi a amar e admirar desde que conheci, onde trabalhei por 11 anos e nunca mais esqueci. É gostoso, gratificante e prazeroso lembrar e falar das memórias que tenho do CEIER, guardadas na mente e no coração; recordo com orgulho, com alegria e com saudade, cada momento vivido, partilhado e acolhido, foi muito aprendido, muito mais do que ensinado. Agradeço à Deus por ter me permitido vivenciar esta linda experiência. Agora estou aposentada, trabalhando com outros fins, mas o CEIER nunca saiu de mim. Gratidão! Gratidão! Gratidão!

O CEIER tem a sua Pedagogia, preocupação com a natureza e a agroecologia, valoriza os saberes do campo, ensinar alunos e pais, na teoria e na prática a cultivar hortas e frutos com sustentabilidade, trabalho coletivo, transformando a realidade, permanecer em sua propriedade, ser bom cidadão em casa e na sociedade.

Com uma metodologia marcante que não tem em qualquer lugar, é a interdisciplinaridade que o CEIER não deixa faltar, junta todas as disciplinas, apresenta os conteúdos que vai ensinar, este é igual àquele e o outro também vem cá, vamos juntar as semelhanças, muito melhor pra estudar, isto é o que chamamos planejamento interdisciplinar.

Os temas geradores eram nossos condutores: solo, água, agrofloresta e por fim questão agrária. As visitas de estudo eram primeiro realizadas, de acordo com o tema cada turma visitava, cada objetivo planejado, era tudo concretizado. Da nascente até à foz, o rio era visitado, planta mudas, recolhe lixo pra sua preservação, aprende a cuidar da água quem é um bom cidadão.

Os tipos de solos, vejamos como eram estudados, com a técnica do quadrado em diferentes locais observados, tudo era registrado para depois ser comparado. Um solo é escuro, o outro é branco, tem o marrom e também o amarelo, não existe nada igual, um é fértil e cheiroso, mas o outro, já foi todo degradado e precisa ser recuperado.

A agrofloresta! Que coisa maravilhosa!

Junta árvore com agricultura, e também a criação, pois no mesmo lugar, facilita a produção e também a preservação. Isso tudo é muito bom!

A questão agrária, que também era estudada, no Assentamento 13 de

¹ Ex-professora do CEIER de Águia Branca.

Maior a visita era realizada, com a presença das famílias as informações eram complementadas, muita história de luta, pela terra para produzir o pão. Tinha reza, dança e futebol e por fim poesias declamadas.

Nossa equipe era unida, alegre e criativa. Muitos projetos, murais e teatros, de tudo a gente fazia. Até a radiofonização não deixamos de fazer, pega isso, pega aquilo era muita animação, pois estava chegando a hora da apresentação.

Numa tarde de encontro sob a sombra das palmeiras, estávamos todos planejando, como seria o jornal escola, cada detalhe das notícias, o que cada um faria, de repente surgiu a dúvida que nome o jornal teria? Arlete olhou para cima e uma ideia teria, respondeu a todos dizendo: Folha do Açai seria.

À sombra do Ingazeiro às margens do rio Jabuticaba, lá estávamos nós com uma turma de alunos(as), para realizar uma aula interdisciplinar, Geografia, Matemática e também Agricultura, e com grande alegria a vazão do rio aprender a calcular, com a garrafa boiando, o cronômetro marcando e um outro aluno registrando, e no final, todos acabaram se banhando.

Mesmo sem sombra, à luz do sol a iluminar, lá estávamos nós no terreiro com os alunos, no chão de terra a desenhar, um labirinto bem grande, e jogar o dado gigante, responder a tabuada e aprender a lição, isso era muito bom, estudar com diversão.

À sombra de tantas árvores, lá estávamos nós, toda a equipe escolar para juntos realizar a leitura de um livro: Quem mexeu no meu queijo? De forma circular cada uma lia um trecho até o livro acabar, nunca saiu da minha memória este momento singular.

Lembro, como lembro! e sinto saudades daquele dia à sombra das palmeiras, lá em cima da colina, era oficina de leitura que acontecia uma vez por semana, em diferentes ambientes, um colega professor estava no chão muitas folhas da palmeira e sobre elas vários livros e revistas, os alunos curiosos escolhiam com atenção e para fazer a leitura deitavam naquele chão.

À sombra dos Açais, lá estávamos nós, às margens do riozinho, cada aluno com seu barquinho, feito com todo carinho à sua maneira e criatividade. Os barquinhos desciam as águas, bem de mansinho, bem devagarinho, naquele riozinho. Isso servia para explicar como se procedeu as primeiras civilizações e a história das Grandes Navegações.

Em quatro dias da semana, uma hora cada dia, sempre depois do almoço, à sombra de qualquer árvore, em bancos rústicos de madeira, as Oficinas Pedagógicas aconteciam, os alunos escolhiam o que queriam aprender: teclado, pintura, dança, capoeira, bordado ou violão, isso ajuda a pessoa ser um bom cidadão e no futuro ter o seu ganha pão. E como era bom!

Sob à sombra de muitas árvores, professores, alunos e pais em mutirão,

foram subindo aquele morro, abrindo caminho estreito, fazendo curvas e pontes, para mostrar um novo jeito e recuperar de novo aquele morro, pois o resto da plantação estava morrendo na erosão, um professor amigo deu início a plantação, que agora passa a ser área de preservação, a Trilha Ecológica é lugar de estimação, e leva o seu nome com muita gratidão.

Oh que coisa legal! Oh que coisa interessante! Foi a realização dos aulões itinerantes. Era final de ano, muita chuva que caía, o ônibus não podia passar e sem alunos na escola, não tem como estudar. Lá vamos nós, no carro da escola, levando tudo o que precisa para o aulão acontecer, no Barra Seca, no Trinta e no São Pedro para o ano não perder. Na igreja, no coreto, na sala da catequese ou à sombra da castanheira, todo lugar servia para estudar, aprender e se aprovar.

Encerramento de trimestre era uma coisa muito legal, acontecia em qualquer local; na cachoeira, no campo de futebol, no Assentamento, no Parque da Ilha ou no pátio da escola; era muita animação, cada turma apresentava tudo que tinha estudado através de teatros, cartazes, danças, júri simulado, poesias, poemas e paródias; todos queriam participar, tinha convidados especiais, autoridades e a presença dos pais.

Não posso deixar de mencionar como era legal trabalhar no CEIER, não tinha separação entre alunos, professores, funcionários em geral, éramos uma família, uma amizade sem igual, não tinha separação, sentávamos no chão, sentávamos na grama, corria, brincava e conversava com amizade e grande alegria.

À sombra das Gliricídias, naquela baixada macia, era a horta sombreada, alface, couve, repolho, tomate, cenoura, beterraba e bertalha, os alunos aprendiam a cultivar na prática, todo dia, e consumir a salada no almoço era uma alegria. Na horta, no pomar, no aviário ou na poçilga, aula prática acontecia, turma pra cá, turma pra lá, na Agricultura e Zootecnia.

À sombra das barracas feitas de bambu e folhas de palmeiras, no terreiro da escola, era onde acontecia a festa de integração, alunos, pais e comunidades, participavam primeiro da tal celebração, tinha almoço, capoeira, dança, música e muita animação, passavam o dia todo, olhando os trabalhos em exposição, crianças brincavam no chão, as famílias se reuniam pra arrematar o leilão. Quanta diversão!

Uma fase importante que também contribuí, foi a produção das cartilhas, material de grande valia, com várias parcerias, e muita sabedoria, de tudo que os CEIER's tinha, era o tema de cada cartilha: Compostagem, horta orgânica e sombreada, influência da Lua, capim vetiver, cerca elétrica, árvores, água solo e sombra, eram apenas algumas, adubação verde, biofertilizantes, plantas medicinais e outras mais, para divulgar e ensinar como deve cultivar, e até a proposta pedagógica de forma interdisciplinar. Sobre tudo isso, não me canso de falar.

A cabeça está a mil, pensa em tudo o que viu, ensinou e aprendeu, de muitas coisas ainda não falei, não foi por esquecimento, guardo na mente e também no coração, os demais assuntos então, vai em outra ocasião, neste momento sinto muita emoção, alegria e gratidão de ter contribuído, com o resgate da história neste livro de memórias. Gratidão! Gratidão! Gratidão!

CENTROS DIGITAIS – UMA PARCERIA REAL ENTRE O CEIER E A SEAG

Vinícius Soares da Costa¹

A relação do CEIER com a Secretaria de Agricultura é histórica e real. Em 2007, quando a Secretaria institucionalizou o Programa de Valorização da Juventude Rural, o Centro Estadual foi um dos espaços beneficiados pelas ações propostas no escopo do Programa. Ao se propor a valorização da juventude rural, a visão era de que até 2025 “a juventude rural fosse símbolo da construção plena do ‘Jovem Cidadão’, consciente dos seus direitos e deveres, inserido no seu tempo, capaz de contribuir para um tempo novo, centrado no seu desenvolvimento em interação com sua família, com sua comunidade, numa dimensão universal”. Dentre os principais projetos, destacam-se o Projeto Fortalecimento dos Núcleos Sociais de Jovens Rurais – Para Uma Cultura de Paz, Qualificação Social e Profissional, Arte do Saber e Cultura e Juventude Rural.

Apenas para ilustrar, citam-se os quatrocentos jovens, inclusos aqui muitos vinculados aos CEIERS, certificados após a realização dos cursos de capacitação nas áreas de Gestão da Propriedade Rural e Gestão da Unidade Pesqueira em 2013 e o investimento do Governo do Estado de R\$ 560.812,00 para a realização dos mesmos.

Com a mudança de gestão, o antigo Programa de Valorização foi descontinuado até 2019, quando criou-se O Programa Jovens no Campo e na Pesca – Juventude Rural e Sucessão Familiar. Tal programa estruturou-se com o objetivo de retomar as ações e projetos exitosos executados no escopo do antigo Programa de Valorização da Juventude Rural e de pensar, estruturar e propor novas ações voltadas para os Jovens do Estado do Espírito Santo que vivem no Campo e da Pesca.

O Programa Jovens no Campo e na Pesca – Juventude Rural e Sucessão Familiar foi construído com a participação da juventude rural e se desenhou com 19 metas e mais de 100 atividades a serem desenvolvidas. O processo de reestruturação iniciou-se no dia 31 de outubro de 2019, com uma reunião de apresentação das intenções por parte da Secretaria Estadual de Agricultura, sendo sucedido pela formação de um Grupo de Trabalho – GT e a disponibilização

¹ Coordenador do Programa Jovens no Campo e na Pesca, responsável pela disponibilização de equipamentos digitais aos três CEIERS.

de um formulário para o apontamento dos principais problemas, soluções e parceiros institucionais que poderiam auxiliar na execução do mesmo.

Após as contribuições, onde representantes dos Centros de Educação Rural atuaram de forma ativa, trabalhou-se a tabulação de todos os apontamentos organizando-os em 7 eixos principais, a saber, Base (levantamento de dados), Sucessão e protagonismo, Trabalho e renda, Educação no campo, Meio Ambiente, Infraestrutura e Qualidade de vida.

Dessa forma, e para efeito de contextualização, destaca-se que dessas contribuições recebidas, as mais recorrentes dizem respeito ao acesso à internet, ao fomento à educação no campo e ao protagonismo jovem.

Nessa perspectiva do acesso à internet, ao analisar os dados de uso da “Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC”, publicado em 2021 pelo IBGE, tem-se uma melhor identificação dos principais desafios vividos no meio rural. Dos domicílios rurais, 16,2% não acessaram a internet devido à indisponibilidade do serviço, 22,3% não possuía morador que sabia usar a internet e 28,2% esbarraram nos altos custos dos serviços de internet.

Quando se correlaciona o uso da internet e os grupos de idade, percebe-se que o maior uso foi naqueles compreendidos entre 14 e 29 anos. Em uma média simples, 93,5% dos componentes dessas faixas etárias utilizaram a internet em 2021. Dessa forma, os dados corroboram para uma percepção que é clara e unânime: os jovens são aqueles que mais utilizam a internet.

No entanto, outro dado apresentado chama a atenção. Ainda segundo o levantamento do IBGE, 93,9% dos acessos a internet no meio rural foram para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail. Dessa forma, percebe-se que o uso da internet pode ser potencializado e aliado ao processo de capacitação e desenvolvimento dos jovens rurais.

Um dos projetos desenvolvidos foi o dos Centros Digitais, visando à disponibilização de equipamentos de mídia e de informática com o intuito de otimizar o acesso à internet pelos jovens rurais, aumentar a vivência tecnológica e com a informática, ser um aliado ao processo de capacitação e de produções técnicas e culturais e fomentar as interações interpessoais e a socialização.

Dentre os equipamentos que foram disponibilizados constam: micro-computador, projetor multimídia, multifuncional, notebook, tablet, câmera fotográfica digital, câmera de ação e caixa de som amplificada. De posse desses equipamentos, os jovens rurais receberão treinamentos, capacitações e acompanhamentos objetivando a potencialização do uso e a confecção de materiais técnicos e culturais. A conclusão desse processo será com a realização de eventos técnicos e culturais onde os participantes apresentarão suas produções construídas ao longo do processo e com auxílio das ferramentas disponibilizadas.

Os Centros Digitais foram implementados em espaços educacionais com viés agropecuário, inclusos aqui os Centros Estaduais Integrados de Educação Rural. Dessa forma, além de perseguir os objetivos aqui já relatados, pretendeu-se incrementar a estrutura educacional, proporcionando ferramentas tecnológicas àqueles envolvidos na dinâmica de ensino-aprendizagem e que sejam aliadas ao processo de crescimento. Embora o breve relato, aqui apresentado, seja sobre a implementação de um Centro Digital, o mesmo apenas exemplifica que a parceria com o CEIER sempre foi e sempre será real.

REFERÊNCIA:

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

OFICINA DE CAPOEIRA DO CEIER: UMA HISTÓRIA PARA A VIDA

Fernando Alexandre Furtado dos Reis¹

No mês de fevereiro de 2009, desembarquei na cidade de Águia Branca para trabalhar no CEIER. Como não sabia onde ficava a escola, tentei buscar informações com as pessoas que estavam na “rodoviária”. Perguntei como poderia chegar ao CEIER, mas ninguém me respondeu; aparentemente, as pessoas não conheciam a escola. Na verdade, a pergunta estava errada; deveria ter perguntado: como posso chegar ao CIER, escola do Paulo Pilon? Uma boa alma me explicou que era a escola do Paulo; outro confirmou: “ele está falando do CIER lá do São Pedro.” Depois dessas informações, percebi que a escola tinha algum problema de identidade e que este Paulo era o “cara”.

Após algum tempo de trabalho no CEIER, percebi que a escola era um espaço fértil de aprendizagem. Aulas de agricultura, economia doméstica, oficinas, estudos monitorados, temas geradores com perspectiva agroecológica, festa com a comunidade, dia de campo, sarau com apresentações dos estudantes para a comunidade. O mais surpreendente para mim foi ver que a escola funcionava em tempo integral e atendia estudantes da quinta série ao ensino técnico em agropecuária integrado ao ensino médio. A minha surpresa tem razão de ser; nasci e fui criado na “roça”; minha terra natal é o município de Espera Feliz em Minas Gerais. Fui acostumado a associar escola, ou como diria o “povo da roça”, o estudo, às pessoas da cidade; o lema era: se você quer ser alguém na vida, tem que sair da roça para estudar; ninguém precisa de estudo para “cortar minhoca”.

A situação do CEIER, por mais que tenha me surpreendido positivamente, mostrava o drama de uma escola situada no ambiente rural. A lista de problemas era grande: estrutura física precária, falta de ferramentas para o campo, dificuldade de financiar as atividades de aprendizagem agrícolas, carga horária de professores que mudavam a cada novo governo que assumia a educação do Estado, ameaça frequente de fechamento da escola. Poderia continuar listando mais problemas, mas algo acontecia no CEIER que superava todas as suas dificuldades, visto o fato da instituição se manter viva desde a década de 80 apesar de todas as adversidades.

Vou usar um exemplo para ilustrar certa mística que envolve a escola.

¹ Ex-professor de História e Filosofia do CEIER de Águia Branca (2009 a 2015).

Normalmente, quando vemos algo inexplicável acontecer, sugerimos que a causa seja metafísica, um milagre ou coisa do tipo. Quando falo de uma mística, estou me referindo a algo imaterial que move o espírito das pessoas e as une ao propósito de uma instituição; não tem uma explicação lógica e nem precisa ter. Vamos ao exemplo: nas primeiras semanas que estava trabalhando no CEIER, me avisaram que parte das minhas atribuições era desenvolver oficinas com os estudantes. As oficinas estavam vinculadas a algum talento do profissional que pudesse contribuir com a formação dos estudantes. No primeiro momento, não havia nada de especial para oferecer aos estudantes. Contudo, ao andar pela escola, encontrei um berimbau. Tenho que explicar que desde os 14 anos pratico a arte da capoeira. Neste momento, pensei na possibilidade de fazer uma oficina de capoeira. Na época, trabalhava na escola um professor de educação física que era capoeirista e achou uma boa ideia desenvolvermos a oficina de capoeira.

Neste momento, alguém poderia perguntar qual a relação entre a mística do CEIER e a oficina de capoeira. Aparentemente, era apenas uma oficina como qualquer outra desenvolvida na escola. Ocorre que, quando comecei a jogar capoeira aos 14 anos, meu interesse era praticar uma luta para defesa pessoal. Esclareço que o grupo de capoeira ao qual pertencia funcionava em um terreiro de secar café. Duas vezes por semana, um dos membros do grupo buscava de motocicleta o professor de capoeira na cidade de Espera Feliz. Frequentei durante 6 anos o grupo de capoeira. Neste período, nunca me destaquei como um bom capoeirista. Neste caso, pensar em ser um professor de capoeira seria um delírio.

O que me animou a fazer a oficina de capoeira foi à parceria com o professor de educação física. A oficina de capoeira, desde seu início, teve uma procura muito grande dos estudantes e movimentava toda a escola. A oficina de capoeira passou a ser o cartão de visita da escola, chegando a ter cerca de 70 estudantes participando em vários horários ao longo da semana. Como explicar de maneira lógica o caso de uma pessoa que aprendeu capoeira em um terreiro de secar café e nunca teve um grande desempenho na arte do jogo da capoeira, fazer parte de uma oficina de capoeira que era um sucesso absoluto? Alguém poderia dizer que era mérito do professor de educação física, o que seria uma resposta plausível. Contudo, o professor de educação física deixou a escola algum tempo depois de começar a oficina de capoeira. Neste caso, a saída do professor poderia ser o fim da história, mas ela estava apenas começando.

A oficina de capoeira era um espaço de inclusão dos vários estudantes que, no cotidiano da escola, não eram destaque acadêmico. Na roda de capoeira, todos devem participar para que o jogo ocorra. A roda de capoeira é um ambiente complexo, composto por instrumentos como berimbau, atabaque, pandeiro. Os cantos e as palmas dão unidade e vida à roda. O jogo tem como base a ginga e

se desenvolve com golpes, floreios e esquivas. Tudo tem que funcionar de modo harmônico; neste caso, todos os participantes da roda têm a mesma dignidade, não existindo um elemento superior ao outro.

Lembro de um estudante que tinha muita dificuldade de fazer os floreios e executar os golpes, mas era quem organizava a roda; se alguém não estivesse cantando ou batendo palmas, fazia cobranças enérgicas e todos atendiam ao seu pedido. Presenciar esta experiência foi muito enriquecedor, pois, na maior parte das vezes, valorizamos quem tem a capacidade de fazer um floreio bonito (“beija-flor”, “macaco”, “S” dobrado, “bananeira”, “queda de rins”, “mortal”, etc.) ou executar com perfeição os golpes (“martelo”, “meia lua”, “armada”, “queixada”, “martelo rodado”, etc.). Tanto os floreios quanto os golpes só alcançam sua beleza se a roda estiver com os instrumentos, as palmas e os cantos em plena harmonia.

A oficina tinha momentos bem definidos para o desenvolvimento da prática da capoeira, respeitando todos os elementos desta arte de defesa pessoal criada pela cultura afro-brasileira. A aula iniciava com a formação da roda. Devo aqui esclarecer que é no interior da roda que acontece o jogo da capoeira; o capoeirista precisa aprender todas as regras e dinâmicas da roda. No segundo momento, é inserido na aula os ritmos e instrumentos que compõem a roda de capoeira. No terceiro momento, se aprende a gingar. A ginga é o elemento central do jogo da capoeira, é a base de onde todos os movimentos de golpes, floreios e esquivas são executados. Por último, os golpes, floreios e esquivas são aprendidos.

Devo esclarecer que a capoeira é uma arte de defesa pessoal, foi criada pelos negros escravizados para se defender da violência de seus “senhores”. No momento que vivemos, não há mais a necessidade de usarmos a violência pessoal para nos defender. Sendo assim, nas oficinas, a prática da capoeira sempre teve como intenção: o desenvolvimento físico, pela alta exigência da execução dos movimentos; a formação da consciência moral através do respeito às regras próprias da capoeira; a socialização, por ser uma atividade feita em grupo; a valorização da cultura afro-brasileira, sendo atividade de combate ao racismo estrutural.

Muitos foram os estudantes que passaram pela oficina de capoeira e tiveram ganhos significativos em sua formação educacional. As lembranças são muitas, a turma mais indisciplinada da escola na época tinha predileção pela capoeira; ao longo do tempo, muitos estudantes se revelaram bons capoeiristas, mas, acima de tudo, pessoas melhores no convívio escolar. Havia estudantes que tinham dificuldade de reconhecer seu próprio corpo; lembro de um estudante da 5ª série do ensino fundamental que era mais alto que todos os outros da sua turma; em uma das oficinas, estava ensinando um golpe chamado “martelo”; era um movimento de baixa dificuldade para ser realizado; todos que estavam

na aula conseguiram realizar o golpe, exceto o aluno em questão. Os colegas começaram a rir dele; não chamei a atenção dos que estavam rindo, mas disse ao aluno que ele deveria chutar com toda a sua força, estava com um chinelo na mão e disse: chute este chinelo. Ele chutou, chutou e, incentivado por mim e para espanto de todos, deu um chute tão forte que o chinelo soltou da minha mão. O estudante, pela primeira vez, percebeu que era fisicamente mais forte que todos os outros que, até aquele momento, o ridicularizavam.

Ao longo do tempo que ofereci a oficina de capoeira, foram feitos dois exames de cordel. Na capoeira, a graduação é pela troca de corda ou cordel, acessório que o capoeirista usa na cintura. Os exames de cordel foram momentos marcantes, pela confirmação de todo esforço feito pelos estudantes nos vários encontros semanais no decorrer dos anos. Por trás de cada entrega de cordel estava a história de cada estudante que superou alguma limitação, seja ela física, moral ou social. Quero esclarecer que só poderia pegar o cordel quem tivesse as condições de jogar capoeira, de tocar os instrumentos, que fosse participativo na roda cantando e batendo palmas e tendo um comportamento respeitoso com todos.

A oficina de capoeira me fez perceber que as coisas que fazemos na vida, sejam elas quais forem, fazem parte de nossa formação como ser humano. As oficinas realizadas no CEIER devem ser valorizadas por possibilitar ambientes educacionais que vão além das disciplinas escolares. Os profissionais que trabalhavam no CEIER durante todo o período que estive à frente da oficina de capoeira me apoiaram de modo irrestrito. Sem o apoio de todos, não haveria ambiente para que a oficina tivesse sucesso.

POSFÁCIO

Roberto Telau

Era novembro de 1988, eu estudava a quarta série do ensino fundamental na Escola Unidocente “Carlos Telau” e minha turma foi convidada para fazer uma visita ao CEIER de Boa Esperança, onde fomos recebidos pela diretora Derlinda de Aguiar Carvalho e pelo professor Lozenil Rodrigues. O objetivo da visita era apresentar a escola para os possíveis alunos do ano de 1989. Naquela manhã, nós visitamos os prédios e a propriedade agrícola, como suas inúmeras novidades: horta de ervas medicinais, minhocário, plantios sombreados, compostagem, criação de galinhas e suínos, viveiro de mudas, jardinagem, enfim, era tudo muito organizado e zelado como um sítio de gente caprichosa. Ao final da visita, cada um de nós recebeu uma muda de árvore frutífera. Eu recebi, das mãos do professor Lozenil, uma jabuticabeira, que hoje, imensamente florada, inclusive, é uma planta exuberante do jardim da minha casa.

Quis iniciar o posfácio da obra contando essa história, pois eu não saberia como rematar uma coletânea de memórias afetivas sem trazer as lembranças, o afeto ao escrito. Esse meu primeiro contato com a proposta de escola do CEIER marcou uma fase importante na minha história de vida; aquele singelo presente da escola faz parte do meu ambiente de vida e, embora eu não tenha estudado no CEIER, por muitas vezes ele cruzou o meu trabalho, como morador de Boa Esperança, agricultor familiar, educador da Pedagogia da Alternância e pesquisador da Educação do Campo. E sempre que isso ocorreu, minhas memórias afetivas estavam lá para dar sentido, significado e representação a esses encontros.

Milhares de afetos como o meu constituem as memórias de cidadãos capixabas e do mundo sobre os CEIERs, pois são 40 anos de educação sendo promovida por meio de uma proposta pensada com estima, com participação popular, no cotidiano da escola. O modelo pedagógico dos CEIERs não foi importado, embora inspirado em outras experiências e nas convicções de seus idealizadores, mas foi construído no seu fazer cotidiano e passou a fazer parte da rotina de muitas famílias, que não apenas mandavam os filhos para a escola, mas acabavam se envolvendo nessa filosofia educacional alternativa, que sempre primou pela sustentabilidade, equidade, soberania, diversidade/pluralidade.

Esse movimento legitimamente capixaba que já formou tantas pessoas ao longo dessas quatro décadas, oportunizou a disseminação e a produção do conhecimento, tornou-se marca na vida de tantos sujeitos, a exemplo desses que

compartilharam suas memórias afetivas nesse livro, soma-se à tantas outras experiências para constituir o Movimento da Educação do Campo no Brasil, que fomenta e acompanha experiências de encorajamento e fortalecimento da identidade e protagonismo de coletivos camponeses, muitas vezes enfraquecidos – em sua cultura, em seus grupos sociais, em seus modos peculiares de viver, trabalhar e relacionar com a sociedade e com a natureza – pelos modelos de produção que têm como primazia o mercado e, conseqüentemente, a acumulação de riquezas.

Assim, os CEIER são também um espaço de luta e resistência desses povos, que enxergaram na escola não apenas um viés instrutivo, mas um espaço cultural, no qual é possível refletir a vida e entender as contradições sociais que constituem os modelos econômicos e culturais que afetam profundamente seu tempo e sua existência.

E ainda vale ressaltar que o CEIER participa do Movimento da Educação do Campo, antecipando a discussão da dicotomia campo e cidade, talvez não de forma voluntária, mas foi condicionado pela realidade a se abrir para o público urbano e eu acredito que esse fluxo tenha ensinado ao CEIER que campo e camponês não são conceitos que se estabelecem por determinação geográfica, mas por subjetividades e modos de vida em perímetros rurais e urbanos. E que sujeitos residentes em territórios diferentes podem e devem compartilhar saberes e crescerem em paz, cooperação e harmonia.

A experiência é belíssima porque, entre outras causas, implica ao estado ser mais público do que estatal; mais vinculado aos interesses dos grupos sociais que o constitui majoritariamente, do que aos de um grupo privado, recuperando os fundamentos modernos da democracia e dos ideais de equidade.

Assim, vamos construindo a muitas mãos, de muitas formas o legado da educação brasileira, que nunca, nem nos momentos mais sombrios da história do nosso país, dobrou-se ou recuou a retrocessos políticos, pedagógicos e culturais. Pequena, mas bela e potente, a história dos CEIERS nos inspira a seguir em frente.

Que nos próximos anos que virão [que sejam muitos e prósperos!], novas experiências como as dos CEIERS possam ser gestadas para que os ideais de uma educação emancipatória se concretizem em práticas consistentes, possíveis, desejadas e queridas pelas pessoas. É preciso avançar, com compromisso e responsabilidade com nossos princípios.

Essa rica e promissora experiência não deve ficar restrita somente a nós e a quem por ela faça opção. Ela pode entrar no rol da oferta pública e obrigatória ao estado e de direito dos camponeses, pelo motivo de que as belas obras não foram feitas para ficarem escondidas, mas para serem mostradas, apreciadas e aproveitadas. “E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso, ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram

vejam a luz. Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz” (Lc. 8, 16-17).

Relatos, como este que posfacio, são candeeiros que põe em evidência os raios de luz; que possibilitam clarear a visão e conhecer as arestas, os contornos, os detalhes da obra. Quiçá esta publicação possa chegar não apenas ao público especializado, mas a todos aqueles que amam a educação e acreditam existir nela um forte potencial para a emancipação humana; que nossos queridos e ilustres autores sejam porta-vozes e vanguardistas dos próximos aniversários que virão.

SOBRE OS AUTORES

	<p>Aldivania Alves Salvador Wernz Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PPGEA/UFRRJ. Pesquisadora sobre Educação Matemática. Possui também graduação em Finanças Corporativas pela Universidade Nove de Julho -SP, Licenciatura em Matemática pela Faculdade Capixaba da Serra, e Licenciatura em Física pela Universidade Metropolitana de Santos-SP. Especialização em Metodologia da Matemática, Especialização em Educação Ambiental ambas pela Faculdade São Francisco de Assis, Especialização em Matemática na Prática para o Ensino Médio e Especialização em Especialização em Educação do Campo-Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES.</p>
	<p>Ana Maria Ptak Graduada em Geografia pela FAFIC - Colatina (1998), pós-graduada em três cursos: Gestão Ambiental e Sistemas Florestais pela UFLA (2002); Docência Superior, pela Faculdade Novo Milênio (2003) e Educação do Campo - Interculturalidade e Campesinato, pela UFES (2012). Formação em Homeopatia (2008) e diversos cursos em Plantas Medicinais e Qualidade de Vida pela UFV (até 2020).</p>
	<p>Ana Miranda Costa Educadora de escolas de Assentamentos – SEDU. Licenciada em Pedagogia da Terra – UFES. Pós-graduação “Lato Sensu” em Gestão Escolar Integradora: Supervisão, Orientação, e Inspeção Escolar - Universidade Castelo Branco. Pós-Graduação “Lato Sensu” Educação do Campo – Universidade Castelo Branco. Pós-Graduação “Lato Sensu” em Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental – Cândido Mendes. Mestranda da UFRRJ.</p>

	<p>Angélica Fornazier Técnica em Agropecuária pelo CEIER de Águia Branca. Licenciada em Ciências Agrícolas pelo IFES <i>campus</i> Itapina. Licenciada em Ciências Biológicas pela UNIMES. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ. Professora do CEIER de Águia Branca desde o ano de 2019.</p>
	<p>Arlete Rosa Gobbi de Almeida Sou formada em Geografia pela FAFIC (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina) e Pedagogia pela UNI SABER Colégio e Faculdade. Pós graduação Lato Sensu em Planejamento Educacional pela Associação Salgado de Oliveira de Educação e Cultura Faculdades Integradas de São Gonçalo e Especialização Lato Sensu em Agroecologia pelo Instituto Federal do Paraná. Professora Concursada na disciplina de Geografia. Tenho curso de Informática Educativa para atuar como professora mediadora do LIEd e exerci a função também de coordenadora de turno no CEIER de Águia Branca. E hoje professora aposentada e agricultora familiar. Estou na presidência da APROVIC (Associação dos Produtores Rurais da Vicinal 06), Caroebe - RR.</p>
	<p>Aulira Lemke Alves Rossini Tenho 49 anos, moro no Córrego São Roque do Estevão, no município de Vila Pavão. Sou casada com Negiõne Rossini a 30 anos e tenho quatro filhos. Hoje, trabalho na minha agroindústria de polpa de fruta e água de coco e na nossa propriedade com a horticultura, cafeicultura e fruticultura. Faço parte da APROVIPA (Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Vila Pavão), participo do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), CDA (Compra Direta de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e faço vendas diretas na feira da nossa cidade local.</p>

	<p>Camila Diirr Febroni de Oliveira Sou professora efetiva em 2008 na rede municipal de Águia Branca atuando nas séries iniciais e efetiva na rede estadual em 2014 na disciplina de história. Sou formada em História e Pedagogia com pós-graduação nas duas áreas.</p>
	<p>Carla Lidiane Oliveira de Souza Licenciada em Ciências Agrícolas pela UFRRJ, especialista em Educação Ambiental pela FASE, em Educação do Campo pela Faculdade Vale do Cricaré e mestranda em Agricultura Orgânica -PPGAO/UFRRJ, atua há treze anos lecionando no CEIER de Vila Pavão.</p>
	<p>Carmem Helena Gobbi de Lasari Fez o Magistério em 1986 e o Contabilidade em 1987, na então Escola de 1º e 2º Graus Águia Branca. Em 1991 concluiu o Curso de História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina. Fez Pós-graduação Gestão de Programas de Reforma Agrária e Assentamento, da Universidade Federal de Lavras, em 2002 e Pós-graduação em Orientação Educacional, pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá, em 2007. Hoje leciona a disciplina História no CEIER de Águia Branca.</p>
	<p>Claudiney Helmer Mestrado em Ensino de Humanidades; Pós-graduado em Educação do Campo; Tecnólogo em Agronegócio; Licenciado em Física. Tempo de experiência: 22 anos na educação – 18 anos de Ceier.</p>

	<p>Dulcino Bento Zucatei Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Estado do Espírito Santo - UFES (1979 a 1982). 1983 - 1984: Contrato pela Prefeitura de Nova Venécia à disposição do CEIER. 1985 - 2000: Contrato pela Secretaria de Estado da Agricultura à disposição do CEIER. 2001 - 2015: INCAPER. 2016 – Deixa a atividade ativa (aposentado).</p>
	<p>Edimar Almeida da Cruz Graduado em Licenciatura em Ciências Agrícolas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA/UFRRJ), e doutorando em Agrobiologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação Agropecuária. Atualmente, atuo como professor na disciplina de Culturas Perenes e Anuais, oferecida na parte diversificada do curso de Ensino Fundamental do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca (CEIER-AB).</p>
	<p>Fernando Alexandre Furtado dos Reis Licenciatura em Filosofia; Licenciatura em História; Pós-graduação em Filosofia Clínica; Mestrado em Educação Agrícola.</p>
	<p>Francielly Vieira de Brito Mestra em Educação Agrícola, Especialista em Gestão Escolar Integradora, Educação do Campo, Práticas Pedagógicas e Ensino Religioso. Graduada em Ciências Biológicas e Letras. Professora no Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca.</p>

	<p>Gilvanete Lisboa dos Santos Mestra em Agricultura Orgânica pela UFRRJ – PPGAO, Pós Graduada em Educação do Campo e em Gestão Ambiental, Licenciada em Ciências Agrícolas. Atua há mais de dez anos na Educação do Campo como professora efetiva do Centro Municipal de Educação Agroecológica e designação temporária no Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Vila Pavão. Atualmente também desenvolve trabalhos de Educação Ambiental pela SMMA de Vila Pavão.</p>
	<p>Gleidiane dos Santos Ferreira Licenciada em Pedagogia, Filosofia e Educação Física, especialista em Gestão Escolar, Educação Física Escolar e Ensino Religioso. Professora do CEIER de Boa Esperança a mais de 15 anos, sendo dedicados ao cargo de Coordenadora de Turno e às disciplinas de Educação Física, Filosofia e Ensino Religioso.</p>
	<p>Guilherme Alves Pereira Professor (DT) do CEIER/VP, desde 2010 atuando no Ensino fundamental II e Ensino médio integrado ao técnico em agropecuária na área de Zootecnia/ Produção Animal; Licenciado em Ciências Agrícolas pela UFRRJ – 2010; Pós graduado em Educação do campo pela UFES – 2022; Mestrando em Educação em Educação Agrícola / PPGA, UFRRJ - 2023.</p>
	<p>Hudson Guimarães Rodrigues Formado em Licenciatura em Ciências Agrícolas, pós-graduado em Educação Ambiental (UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Atuação profissional: Professor de Agricultura I - Horticultura, CEIER - Boa Esperança.</p>
	<p>Ilka Carla Cars Licenciatura em História na Faculdade de Ciências e Letras de Colatina- FAFIC. Especialização em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira. Ex-professora e ex-diretora do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca. Atualmente professora de História e Professora Coordenadora de Área de Ciências Humanas Sociais na EEEFM Ana Maria Carletti Quiuqui.</p>

	<p>Jaiany Pereira Professora de Língua Portuguesa, no CEIER de Vila Pavão. Graduada em Letras - Língua Portuguesa, Pós-Graduada em Metodologias e Práticas para o Ensino Fundamental.</p>
	<p>Janacélia Andrade Lacerda Destefani Graduada em Pedagogia pela UFES, Licenciada em Matemática pela Faculdade de Uberaba - MG. Pós-graduada em Matemática pela UFES, Pós-graduada em Educação do Campo – Interculturalidade e Campesinato em Processos educativos pela UFES, atualmente, mestranda em Gestão Integrada de Território pela UNIVALE – MG. Professora durante 10 anos na rede municipal de Ensino no Município de Águia Branca na EMCA “Fazenda Lacerda” e há 11 anos atuou na rede Estadual como professora de matemática no CEIER de Águia Branca.</p>
	<p>João Carlos Juliatti Graduado em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal do Espírito Santo (1983). Professor do CIER - Centro Integrado de Educação Rural - Águia Branca-ES (1983 a 1992). Secretário Municipal de Agricultura de São Gabriel da Palha (1993 a 1996). Subsecretário Estadual de Agricultura SEAG-ES (2000). Diretor Técnico do Incaper - ES (2001 a 2002). Aposentado como Extensionista Rural pelo Incaper ES.</p>
	<p>Jorcy Foerste Jacob Sou professora de história na rede pública estadual e municipal em Vila Velha, onde desenvolvo projetos culturais relacionados com cidadania, gênero, tecnologia e identidades étnicas. Tenho mestrado e licença em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Minhas pesquisas e projetos têm se concentrado nos domínios da história política, cultural e educacional.</p>

	<p>Jorge Kuster Jacob É filho de Sefridt Jacob e Amália Kuster. Fez ensino fundamental em Vila Pavão, Ensino Médio em Ivoti - RS. Faculdade de Ciências Sociais na Unisinos, São Leopoldo-RS. Foi professor de História, Ensino Religioso e Sociologia no CEIER. Pós em Planejamento Educacional. Foi diretor do CEIER. Secretário Municipal de Educação e Cultura de Vila Pavão.</p>
	<p>José Pacheco de Jesus DOUTOR em CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (2013-2016) - Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA - Asunción/PY) - MESTRE em EDUCAÇÃO - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES 2010-2012). Especialista em SUPERVISÃO ESCOLAR (2002) e Graduado em PEDAGOGIA (2000) - Federação de Escolas Faculdades Integradas Simonsen do Rio/RJ Especialista em MATEMÁTICA SUPERIOR (1988) e Graduado MATEMÁTICA (1981) - Licenciatura Plena - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga/MG. Atuou como professor: Escola Abílio Patto (Gov Valadares/MG); CNEC (Central de Minas/MG); Job Pimentel (Mantenópolis/ES); Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA); Colégio MARISTA e Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC) em Colatina/ES; Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER/AB-ES) em Águia Branca/ES e atualmente na EEEFM Wallace Castelo Dutra em São Mateus/ES. Tem experiência na área de Educação como SECRETÁRIO Municipal de Educação e Coordenador do Núcleo de Educação (Mantenópolis/ES). Experiência como TÉCNICO PEDAGÓGICO na Secretaria de Estado da Educação - SEDU - (Vitória/ES) e nas Superintendências Regionais de Educação - SRE - (Vitória/ES e Barra de São Francisco/ES). Foi membro do Comitê de EDUCAÇÃO DO CAMPO do ES - COMECES - (Vitória/ES). Membro do Grupo de Pesquisa “Culturas, Parcerias e Educação do Campo” – PPGE/UFES - (Vitória/ES). Pesquisador nos seguintes temas: Educação do Campo, natureza, vida e meio ambiente.</p>

	<p>Lorrâna Miranda Wolfgran Mestranda em Educação Agrícola (UFRRJ/ PPGEA). Especialista em Metodologia de Ensino de História na Educação Básica (Cândido Mendes). Graduada em Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Humanas e Sociais (UFES/CEUNES). Professora no Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca.</p>
	<p>Maria Aparecida da Silva Formação em Economia Doméstica pela UFV (Universidade Federal de Viçosa - MG), Serviço Social pela UNITINS de Tocantins e Pós Graduação em Educação Pobreza e Desigualdade Social pela UFES. Atualmente é professora de Economia Doméstica do 6º ao 9º do ensino fundamental II no CEIER de Águia Branca.</p>
	<p>Maria Aparecida Quiuqui de Abreu Secretária Municipal de Educação de Águia Branca/ ES. Formada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Colatina, com especialização em Língua Portuguesa pela Fundação Severino Sombra, RJ. Especialização em Planejamento Educacional pelas Faculdades Integradas de São Gonçalo, RJ. Formada em Psicologia pela Multivix – Nova Venécia/ ES. Iniciou carreira em 1987 como professora, esteve também diretora de escola da rede estadual e encerrou como Supervisora Pedagógica da SRE Barra de São Francisco em 2019. Já assumiu o cargo de secretária municipal de educação de Águia Branca de 2001 a 2004. É professora aposentada.</p>
	<p>Mateus Armani Sou estudante da terceira série do ensino médio do curso técnico em agropecuária na escola CEIER de Águia Branca. Estudo no CEIER desde 2017.</p>

	<p>Natália de Souza Furtado Licenciada em Ciências Agrícolas; Licenciada em Química; Pós-graduação em Mudanças Climáticas Projetos Sustentáveis e Crédito de Carbono; Mestre em Educação Agrícola.</p>
	<p>Renan Elvis Crivellaro Licenciado em Pedagogia pela FAEL (2010), licenciado em Filosofia pela UNIMES (2020). Especialização em Ensino de Filosofia e Psicopedagogia Institucional, Clínica e TGD pela FAVENI (2021). Ex-estudante, ex-estagiário e ex-professor do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Águia Branca (CEIER-AB), atua no setor de Secretaria do Grupo Educacional Master e cursa Mestrado em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.</p>
	<p>Roberto Telau É licenciado em Letras Português/Inglês (UNIVEN, 2005), especialista em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo (FAE/UFMG, 2013), Literatura Portuguesa e Brasileira (MULTIVIX, 2019), Orientação e Supervisão Escolar (MULTIVIX, 2021) e Mestre em Educação (FAE/UFMG, 2015). É professor do MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo) e da Prefeitura Municipal de Boa Esperança. Possui experiência na formação inicial e continuada de professores. É pesquisador vinculado ao GERES (Grupo de Estudos em Representações Sociais) FAE/UFMG. Atualmente, é Secretário Municipal de Educação de Boa Esperança-ES.</p>
	<p>Ronald da Silva Alves Professor e ator, nascido em Boa Esperança - ES. Formado em Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, ambos pela Ufes, atua na Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo, na função de Subgerente de Políticas e Processos da Gestão Escolar, na Gerência de Gestão Escolar. No CEIER de Boa Esperança, atuou como professor de Ciências, no período de 1999 a 2003.</p>

	<p>Sidnei Vinturino Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-Graduação Lato Sensu em Ética e Filosofia pela Faculdade Luso Capixaba. Atua como professor de Filosofia no Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Vila Pavão/ES.</p>
	<p>Taysnara Rodrigues Hastenreiter Souza Técnica em Agropecuária pela Escola Família Agrícola “Jacyra de Paula Miniguite; Licenciada em Educação do Campo – Ciências Agrárias pela UFRB; Mestranda em Educação Agrícola – PPGEA/UFRRJ.</p>
	<p>Vinícius Soares da Costa Graduado em Saneamento Ambiental e especialista em Licenciamento Ambiental, em Engenharia Sanitária e Ambiental e em Gestão do Agronegócio. Servidor do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo - IDAF, porém cedido à Secretaria Estadual de Agricultura, onde coordena o Programa Jovens no Campo e na Pesca.</p>
	<p>Virgínia Miranda Pereira Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (2006). Especialista em Educação Física Escolar pela Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA-2010). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física, na linha de pesquisa Educação Física, Cotidiano, Currículo e Formação Docente (UFES). Pesquisa temas como: Formação de professores/professoras, Educação física escolar, Processos de ensino aprendizagem nas series iniciais e na Educação Infantil. Participa do grupo de estudos e pesquisa dos professores de educação física da Prefeitura Municipal de Vila Velha. Atualmente é professora de educação física e coordenadora na Prefeitura Municipal de Vila Velha.</p>

SOBRE OS ORGANIZADORES

	<p>Rainei Rodrigues Jadejiski Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Pedagogo e professor de Geografia na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, localizado na coordenação pedagógica. Temas de interesse: Educação do Campo, Juventudes Rurais e Territorialidades.</p>
	<p>Aléssio Coco de Andrade Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF/UFES). Professor de Educação Física na Prefeitura Municipal de Nova Venécia e coordenador de turno na Prefeitura Municipal de Água Branca. Temas de interesse: Currículo e Educação do Campo.</p>
	<p>Erineu Foerste Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Fundou e coordena o Grupo de Pesquisa (CNPq) Culturas, Parcerias e Educação do Campo. Temas de interesse: Culturas, Línguas e Educação; Povos e Comunidades Tradicionais; Educação do Campo e Interculturalidade.</p>

ÍNDICE REMISSIVO

A

- AAFASP 32, 57
Agricultura 34, 36, 42, 54, 63, 65, 81, 85, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 103, 106, 116,
118, 120, 124, 125, 127, 138, 139, 140, 141, 145
Agroecologia 34, 36, 90, 117, 138
Agrofloresta 108, 120, 121, 123
Águia Branca 8, 20, 23, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 63, 65,
68, 70, 75, 77, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 98, 99, 100, 106, 108,
116, 118, 119, 123, 130, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146
Assentamento 29, 30, 42, 68, 122, 123, 125, 139

B

- Boa Esperança 8, 24, 41, 63, 78, 79, 86, 87, 96, 108, 112, 113, 114, 118, 134,
140, 141, 144

C

- Campo 8, 9, 10, 16, 20, 21, 27, 28, 29, 32, 34, 37, 38, 48, 49, 54, 55, 56, 57, 59, 60,
61, 62, 63, 66, 68, 69, 71, 74, 81, 83, 85, 87, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 102, 103,
104, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 120, 123, 125, 128, 130, 135, 140
CEIER's 3, 7, 8, 9, 10, 11, 86, 111, 117, 125
Centro Integrado de Educação Rural 29, 41, 62, 70, 81, 108, 141
Ciências 21, 32, 38, 53, 90, 94, 112, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145
Ciências Agrícolas 53, 90, 94, 137, 138, 139, 140, 141, 144
Ciências Humanas 21, 137, 141, 143
CIER 4, 5, 29, 30, 41, 62, 63, 64, 65, 66, 78, 81, 82, 96, 108, 109, 110, 111, 130, 141
Curso Técnico 41, 75, 102, 104, 105

E

- Economia doméstica 38, 90, 103, 116, 143
Educação 7, 8, 11, 17, 20, 21, 29, 30, 32, 34, 36, 40, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54,
57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 69, 75, 78, 83, 87, 88, 90, 98, 100, 104,
105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 128, 130, 131, 134,
135, 136, 139, 143, 145
Educação do Campo 7, 8, 10, 11, 12, 17, 20, 21, 32, 33, 34, 44, 54, 56, 59, 62,
63, 79, 87, 90, 98, 103, 104, 107, 108, 128, 134, 135, 137, 138, 139, 140,
141, 142, 143, 144, 145, 146
Educação e Cultura 41, 138, 142
ENEM 40, 94
Ensino Fundamental 45, 81, 91, 93, 96, 98, 116, 137, 139, 141
Ensino Médio Integrado 34, 75
Escola de Tempo Integral 46, 92, 116

F

- Família 8, 10, 21, 23, 27, 28, 32, 39, 46, 60, 66, 68, 75, 76, 77, 84, 85, 86, 92,

- 93, 95, 99, 102, 103, 116, 117, 118, 125, 127
Filosofia 11, 68, 71, 130, 138, 139, 140, 142, 143, 144
Formação 8, 10, 11, 18, 19, 28, 30, 49, 50, 52, 56, 57, 61, 63, 75, 90, 91, 92,
95, 96, 104, 105, 108, 109, 112, 114, 127, 131, 132, 133, 144
Formação de professores 11, 18, 30, 112
- G
- Geografia 32, 41, 43, 124, 137, 138, 146
- H
- História 9, 21, 41, 42, 43, 56, 108, 120, 130, 138, 139, 140, 141, 142, 143
homem do campo 8, 9, 10, 27, 32, 66, 74
- I
- Informática 46, 128
Instituto Federal 34, 52, 138
Interdisciplinaridade 22, 33, 41, 44, 50, 56, 76, 112, 123
- L
- Laboratório de Informática 32, 33, 83
Linguagem 11, 22, 45
- M
- Matemática 22, 38, 42, 43, 59, 101, 116, 124, 137, 141
Memórias 12, 14, 16, 23, 27, 36, 59, 61, 68, 87, 92, 99, 102, 106, 115, 123,
126, 134
Memórias afetivas 12, 27, 61, 102, 134
mulher 71, 72, 73, 74, 79, 91
- P
- Paulo Freire 49, 54, 56, 57, 69, 98, 108, 110
Paulo Pilon 41, 42, 88, 99, 116, 119, 130
- R
- Rural 7, 12, 20, 29, 32, 33, 41, 50, 53, 62, 70, 79, 81, 86, 87, 90, 96, 98, 102,
106, 108, 110, 113, 127, 128, 129, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144
- S
- SEDU 33, 41, 42, 53, 81, 87, 96, 137, 142
SRE 103, 142, 143
- T
- Tempo Integral 46, 92, 104, 116
- V
- Vila Pavão 8, 11, 27, 35, 41, 45, 52, 53, 62, 63, 64, 71, 85, 86, 87, 90, 95, 96,
102, 103, 104, 108, 109, 120, 121, 138, 140, 141, 142, 144
- Z
- Zootecnia 22, 65, 90, 103, 116, 125, 140

APOIO:

Adezilma Martins do Nascimento
Adriana Cristina Tótola Orletti
Alan Costa Oliveira
Alessandra Coco Pereira
Aléssio Coco de Andrade
Clediane Coco Domiciano Scota
Edelci de Andrade Coco
Elande Maria de Andrade Rodrigues
Ester Sousa Nunes
Iury de Andrade Rodrigues
Jordelina Coco Domiciano
Josiane dos Reis Borges
Julia Sousa Nunes
Kaiky de Andrade Rodrigues
Luzia Maria Anselmo
Maria Coco
Marinete Ribeiro
Rainei Rodrigues Jadejiski
Regina Célia de Andrade Delai
Sandra Mara Pilon
Shirley Terezinha de Andrade
Silveleny Martins do Nascimento da Silva
Vanda Célia de Andrade
Waléria Demoner Rossoni
Wilson José de Andrade

